

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
CENTRO DE ESTUDOS GERAIS
INSTITUTO DE LETRAS
MESTRADO EM ESTUDOS DE LINGUAGEM

MILENA TORRES DE AGUIAR

PADRÕES FUNCIONAIS NO USO DE PRONOMES LOCATIVOS:
UMA ABORDAGEM CONSTRUCIONAL

NITERÓI
2010

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

MILENA TORRES DE AGUIAR

PADRÕES FUNCIONAIS NO USO DE PRONOMES LOCATIVOS:
UMA ABORDAGEM CONSTRUCIONAL

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal Fluminense como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre. Área de Concentração: Estudos de Linguagem / Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. MARIANGELA RIOS DE OLIVEIRA

NITERÓI
2010

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Central do Gragoatá

A282 Aguiar, Milena Torres de.

Padrões funcionais no uso de pronomes locativos: uma abordagem construcional / Milena Torres de Aguiar. – 2010.

162 f.

Orientador: Mariangela Rios de Oliveira.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Letras, 2010.

Bibliografia: f. 116-121.

1. Língua portuguesa - Gramática. 2. Língua portuguesa - Advérbio.
3. Língua portuguesa – Sintagma nominal. 4. Metáfora. 5. Construção.
6. Funcionalismo (Linguística). I. Oliveira, Mariangela Rios de. II.
Universidade Federal Fluminense. Instituto de Letras. III. Título.

MILENA TORRES DE AGUIAR

PADRÕES FUNCIONAIS NO USO DE PRONOMES LOCATIVOS:
UMA ABORDAGEM CONSTRUCIONAL

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal Fluminense como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre. Área de Concentração: Estudos de Linguagem / Língua Portuguesa.

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª. Mariangela Rios de Oliveira (UFF) – Orientadora

Prof^ª. Dr^ª. Nilza Barrozo Dias (UFF)

Prof^ª. Dr^ª. Marcia dos Santos Machado Vieira (UFRJ)

Prof^ª. Dr^ª. Vanda Maria Cardozo Menezes (UFF) (suplente)

Prof^ª. Dr^ª. Victoria Wilson da Costa Coelho (UERJ/FFP) (suplente)

Niterói
2010

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ser meu caminho e minha força.

Aos meus queridos pais João e Regina, pelos princípios ensinados e por nunca terem medido nenhum esforço para me ajudar, estimulando-me sempre a lutar por meus ideais.

Aos meus adorados irmãos Leonardo e Leandro, por estarem sempre presentes me auxiliando e torcendo por mim.

Ao meu amado marido Mauro, por sempre ter me guiado, apoiado e incentivado com suas palavras e atitudes, meu companheiro e amigo de todos os momentos.

À minha adorada família e a de meu esposo, em especial, aos meus sogros Márcio e Estela, pela presença sempre querida e por dedicarem tanto carinho a mim.

À minha querida orientadora Mariangela Rios de Oliveira, minha eterna gratidão pela orientação sempre acompanhada de amizade, apoio, segurança e confiança.

Às professoras Nilza Barrozo e Márcia dos Machado, pelos direcionamentos apontados durante o exame de qualificação, essenciais para atingir a meta proposta.

Às professoras Vanda Cardozo e Victoria Wilson pela gentileza de aceitarem participar da suplência na banca.

Aos secretários e amigos Nelma e Luís Cláudio, por estarem sempre prontos a ajudar com muito carinho e atenção.

À minha querida amiga Alexsandra, por estar sempre ao meu lado e ter me incentivado e auxiliado durante a graduação e o mestrado.

A todos os meus amigos e amigas, pelo apoio incondicional, compreensão nos momentos de minha ausência e presença constante em minha vida.

EPÍGRAFE

Língua

Esta língua é como um elástico
que espicharam pelo mundo.

No início era tensa,
de tão clássica.
Com o tempo, foi-se amaciando,
foi-se tornando romântica,
incorporando os termos nativos
e amolecendo nas folhas de bananeira
as expressões mais sisudas.

Um elástico que já não se pode
mais trocar, de tão gasto;
nem se arrebenta mais, de tão forte.

Um elástico assim é como a vida
que nunca volta ao ponto de partida.

(Gilberto Mendonça Teles)

RESUMO

Adotando os pressupostos da teoria funcionalista de linguagem, que estuda as formas linguísticas em seu contexto real de uso, iniciamos essa pesquisa analisando usos dos advérbios pronominais locativos *aí*, *lá*, *aqui* e *ali* bem como de suas formas derivadas *daí*, *daqui* e *dali* pós Sintagma Nominal. Numa perspectiva sincrônica, tomamos como base o *Corpus Discurso & Gramática* e realizamos um levantamento qualitativo e quantitativo desses usos em cinco tipos de textos: Narrativa de Experiência Pessoal, Narrativa Recontada, Descrição de Local, Relato de Procedimento e Relato de Opinião. Foram analisados todos os textos orais e seus correspondentes escritos, os quais foram produzidos pela comunidade estudantil fluminense – estudantes de escolas públicas e privadas e de diferentes graus de escolaridade – especificamente das cidades do Rio de Janeiro e de Niterói. Com esse levantamento, comprovamos a hipótese de que, da prototípica função dêitica cumprida pelos pronomes aludidos, por conta de pressões de natureza metonímica e metafórica, tais constituintes migram para referências fóricas, em que atuam na articulação de relações catafóricas e, principalmente, anafóricas, chegando, via gramaticalização, a assumir função eminentemente clítica, em que passam a escopar o SN antecedente, como um atributo ou forma dependente deste, perdendo, assim, maior conexão ou vínculo com o elemento verbal. Desse modo, estabelece-se o gradiente *dêixis* > *foricidade* > *cliticização*, em que no uso clítico, passamos a ter uma *construção* SN + loc, já que o segundo componente morfologiza-se, atuando como uma forma dependente, sem, contudo, despojar-se completamente da referência locativa da categoria adverbial de que deriva.

Palavras-chave: Locativos, Sintagma Nominal, Padrões Funcionais, Metáfora, Metonímia, Construção, Gramaticalização, Funcionalismo.

ABSTRACT

Taking as basis for this research the functional theory of language which is devoted to the study of linguistic forms immersed in their contexts of use, this work starts by analysing the different uses of pronominal adverbs of place: *aí*, *lá*, *aquí* and *ali* as well as their derivative forms *daí*, *daqui* and *dali* appearing after a nominal phrase. In a synchronic perspective, it is taken as basis the *corpus* Discurso & Gramática and a qualitative and quantitative evaluation was carried out using five different types of texts: narratives of personal experience, a retold narrative, descriptions of place, procedure accounts and opinion accounts. All oral and their respective written forms of speech produced by the students with different schooling from the state of Rio de Janeiro – more specifically students from public schools of the city of Rio de Janeiro e Niterói have been analysed. The procedure described above led us to verify the initial hypothesis of the prototypical deitic function of the aforementioned pronouns by constraints of metonymic and metaphoric nature, which migrate to phoric references acting in the articulation of cataphoric and, principally anaphoric, reaching through grammaticalization to adopt an eminently clitic function where they scope the SN antecedent as an attribute or into a dependent form missing, this way, a greater connection with the verb form. Thus, the gradient deixis>phoricity>cliticization is established, that when in its clitic use a new *construction* arises: SN + loc, as the second component changes its form acting as a dependent one without completely losing, however, its reference of place, characteristic of the category from which it derives.

Key-words: Locatives, Nominal Phrase, Functional Standards, Metaphor, Metonymy, Construction, Grammaticalization, Functionalism.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. REVISÃO DA LITERATURA	16
1.1 A perspectiva tradicional	16
1.2 A perspectiva linguística	19
1.2.1 A noção de “clítico”	29
1.2.2 A percepção do espaço	30
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	32
2.1 Pressupostos funcionalistas	32
2.1.1 Categorização linguística e prototipicidade	34
2.1.2 Polissemia e ambiguidade	36
2.1.3 Gramaticalização: um processo de mudança linguística	37
2.1.3.1 Princípio da mudança: a unidirecionalidade	41
2.1.3.2 Mecanismos da mudança: metonímia, metáfora, reanálise e analogia	42
2.1.3.3 Estágios da mudança: sintaticização, morfologização e desmorfemização	46
2.1.3.4 Os princípios de Hopper (1991)	47
2.1.4 Os princípios de iconicidade e de marcação	48
2.2 Pressupostos cognitivistas	52
2.2.1 <i>Frames</i>	52
2.2.2 Construções	53
3. METODOLOGIA	61
3.1 Por uma metodologia funcionalista	61
3.2 Caracterização do <i>Corpus</i> Discurso & Gramática	62
3.3 Procedimentos metodológicos	64
3.3.1 Procedimentos de análise	64
3.3.2 Dificuldades de análise	65
3.3.3 Dados descartados	66
3.3.4 Algumas considerações	68
3.3.5 Fatores importantes para a análise dos padrões funcionais	70
4. ANÁLISE DOS DADOS	72
4.1 Padrões funcionais dos locativos	73
4.1.1 Dêixis	74
4.1.2 Advérbio Catafórico	78

4.1.3 Advérbio Anafórico	82
4.1.4 Clítico	86
4.2 Casos Híbridos	97
4.2.1 Advérbio anafórico / Clítico	97
4.2.2 Dêítico / Clítico	99
4.2.3 Clítico / Advérbio catafórico	101
4.2.4 Advérbio anafórico / Advérbio catafórico	102
4.3 Padrões Construcionais	104
4.3.1 Construções Prototípicas	104
4.3.2 SNs Complexos	109
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	112
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	116
ANEXO I – Fragmentos do <i>Corpus</i> Discurso & Gramática	122
Anexo I – A: Usos do locativo <i>aí</i>	122
Anexo I – B: Usos do locativo <i>lá</i>	127
Anexo I – C: Usos do locativo <i>aqui</i>	143
Anexo I – D: Usos do locativo <i>ali</i>	151
Anexo I – E: Casos híbridos	157

LISTA DE TABELAS

- TABELA 01** – Análise quantitativa geral na cidade de Niterói, p. 73
- TABELA 02** – Análise quantitativa geral na cidade do Rio de Janeiro, p. 74
- TABELA 03** – Representação quantitativa dos locativos *lá, aqui, aí* e *ali* pós SN no uso dêitico nos cinco tipos de texto produzidos na cidade de Niterói, p. 77
- TABELA 04** – Representação quantitativa dos locativos *lá, aqui, aí* e *ali* pós SN no uso dêitico nos cinco tipos de texto produzidos na cidade do Rio de Janeiro, p. 77
- TABELA 05** – Representação quantitativa dos locativos *lá, aqui, aí* e *ali* pós SN no uso catafórico nos cinco tipos de texto produzidos na cidade de Niterói, p. 81
- TABELA 06** – Representação quantitativa dos locativos *lá, aqui, aí* e *ali* pós SN no uso catafórico nos cinco tipos de texto produzidos na cidade do Rio de Janeiro, p. 81
- TABELA 07** – Representação quantitativa dos locativos *lá, aqui, aí* e *ali* pós SN no uso anafórico nos cinco tipos de texto produzidos na cidade de Niterói, p. 85
- TABELA 08** – Representação quantitativa dos locativos *lá, aqui, aí* e *ali* pós SN no uso anafórico nos cinco tipos de texto produzidos na cidade do Rio de Janeiro, p. 85
- TABELA 09** – Representação quantitativa dos locativos *lá, aqui, aí* e *ali* pós SN no uso clítico nos cinco tipos de texto produzidos na cidade de Niterói, p. 96
- TABELA 10** – Representação quantitativa dos locativos *lá, aqui, aí* e *ali* pós SN no uso clítico nos cinco tipos de texto produzidos na cidade do Rio de Janeiro, p. 96
- TABELA 11** – Representação quantitativa dos locativos *lá, aqui, aí* e *ali* pós SN nos casos híbridos nos cinco tipos de texto produzidos na cidade de Niterói, p. 102
- TABELA 12** – Representação quantitativa dos locativos *lá, aqui, aí* e *ali* pós SN nos casos híbridos nos cinco tipos de texto produzidos na cidade do Rio de Janeiro, p. 103

INTRODUÇÃO

Segundo Givón (2001), a classe dos advérbios é a menos homogênea do ponto de vista semântico e morfossintático. Isso ocorre porque quando utilizamos a língua, os advérbios funcionam tanto no campo do léxico quanto no da gramática, ou seja, organizam internamente o texto ou o orientam argumentativamente. Assim, o advérbio constitui uma categoria muito fluida que se adapta aos contextos pragmático-discursivos que caracterizam o ato comunicativo.

Até mesmo nos estudos brasileiros mais recentes sobre a língua portuguesa (Ilari et alii, 1990; Neves et alii, 1992, 2000; Castilho, 1993), a classe adverbial é apontada como uma categoria pouco nítida, integrada por diferentes membros, os quais não compartilham um determinado conjunto de traços comuns.

No caso em particular do nosso objeto de estudo, os locativos, comumente chamados pelas gramáticas tradicionais de adjuntos adverbiais de lugar, a imprecisão categorial se mostra de forma mais acentuada. Eles são integrantes de um conjunto marginal dentro de uma categoria fluida e classificados como itens *não-predicativos* (Ilari et alii, 1990 apud Oliveira, p. 5) ou *não-modificadores* (Neves, 2000), pois, de acordo com Neves, não alteram a significação do constituinte verbal, ou seja, não fazem parte da predicação verbal, que é o elemento sobre o qual incidem. Os locativos, também conhecidos como advérbios circunstanciais, apresentam uma ampla mobilidade dentro da frase, e por isso são interpretados como advérbios com maior liberdade, mais autônomos em relação aos outros advérbios.

Talvez por serem considerados mais livres, eles têm aparecido não somente modificando, ou seja, atribuindo uma circunstância, caracterizando um verbo, adjetivo, advérbio ou oração, conforme sugerido pelas gramáticas da língua, mas também unidos a nomes. E é exatamente nesta última posição, pós Sintagma Nominal (SN), que temos encontrado os locativos e que nos chamou a atenção. Elegemos para o nosso estudo, apenas quatro deles, os que se configuram como os mais usados pela comunidade linguística: *aí*, *lá*,

aqui e *ali*, bem como suas formas derivadas *daí*, *daqui* e *dali*.

Sendo assim, iniciamos a presente pesquisa partindo da hipótese de que possam haver distintos usos polissêmicos desses locativos pós SN, e a partir desta presunção, buscamos primeiramente, levantar tais usos e analisá-los em cinco tipos de textos: narrativa de experiência pessoal, narrativa recontada, descrição de lugar, relato de opinião e relato de procedimento, nas modalidades oral e escrita, produzidos pela comunidade estudantil fluminense desde o CA infantil até o Ensino Superior do *Corpus* Discurso & Gramática.

Percebemos que, além de possuírem característica dêitica, atuando na localização dos objetos e das pessoas no espaço, possuem também natureza pronominal e fórica. Trata-se de proformas que, geralmente, possuem o traço adicional de elemento coesivo, seja funcionando no processo de catáfora ou anáfora. Porém, encontramos um último uso desses locativos que realmente vem ocorrendo em nossos dias, só que nele já não se pode mais observar tão evidentemente a ideia de lugar, de espaço, que vemos nitidamente nos usos dêiticos e de maneira menos clara nos usos catafóricos e anafóricos.

Assim, supomos que entre esses quatro padrões funcionais observados, por conta de pressões metonímicas e de derivações metafóricas, evidencia-se uma possível trajetória de gramaticalização. Esse processo partiria do uso dêitico, o mais concreto e original; passaria pelos usos fóricos, atuando na organização do texto como advérbio catafórico e posteriormente, anafórico; e chegaria a esse último uso, o mais abstratizado, que acreditamos ser um estágio já gramaticalizado do advérbio pronominal locativo, desempenhando uma função nova: a de clítico. Nesse último padrão, o locativo passa a funcionar como um morfema gramatical que atua sintagmaticamente e está preso fonologicamente ao SN anterior.

Desta maneira, o presente trabalho objetiva estudar tais padrões funcionais dos pronomes locativos, a fim de traçar a referida trajetória de gramaticalização; baseado nos pressupostos do funcionalismo linguístico norte-americano, na linha de Givón, Traugott, Hopper, Heine, entre outros, e aliado a suportes oriundos do cognitivismo. Encontramos respaldo na teoria funcionalista, pois ela é definida como uma “corrente de estudo do uso interativo da língua, que busca explicar as regularidades observadas nesse uso a partir da análise das condições discursivas em que o mesmo se verifica” (Votre, 1991 apud Furtado da Cunha, p.55). Para tanto nos valem do *Corpus* Discurso & Gramática, como já mencionado, para verificar o fenômeno em situações linguísticas concretas, de fala do cotidiano, distante de exemplos prototípicos¹ das gramáticas tradicionais. Desse modo, buscamos também comparar

¹ Como prototípico entendemos o modelo, padrão.

estudos tradicionais normativos com aqueles mais recentes e linguísticos, a fim de verificar se há adequação entre o que é referido por essas fontes e o uso efetivo dos locativos mencionados pós SN, como observamos e propomos.

Assim, realizamos essa análise sincrônica e percebemos que no último estágio, em que atua como clítico, o locativo junto ao SN anterior estaria formando uma *construção* fixa – SN + loc – um todo integrado e cristalizado, segundo Goldberg (1995) e Traugott (2002, 2003, 2007). Na perspectiva aqui assumida, na construção SN + loc o segundo componente morfologiza-se, passando a atuar como uma forma dependente ou especificadora (Tavares, 2001), sem, contudo, despojar-se completamente da referência locativa da categoria adverbial de que deriva. Desse modo, essa pesquisa fundamenta-se ainda, na perspectiva da Gramática de Construções, segundo a qual o significado está previsto através de unidades linguísticas maiores que um lexema e menores que uma oração. É um significado composicional, independente do sentido individual dos elementos da construção. Tal significado corresponde a tipos de eventos básicos, reconhecidos pela experiência humana, numa relação de interação social.

Por esse motivo, ressalta-se a importância de estudar o processo de gramaticalização aludido – em que no seu uso mais gramaticalizado o locativo e o SN fazem parte de uma *construção* – em seu contexto efetivo de uso. Dessa forma, selecionamos todos os cinco tipos de textos do *corpora* por acreditarmos que esses padrões funcionais ocorram em todos eles. Analisamos também as modalidades oral e escrita, pois mesmo supondo que não houvesse ocorrência do uso clítico no texto escrito, visto que é o uso mais novo e abstratizado, pensamos que os outros usos possam aparecer também nesta modalidade. Quanto à diversidade de graus de escolaridade proposta pelo *Corpus D&G* e acolhida por nós, destacamos que o nosso objetivo é comprovar a hipótese de que sejam usos, inclusive o clítico, que façam parte da fala e talvez da escrita, de pessoas de todas as faixas etárias. Para tanto, selecionamos os *corpora* das cidades de Niterói e do Rio de Janeiro por serem próximos à nossa realidade linguística.

Desta maneira, realizamos uma análise qualitativa e quantitativa, verificando a frequência de cada pronome locativo pós SN nos quatro padrões funcionais encontrados, nos cinco tipos de textos, nas duas modalidades e nas duas cidades. Nesse levantamento, levamos em consideração também o tipo de verbo e a ordenação do locativo pós SN na cláusula em que se acha articulado, se é pré ou pós-verbal, para analisarmos se tais locativos são

argumento do verbo ou um escopo² do nome.

Ao analisarmos o padrão clítico, consideramos também outros *aspectos semânticos*, como o tipo de SN anteposto ao locativo e ainda o tipo de granularidade (Batoréo, 2000) do locativo, se vasta (*lá*) ou fina (*aí, ali, aqui*). Dessa forma buscamos compreender melhor como se constitui a construção, destacando a mais prototípica. Levamos em conta também outros *aspectos sintáticos*, referentes à possibilidade de inserção ou troca posicional entre os elementos da construção, na testagem do que Erman e Warren (2000) denominam uma *unidade pré-fabricada* (UPF). Buscamos com isso, confirmar a hipótese de que não haja tal possibilidade de flexibilidade posicional, sendo por isso, uma construção fixa. Ao lado desses aspectos, também consideramos os *aspectos discursivo-pragmáticos*, como o papel do gênero e as sequências tipológicas na seleção e articulação dessas unidades, e ainda as estratégias retóricas de subjetificação e de intersubjetificação, conforme Traugott e Dasher (2005). Entendemos que a função clítica dos locativos tem a ver com essas combinações semânticas realizadas no contexto discursivo, em que os falantes marcam suas produções linguísticas baseados em suas crenças, atitudes, e que, uma vez assumidas pela comunidade linguística, regularizam-se nas produções em geral, passando a constituir novo padrão gramatical.

Cabe apontar que, na análise dos nossos dados nos deparamos com alguns casos que não podemos afirmar precisamente a qual padrão se referem. São casos de ambiguidade, de fronteira entre os usos. Por esse motivo, os denominamos “casos híbridos”. Além desses, encontramos dificuldade também para reconhecer o SN em alguns casos em que é formado pela inserção de um SN preposicionado. Para a descrição e análise que aqui fazemos, os consideramos e classificamos como SNs Complexos.

Por fim, como uma forma de ilustrar o modo como organizamos o presente trabalho de pesquisa, descrevemos, nos próximos parágrafos, como foram estruturados os cinco capítulos que o compõem.

No primeiro capítulo, com o intuito de rever como e se é tratado o nosso objeto de estudo em gramáticas tradicionais e estudos na área linguística, fazemos uma revisão de tais fontes em dois subcapítulos. Na apresentação da perspectiva linguística, trazemos a noção de “clítico” segundo trabalhos funcionalistas, e o estudo de Batoréo (2000) sobre a percepção do espaço, que muito tem a contribuir com a nossa pesquisa.

No segundo capítulo, apresentamos toda a fundamentação teórica na qual nos apoiamos. Dividimos o conteúdo em dois subcapítulos: o primeiro destina-se às premissas

² Nessa dissertação, entendemos como *escopo* o termo sobre o qual incide a referência locativa.

funcionalistas e o segundo a alguns pressupostos cognitivistas de que nos valem para a compreensão da construção em estudo.

No capítulo seguinte destinado à metodologia, destacamos no primeiro subcapítulo, a caracterização de uma metodologia estritamente funcionalista; já no segundo detalhamos a constituição do *corpus* utilizado, e no último, os procedimentos metodológicos utilizados para a pesquisa, ou seja, todo o processo trilhado por nós na realização deste trabalho de dissertação.

O capítulo posterior, o quatro, refere-se à análise dos nossos dados, em que apresentamos no primeiro subcapítulo os quatro padrões funcionais dos locativos encontrados, sua possível trajetória de gramaticalização até o uso clítico, abstratizado, em que junto ao SN constitui uma *construção*, um todo de sentido e forma, conforme já mencionado nesta introdução. Mostramos no subcapítulo posterior os casos híbridos e no último, os padrões construcionais, abrangendo as construções, desde as mais prototípicas até as menos prototípicas, e os já mencionados SNs complexos.

No capítulo cinco, o último desta pesquisa, apresentamos as considerações finais, em que retomamos de forma sucinta não só o trabalho desenvolvido na nossa análise de dados mas também considerações feitas durante toda a pesquisa. Retomamos nossas hipóteses com vistas a sua ratificação ou não, trazemos os objetivos alcançados e os resultados da pesquisa. Por fim, apontamos também a necessidade de trabalhos futuros acerca desta mesma temática, os quais intencionamos realizar.

1. REVISÃO DA LITERATURA

Este capítulo volta-se para a apresentação de algumas considerações sobre os advérbios pronominais locativos sob diferentes pontos de vista. Iniciamos com a visão tradicional abordada em gramáticas da língua. Posteriormente, mostramos uma discussão sobre o tema numa perspectiva linguística, a partir de estudos mais aplicados ao uso. Em alguns deles, o tratamento sobre o assunto vai além de uma simples definição e descrição dos advérbios, chegando até mesmo a se aproximar em alguns pontos da nossa proposta.

Dentro da segunda perspectiva, encontramos alguns trabalhos que mencionam o uso clítico, entendido por nós como o mais gramaticalizado, numa trajetória dos advérbios locativos que parte do uso dêitico, o mais concreto, passa pelos usos fóricos, como catáfora e anáfora e chega ao clítico, o uso mais abstratizado. Por ser de grande relevância para nós, o padrão clítico será abordado em um subcapítulo dos estudos linguísticos, assim como o trabalho sobre o espaço de Batoréo (2000), pesquisadora em psicolinguística, que muito tem acrescentado a nossa pesquisa.

1.1 A perspectiva tradicional

Ao se referirem aos advérbios, Cunha & Cintra (1985, p.529) afirmam: “O advérbio é, fundamentalmente, um modificador do verbo.” Posteriormente, os autores completam que a essa função básica geral, certos advérbios acrescentam outras que lhes são privativas. Esses são os chamados *advérbios de intensidade* e formas semanticamente correlatas, que podem reforçar o sentido de um adjetivo, de um advérbio ou de uma oração.

Os autores citam também que sob a denominação de *advérbios* reúnem-se palavras de natureza nominal e pronominal com distribuição e funções muito diversas.

Segundo Cunha & Cintra (op. cit.), os advérbios de lugar são: *abaixo, acima, adiante, aí, além, ali, aquém, aqui, atrás, através, cá, defronte, dentro, detrás, fora, junto, lá, longe,*

onde, perto, etc.

Do mesmo modo, Rocha Lima (1992, p.174) afirma “Advérbios são palavras modificadoras do verbo. Servem para expressar as várias *circunstâncias* que cercam a significação verbal.” Como Cunha e Cintra, Rocha Lima (op.cit.) acredita que apenas os advérbios de intensidade também podem prender-se a adjetivos, ou a outros advérbios, porém o autor não cita que podem prender-se a uma oração.

Depois de conceituar os advérbios, o autor classifica-os e entre eles cita os de lugar: *abaixo, acima, além, aí, ali, aqui, cá, dentro, lá, avante, atrás, fora, longe, perto, etc.*

Similar a Rocha Lima, Bechara (2002, p.274) assim define advérbio: “É a expressão modificadora do verbo que por si só denota uma circunstância (de lugar, tempo, modo, intensidade, condição, etc.), e desempenha na oração a função de adjunto adverbial.”

O estudioso também cita a natureza nominal ou pronominal do advérbio. Entre esta última estão os demonstrativos: *aqui, aí, acolá, lá, cá*. O autor afirma que o advérbio “se refere geralmente ao verbo, ou ainda, dentro de um grupo nominal unitário, a um adjetivo, a um advérbio (como intensificador), ou a uma declaração inteira.” (op. cit., p.274)

Por fim, Bechara (op. cit., p.274) conclui sua definição: “Certos advérbios são assinalados em função de modificador de substantivo, principalmente quando este é entendido não tanto como substância, mas como qualidade que esta substância apresenta: *Gonçalves Dias é verdadeiramente poeta.*”

Sobre os advérbios, Ribeiro (2004) afirma:

“Para expressão de nossas ideias ou de nosso pensamento, utilizamo-nos de palavras, expressões ou orações que acompanham, principalmente, o verbo. São, por isso, chamadas de *advérbios, locuções adverbiais e orações adverbiais*. São elementos enriquecedores de nossas mensagens. Seu uso adequado trará, sem dúvida, uma sugestividade maior ao texto. [...] Assim, o *advérbio* atua como expressão modificadora (determinante) de um verbo. É, ainda, determinante de outro advérbio, de um adjetivo ou de uma oração inteira.” (RIBEIRO, 2004, p. p. 220, 221)

Tal qual faz Bechara, Ribeiro (op. cit.) também afirma que há os advérbios de base nominal e os de base pronominal. Segundo o autor, estes últimos são indicativos de lugar. Possuem natureza demonstrativa (*aqui, aí, ali, cá, lá, acolá, aquém, além*) ou indefinida (*algures, alhures e nenhures*).

E, ao final do seu capítulo, Ribeiro (op.cit.) cita Walmírio Macedo (Macedo, 1976 apud Ribeiro, p.223), em que este critica o estudo sobre advérbio proposto por nossas gramáticas, em virtude de serem antifuncionais, e mostra que o advérbio poderá modificar até mesmo um substantivo. Macedo (op. cit.) afirma que só é possível estudar uma palavra em sua realização no contexto.

Por outro lado, Azeredo (2004, p.143) define advérbio: “Chama-se advérbio a palavra invariável que serve de núcleo a um sintagma adverbial.” Segundo o autor, a maioria dos advérbios é empregada para localizar no tempo ou no espaço os objetos a que nos referimos nos nossos discursos. Para Azeredo (op. cit), os advérbios de lugar exprimem posições espaciais relativas a um ponto convencional no espaço, físico ou textual e são eles: *aqui, aí, lá, acolá, acima, abaixo, além, aquém, dentro, fora, atrás, alhures*.

Depois dessa primeira amostra, podemos concluir que:

I) Cunha e Cintra definem o advérbio basicamente como um modificador do verbo, afirmando que apenas os advérbios de intensidade reforçam o sentido de um adjetivo, um advérbio ou uma oração. Os autores não citam o fato de modificar um substantivo. Os mesmos também apontam a natureza nominal e pronominal do advérbio, mas não fazem uma explanação a respeito.

II) Rocha Lima define o advérbio tal qual Cunha e Cintra, mas não cita que os advérbios de intensidade podem reforçar o sentido de uma oração. Este autor também não cita o fato de modificar um substantivo nem aponta a natureza nominal e pronominal do advérbio.

III) Bechara cita que o advérbio se refere a um verbo, um adjetivo, advérbio ou a uma oração; também aponta a natureza nominal ou pronominal desta classe de palavras e por fim, afirma que o advérbio pode modificar um substantivo. Porém o autor ressalta principalmente o fato de modificar um substantivo quando este é entendido como uma qualidade, não como uma substância.

IV) Ribeiro afirma que o advérbio modifica um verbo, é determinante de um advérbio, adjetivo ou de uma oração inteira. Ribeiro também cita a base nominal ou pronominal dos advérbios e ao contrário dos outros autores citados, distingue-os, afirmando que os de

natureza pronominal são indicativos de lugar e podem possuir natureza demonstrativa. Ao fim do seu capítulo, faz um estudo crítico, ressaltando o valor do funcionalismo linguístico nos estudos dos advérbios e apontando o fato de os advérbios poderem modificar um substantivo.

V) Azeredo, ao contrário dos autores acima citados, apenas define o advérbio como o núcleo de um sintagma adverbial. E, quanto aos advérbios de lugar, o autor inova ao explicitar que a posição espacial desses advérbios pode ser física ou textual.

Enfim, alguns gramáticos citados têm ideias que se aproximam das nossas, como por exemplo Cunha & Cintra, Bechara e Ribeiro, os quais apontam a natureza nominal e pronominal do advérbio, sendo que este último autor distingue-as, afirmando que os advérbios de natureza pronominal são indicativos de lugar e podem possuir natureza demonstrativa. Já Bechara e Ribeiro afirmam que o advérbio pode modificar um substantivo, mas o primeiro destaca esse uso quando o substantivo é entendido como uma qualidade; Ribeiro ressalta o valor do funcionalismo linguístico nos estudos dos advérbios; Azeredo, por sua vez, explicita que a posição espacial dos advérbios locativos pode ser física ou textual. Mesmo trazendo contribuições à investigação dos usos adverbiais, em nenhum dos estudiosos citados encontramos sequer menção aos padrões funcionais dos locativos, objeto desta pesquisa.

1.2 A perspectiva linguística

Após apresentar o que os autores de ponto de vista tradicional afirmam sobre os advérbios locativos, dedicamos esse subcapítulo aos estudos voltados para uma orientação numa vertente linguística.

Camara Jr. (2005, p.124) ao tratar do sistema de pronomes em português, aponta que a nossa língua tem um sistema de locativos, ou melhor, de demonstrativos em função adverbial. Uma primeira série corresponde a *este, esse e aquele*: a) locativo da área do falante: *aqui*; b) locativo da área do ouvinte: *aí*; c) locativo de uma terceira área, distante do falante e do ouvinte: *ali*. Outra série opõe *cá*, próxima do falante a *lá*, distante do falante, com uma intermediária *acolá*, para em oposição a *lá* distinguir entre dois locais distantes ambos do falante. Segundo o autor, as duas séries interferem entre si, com uma variação livre entre *cá* e *aqui* – o português do Brasil marginaliza a forma *cá* – e o acréscimo de *lá* à série *aqui, aí, ali* para assinalar uma localização além de *ali*. Uma terceira série estabelece a posição não em

função do falante, mas de um ponto qualquer que ele toma como referência: a) antes desse ponto: *aquém*; depois desse ponto: *além*.

Bomfim (1988, p.5) ao estudar os advérbios, afirma que nossas gramáticas tratam essa classe de palavras como uniforme: é invariável, modifica o verbo, um adjetivo, outro advérbio ou todo o enunciado e expressa circunstâncias. Porém, para a autora, essa aparente concordância não resiste a uma pesquisa mais profunda, já que os elementos que compõem a lista dos advérbios apresentam variações.

A autora questiona a hipótese de os advérbios modificarem substantivos. Ela cita Silva Jr. e Andrade (1907), que registram esse fato e que já haviam utilizado o exemplo que Bechara reproduziu, citado anteriormente (“*Gonçalves Dias é verdadeiramente poeta*”). Bomfim questiona esta hipótese, afirmando que o termo *poeta*, nesse caso, não pode ser entendido substantivamente, mas como um conjunto de qualidades atribuídas ao elemento que recebe a referência. Assim, de acordo com a autora, a palavra *verdadeiramente* funciona, na realidade, como intensificador de *poeta*.

Ao tratar dos advérbios de lugar, acredita que estes podem constituir subgrupos. De um lado, os dêiticos como *aqui, aí, lá*, etc. e de outro, os em conexão com um ponto de referência, interno ao enunciado ou não. Do primeiro grupo, a autora chama a atenção para o fato de os advérbios e as locuções adverbiais terem uma preposição implícita (*Lá onde morei mora agora meu cunhado*: preposição *em* implícita) ou explícita (*Vim de lá*). Com isso, Bomfim mostra que os dêiticos espaciais devem ser incluídos na classe dos pronomes.

Dos locativos não-dêiticos, afirma que “uns relacionam-se a um ponto de referência arbitrário, de caráter subjetivo (*longe/perto*, com relação à distância), e outros indicam uma posição relativa a um ponto de referência objetivo (*aquém/além, abaixo/acima, dentro/fora*, etc.)” (op. cit., p.38).

Bomfim acredita que o tipo de localização depende de vários fatores, ou de ordem semântica (verbos de situação, de movimento, etc.), ou de ordem gramatical (regime do verbo, por exemplo). Para ilustrar, utiliza exemplos como:

- a) Deixe o livro *aqui*.
- b) Deixe *aqui* o dinheiro da passagem.
- c) Deixe o dinheiro da passagem *aqui*.
- d) *Aqui*, deixei o dinheiro da passagem, no armário, as encomendas para despachar.

Para a autora, a localização nessas frases não se prende apenas ao objeto, mas também

ao verbo. Atenta para o fato de que os verbos são transitivos. Já nas frases abaixo, também citadas por ela, os verbos são intransitivos e estáticos. Expressam fatos. A localização refere-se à direção do movimento. Veja:

- a) Dormiu *aqui*.
- b) Nasceu *aqui*.
- c) Casou-se *aqui*.

Então, Bomfim conclui que “o regime do verbo e sua natureza semântica estão intimamente ligados ao tipo de localização indicado pelo dêitico; a preposição implícita ao dêitico varia segundo o regime do verbo.” (op. cit., p.39)

Sobre essa última afirmação, a autora explica que a língua possui preposições específicas para os variados tipos de circunstâncias que desejam expressar. *Em* é usada para as localizações estáticas; *a* e *para* introduzem a direção prospectiva; *de*, a retrospectiva. Assim, a fim de que se reconheça de forma implícita em *aqui*, *cá*, *lá* etc. a preposição *a*, por exemplo, é preciso que esses termos indiquem a direção decorrente dos verbos do tipo *vir*, *ir*, *chegar*, etc. Ressalta também que, quando se trata de relação que deva ser expressa pela preposição *de*, ela está explícita. Exemplos: Saia *daqui*; Tire o livro *daqui*.

Para finalizar, Bomfim faz um quadro resumitivo dos advérbios de lugar e os agrupa de acordo com suas características semânticas e sintáticas. Sobre o *aqui*, *aí*, *lá*, etc, nosso objeto de estudo, ela afirma: não são passíveis de intensificação; coocorrem com outros indicadores de lugar; localizam no espaço o processo verbal e/ou o elemento que cabe localizar; são dêiticos; podem exercer a função de sujeito; não se juntam a preposições para formar locuções, mas podem ser precedidos de preposição; respondem satisfatoriamente à pergunta: onde?.

Ao término de seu estudo, a autora ressalta que *aqui*, *cá*, *aí* também podem ser usados anaforicamente. E que, opta por não incluir esses elementos na classe dos advérbios e sim, entre os pronomes demonstrativos.

Resumindo todas as suas observações, Bomfim julga ser de grande importância observar a relação de alguns advérbios e dos pseudo-advérbios – que, segundo a autora, são os advérbios de dúvida, palavras de classificação à parte (*salvo*, *só*, *principalmente*) e os advérbios de frase (afirmação e negação) – com a enunciação, e também constatar que o comportamento linguístico de alguns dos *advérbios de lugar*, como *aqui*, *aí* etc., não difere do de certas subclasses de pronomes. Segundo a autora, o traço comum entre os advérbios, pseudo-advérbios e intensificadores é serem todos elementos terciários na sentença.

Em sua descrição dos usos adverbiais, Neves (2000, p.233) afirma que a conceituação de advérbio tem diversos pontos de partida. De um ponto de vista morfológico, é uma palavra invariável e de um ponto de vista sintático ou relacional, é uma palavra periférica, isto é, funciona como satélite de um núcleo. Segundo a autora, o advérbio é periférico em um *sintagma*, incidindo sobre o seu núcleo, que pode ser: um verbo; um adjetivo ou sintagma com valor de adjetivo; um advérbio ou sintagma com valor adverbial; um numeral; um substantivo; um pronome; a conjunção “embora”. É periférico em um *enunciado*, incidindo sobre a oração ou proposição e é periférico no *discurso*, incidindo sobre todo o enunciado.

De acordo com Neves (op. cit.), os advérbios formam uma classe heterogênea quanto à função, possuindo duas grandes subclasses: a dos *advérbios modificadores* e a dos *não-modificadores*, na qual os *advérbios de lugar* se encontram (como citado na Introdução desse trabalho) unidos aos de tempo sob o rótulo de *advérbios circunstanciais*.

Neves (op. cit.) reserva um espaço do seu capítulo para os chamados advérbios circunstanciais e nele afirma que lugar e tempo são categorias dêiticas, isto é, fazem orientação por referência ao falante e ao aqui - agora. Posteriormente enumera as subclasses dos advérbios circunstanciais, ressaltando que esse subagrupamento é governado pelas relações que se dão dentro do enunciado e pelas relações que se dão entre enunciado e enunciação. Assim, existem entre os advérbios de lugar dois tipos de elementos: advérbios em si mesmos *fóricos*, isto é, que remetem a algum outro elemento, dentro ou fora do enunciado e advérbios *não-fóricos*.

A autora observa que “os *advérbios fóricos* têm natureza pronominal, comportando-se como *proformas nominais*, o que lhes permite, aliás, funcionar como *argumentos*. Esses advérbios são muitas vezes chamados de *advérbios pronominais* ou *pronomes adverbiais*.”

Quanto às funções sintático-semânticas dos advérbios circunstanciais, Neves (op. cit.) aponta a *função argumental* em que os advérbios são *participantes* ou *complementos*, isto é, carregam a circunstanciação, preenchendo uma casa de terceira pessoa. Têm essa função as *proformas* ou *advérbios pronominais*. Ou então, dentro dessa mesma função, indicam circunstância relativa a participantes localizáveis no espaço ou a estados de coisas, tanto os fóricos como os não-fóricos. Outra função apontada é a *adjuntiva adverbial*, em que o advérbio é periférico ou *satélite* no *sintagma verbal*. Ele efetua a circunstanciação, sendo locativo do estado de coisas. A terceira função é a *adjuntiva adnominal*, em que o advérbio é *periférico* no *sintagma nominal*. Ele efetua circunstanciação de nome de algo que seja localizável, situável no espaço. São tanto os fóricos como os não-fóricos. A quarta função é a

juntiva, em que há circunstâncias que operam na esfera das relações e processos.

De acordo com essa perspectiva, os advérbios circunstanciais são: não completáveis, intransitivos, avalentes ou completáveis, transitivos. Em seguida, enumera os traços semânticos dos advérbios de lugar, cuja função é indicar circunstância de lugar, sendo ela: de situação, percurso, origem, direção.

Em sua pesquisa, Martelotta (1994, p.38) destaca o uso dos locativos pós substantivos. Propõe alguns exemplos, como os listados abaixo:

- A reunião na casa de Paulo foi proveitosa.
- O exemplo acima demonstra a hipótese.
- O país precisa de pessoas assim.

Segundo o mesmo, nestas frases, os termos sublinhados se referem claramente aos substantivos que os antecedem e expressam circunstância (*lugar* nos dois primeiros e *modo* no último exemplo). São casos diferentes do exemplo citado anteriormente por Bechara, Silva Jr. e Andrade e Bomfim (“Gonçalves Dias é verdadeiramente poeta”), onde o substantivo a que o advérbio se refere desempenha função de predicativo, segundo Martelotta.

O autor destaca em sua tese sobre os circunstanciadores temporais e sua ordenação – particularmente no momento em que trata do elemento *aí* – a função de modificador desse advérbio, em que passa a fazer parte de sintagmas nominais. Segundo o mesmo, o ponto de partida da trajetória até o uso modificador é o uso dêitico espacial, que, com o processo de gramaticalização, vai perdendo especificação semântica e vai assumindo uma posição mais fixa na sentença.

Martelotta destaca que o primeiro fenômeno que ocorre no processo de abstratização da noção espacial até o uso como elemento modificador é a perda da indicação de proximidade em relação ao ouvinte, que opõe o elemento *aí* aos demais dêiticos espaciais, já que, segundo o autor, *aqui* se refere ao que está próximo ao falante, *ali* ao que está distante do falante e do ouvinte, e *lá* ao que está mais distante do falante e do ouvinte. O autor se vale do seguinte exemplo para comprovar sua afirmação:

“I: Às vezes eu saio para Copacabana, Ipanema, esses lugares assim, então, chego *lá*: confeitaria e padarias e não sei o quê. Tudo, doce, salgadinhos e tal. Eu sento numa mesa, tomo um chope, como um negócio daquele e tal. *Aí* venho correndo por aqui. Parece que eu tenho de encontrar com alguém, não é? E chego *aqui*, paro numa praça onde não tem nada,

não tem padaria, não tem confeitaria, não tem às vezes, nem os amigos estão *aí*, entendeu? Mas é aquele... aquela angústia de estar no lugar onde eu... onde eu moro, entendeu? Então, não me adapto em qualquer... em lugar nenhum.”

Em sua análise, diz que é possível notar primeiramente, que o informante se refere duas vezes ao seu bairro (lugar onde se encontra no momento de fala), usando o advérbio *aqui*, em oposição a *lá* (Copacabana, Ipanema, esses lugares assim). Depois o falante diz “nem os amigos estão *aí*”, usando o elemento *aí* para fazer referência a mesma noção espacial designada anteriormente por *aqui*. Ou seja, neste exemplo, o *aí* mantém sua função de dêitico/anafórico, mas perde a marca semântica de proximidade em relação ao ouvinte e passa a fazer referência espacial de um modo mais genérico, mais abstrato.

Porém, quando o elemento *aí* perde seu valor dêitico/anafórico, ele atinge o auge da abstração no que se refere à noção de espaço a ele atribuída. Neste caso, a medida espacial que o elemento *aí* expressa é a própria realidade dos fatos que estão diante dos interlocutores. Martelotta cita então, um exemplo para ilustrar sua afirmação:

“I: ... vai na casa de um filho: "não, papai, eu vou sair, vou para... para casa do meu sogro, vou para a casa do não sei quê, e tal. O senhor vai onde?" Eu digo: "eu vou para uma festa *aí*. Está tudo legal, eu vou". Mas eu não vou a festa nenhuma...”

Neste exemplo, segundo o autor, torna-se óbvio que o locativo *aí* não funciona como advérbio indicador de proximidade ao ouvinte, que expressa onde é a festa, mas faz referência ao substantivo *festa*: vou a uma determinada festa. Nestes casos, o falante usa o elemento *aí* para caracterizar o substantivo, como algo que existe, mas a respeito do qual não quer ou não pode entrar em detalhes.

Martelotta afirma que esta é a trajetória da gramaticalização. Por um lado, o elemento *aí* perde a semântica de proximidade em relação ao ouvinte e também a função dêitica/anafórica e passa a se referir não apenas a noções espaciais. Por outro lado, o elemento perde a mobilidade dos advérbios locativos, penetra no SN e assume um tipo de função modificadora.

Segundo o autor, o surgimento deste uso do *aí* como modificador deve ter sido estimulado pelo fato de que os dêiticos espaciais, em geral, também podem ser empregados referindo-se a substantivos, em expressões como “esse lápis *aí*”, ou “aquela menina *lá*”, por exemplo.

Para Martelotta, este uso é o resultado de uma trajetória de gramaticalização espaço > (tempo) > texto, pois o locativo perde as especificações semânticas típicas dos dêiticos para se especializar como modificador de substantivos e funcionar como um tipo de pronome

adjetivo. Com este processo também ocorre uma diminuição das possibilidades de inserção do elemento na sentença.

Ao analisar a colocação do elemento *aí* na sentença, Martelotta afirma que a tendência do *aí* como modificador é aparecer nas posições 3 (entre o sujeito, antes do verbo) e 6 (depois do complemento ou predicativo, depois do verbo) ou mais especificamente, após o substantivo ao qual se refere dentro do SN: ocorrerá em posição 3 se, por exemplo, este sintagma nominal desempenhar a função de sujeito e aparecer antes do verbo; ocorrerá em posição 6 se desempenhar a função de objeto ou adjunto adverbial e aparecer após o verbo.

Ao tratar do locativo *lá*, Martelotta afirma que esse elemento segue dois processos distintos de gramaticalização. Um caracteriza-se pela trajetória espaço > (tempo) > texto, proposta por Heine et alii (1991), em que este elemento, ao se gramaticalizar, sai do espaço e vai diretamente para o texto. É no texto que passa a assumir funções anafóricas e catafóricas. A partir daí, ele irá também apresentar *valores temporais*: “... *aí* ele chegou *lá*... *lá* pras onze horas...(...)” e os chamados *valores inferíveis* “Esse bolo leva duas lata de sardinha... *tá?* *é*... um copo de farinha de trigo... *é*... um de maizena... *tá?* um de óleo, três ovos, hum... *leva*... hum... dois copos de leite... *aí* separa a sardinha à parte... *picadinha*... *cebola picadinha*... tudo que você *tivé* de tempero pra *coloca lá*... *você coloca*...”, em que a informante pede que o seu interlocutor coloque o tempero num local onde a sardinha provavelmente está situada, mas que em nenhum momento ela menciona o nome desse recipiente, logo, deve-se inferí-lo. Ambos os valores são decorrentes da continuação do processo de gramaticalização. A outra trajetória leva o elemento a assumir uma função modalizadora e, no decorrer do processo, a unir-se ao SN, ou a assumir funções típicas da discursivização, como ocorre na forma *sei lá*, que reorganiza o discurso, marcando uma pausa, para que seja retomada a conversação.

Braga & Paiva (2003, p.206), em sua pesquisa sobre alguns usos do *aí*, mostram que além dos empregos dêitico e fórico, *aí* pode funcionar como juntor, marcador discursivo e clítico. Como clítico, *aí* pospõe a um N, usualmente precedido por determinante indefinido, com o qual constitui um todo fonológico que não aceita a intercalação de material linguístico. Segundo as autoras, a função clítica é o estágio mais adiantado do processo de gramaticalização, derivando diretamente do uso dêitico. Com isso, concluem que há poligramaticalização, já que uma mesma forma fonte pode dar origem a duas cadeias diferentes de gramaticalização. Dessa forma: *Aí* dêitico > fórico > juntor > marcador discursivo **ou** *Aí* dêitico > clítico.

Tavares (2009, p.111) em sua pesquisa sobre o *aí*, afirma que esse elemento, através de extensões metafóricas e metonímicas está sofrendo um processo de gramaticalização, que parte de sentidos dêiticos espaciais, em que o *aí*, por um lado, aponta para um lugar do mundo real, vinculando o que é dito ao mundo externo e por outro lado, vincula o que é dito ao mundo externo, mas não aponta para um lugar, e sim para um ser e para o espaço em que esse ser se encontra: “O João Pedro falou com *um funcionário AÍ*.”

E desse sentido dêitico espacial chega ao uso como marcador de especificidade que fornece ao sintagma nominal indefinido um traço [+ específico], ou seja, o SN refere-se a um funcionário que, embora indefinido, é específico. Neste caso, o funcionário não é apontado e pode, inclusive, não estar presente no espaço.

De forma comparada, sobre a visão linguística, podemos concluir que:

I) Camara Jr. faz uma breve enumeração dos pronomes demonstrativos em função adverbial do português, entre eles, os quatro locativos estudados nessa pesquisa. Porém só trata da questão dêitica. Percebemos assim, que o autor não tem o propósito de prolongar nesse momento o seu estudo sobre os locativos e por esse motivo não temos muito a comentar sobre o seu trabalho.

II) Bomfim afirma que não se deve dar um tratamento uniforme a todos os advérbios em português, já que há variações entre eles. A autora, ao citar um exemplo em que aparentemente o advérbio está modificando um substantivo, discorda desse fato e ainda questiona a possibilidade. Desse modo, Bomfim se distancia da nossa proposta, e se aproxima ao citar a existência dos locativos dêiticos e dos não-dêiticos. Valendo-se de exemplos, Bomfim afirma que o regime do verbo e sua natureza semântica estão intimamente ligados ao tipo de localização indicado pelo dêitico; e que a preposição implícita ao dêitico varia segundo o regime do verbo. Faz um quadro resumitivo dos advérbios de lugar afirmando que não são passíveis de intensificação; coocorrem com outros indicadores de lugar; localizam no espaço o processo verbal e/ou o elemento que cabe localizar; são dêiticos; podem exercer a função de sujeito; não se juntam a preposições para formar locuções, mas podem ser precedidos de preposição; respondem satisfatoriamente à pergunta: onde?. Aproxima-se do nosso estudo também ao ressaltar o uso anafórico de *aqui*, *cá*, *aí*. A autora opta por não incluir esses mesmos elementos na classe dos advérbios e sim, entre os pronomes demonstrativos.

III) Neves conceitua o advérbio sob dois pontos de vista distintos: o morfológico e o sintático. A autora informa que, sendo periférico em um sintagma, o advérbio pode incidir sobre um verbo; um adjetivo ou sintagma com valor de adjetivo; um advérbio ou sintagma com valor adverbial. Acrescenta sua incidência sobre um numeral, um pronome, um substantivo e a conjunção “embora”. Continua, afirmando que, sendo periférico em um enunciado, incide sobre a oração ou proposição; e sendo periférico no discurso, incide sobre todo o enunciado.

A autora ressalta como o advérbio é uma classe heterogênea quanto à função, podendo se dividir em advérbios modificadores e não-modificadores. Além disso, ainda trata dos advérbios circunstanciais (de lugar e tempo) de forma separada, apontando a função dêitica e a foricidade do advérbio locativo. Cita a “natureza pronominal” dos advérbios fóricos, apontando que esses advérbios fóricos comportam-se como proformas nominais e acrescenta que podem ser chamados de “advérbios pronominais” ou “pronomes adverbiais”.

A autora aponta as funções sintático-semânticas dos advérbios circunstanciais de lugar: função argumental, função adjuntiva adverbial, função adjuntiva adnominal e função juntiva. Por fim, Neves classifica os advérbios circunstanciais de lugar também quanto à valência em: não completáveis, intransitivos, avalentes ou completáveis, transitivos. E quanto aos traços semânticos em: de situação, de percurso, de origem e de direção.

Assim, Neves aproxima-se do nosso estudo ao apontar a incidência do advérbio sobre um substantivo, destacar sua função dêitica e fórica e citar a “natureza pronominal” dos advérbios fóricos, porém seu estudo não enfoca muitos aspectos da nossa pesquisa, como por exemplo, o uso clítico, a trajetória de gramaticalização, entre outros.

IV) O trabalho de Martelotta citado nessa revisão da literatura, e dos autores que o procedem, é mais focado no uso dos locativos pós SN, portanto são os que mais se aproximam da nossa proposta, é claro que com algumas diferenças. O autor cita exemplos em que realmente o advérbio está modificando um nome que o antecede. Segundo Martelotta, o elemento *aí*, objeto do seu estudo, está sofrendo um processo de gramaticalização espaço > (tempo) > texto, que vai do uso dêitico espacial até o modificador do nome, quando assume uma posição mais fixa na sentença. O autor destaca, utilizando exemplos, que o primeiro fenômeno que ocorre nesse processo é a perda da indicação de proximidade em relação ao ouvinte, que opõe o elemento *aí* aos demais dêíticos espaciais. Aponta que quando o elemento *aí* perde seu valor dêitico/anafórico, ele atinge o auge da abstração, passando a fazer então, referência ao substantivo a que acompanha, o caracterizando como algo que existe, mas a

respeito do qual não quer ou não pode entrar em detalhes. Nesse estágio, o elemento perde a mobilidade dos locativos, diminui a possibilidade de sua inserção na sentença, penetra no SN e assume um tipo de função modificadora, o que se aproxima em parte do nosso trabalho, já que não chamamos o último uso de modificador e sim, de clítico.

Sobre o *lá*, Martelotta aponta que esse elemento segue dois processos distintos de gramaticalização. Um caracteriza-se pela trajetória espaço > (tempo) > texto, passando a assumir funções anafóricas e catafóricas, e na continuidade, valores temporais e inferíveis. A outra trajetória leva o elemento a assumir uma função modalizadora e, assim, a unir-se ao SN, ou a assumir funções típicas da discursivização, como ocorre na forma *sei lá*, que marca uma pausa, para que seja retomada a conversação. Sobre o estudo do *lá* apenas liga-se a nossa proposta no que diz respeito às funções anafóricas e catafóricas que passa a desempenhar e ao fato de se unir ao SN.

V) Braga & Paiva também realizam um estudo voltado para o uso dos locativos, em especial do *aí*, não apenas pós SN, e concluem que o processo o qual o elemento está sofrendo é de poligramaticalização, pois o locativo *aí* dá origem a duas cadeias diferentes de gramaticalização: dêitico > fórico > jutor > marcador discursivo **ou** dêitico > clítico, o que não se ajusta a nossa proposta, pois acreditamos que a trajetória advérbio > clítico é motivada originalmente pelo uso dêitico dos pronomes adverbiais locativos e por outro lado, não é possível desconsiderar a influência dos movimentos fóricos – catáfora e, mais acentuadamente, anáfora – nessa derivação semântico-funcional. Acreditamos na relevância dos parâmetros metonímicos para a fixação da forma clítica. Ao se colocar o locativo após o SN, num tipo de arranjo sintático fora do uso prototípico adverbial, de tendência pós-verbal, estabelecem-se condições que permitem a reanálise desse constituinte como forma dependente e mesmo integrante do SN, compondo com este um todo de sentido e forma. Trata-se, realmente, de uma trajetória distinta dessa que configura poligramaticalização.

VI) Tavares tem uma proposta sobre o uso dos locativos, especialmente do *aí*, pós SN e afirma que esse elemento, através de extensões metafóricas e metonímicas está sofrendo um processo de gramaticalização, que parte de sentidos dêiticos espaciais até chegar ao uso como marcador de especificidade que fornece ao sintagma nominal indefinido um traço [+específico]. Apesar de acreditarmos que esse elemento possa “especificar” o SN anterior de alguma forma, postulamos que o nome “clítico” seja mais adequado.

Apesar de alguns autores se aproximarem um pouco de nossa pesquisa, nenhum deles dá o tratamento mais específico e aprofundado que buscamos apresentar.

1.2.1 A noção de “clítico”

Como vimos na introdução dessa pesquisa, o clítico é um morfema gramatical que atua sintagmaticamente e está preso fonologicamente a outra palavra. Em nossa pesquisa, no locativo atuando como clítico, já não se pode mais observar a ideia de lugar, de espaço, e sim um estágio já gramaticalizado do advérbio pronominal locativo, sempre ligado a um nome.

E nessa seção, apresentamos alguns trabalhos que se aproximam muito da nossa proposta, já que os autores aqui listados mencionam o uso clítico. Uns com essa mesma nomenclatura, outros utilizam nome distinto, mas com a função equivalente a do nosso clítico. Do mesmo modo, também há os que tratam desse uso, mas sem fazer referência especificamente aos locativos, e sim, de uma forma geral.

Segundo Taylor (1995), os clíticos se confundem com palavras e afixos, porém, possuem certas características as quais sugerem que eles formam uma categoria própria, como o fato de não poderem se separar da palavra a qual se liga por uma pausa; há uma integração fonológica obrigatória com a palavra a qual são ligados; podem se unir a qualquer palavra; não podem ser deslocados.

De acordo com o autor, os clíticos são inseridos numa sentença através de um especial componente pós-sintático da gramática, distinto tanto da formação de palavra quanto dos componentes sintáticos. Isto é apoiado pelo fato que, semanticamente, clíticos são diferentes dos afixos, já que estes mudam o conteúdo semântico e/ou a função sintática da palavra. Já os clíticos não afetam o significado e a função da palavra a que se ligam, mas geralmente têm a ver com a estrutura do texto ou a atitude do falante.

Tavares (2009), em sua pesquisa citada anteriormente sobre o “aí” marcador de especificidade, afirma que o SN indefinido de que trata, com o “aí”, tem entonação descendente, tendo o “aí” acento mais fraco que o nome, o que para a autora é mais um indício de que pertence ao SN, já que integra a unidade entoacional do nome a que acompanha. Acreditamos que o mesmo pode ser afirmado por nós nessa pesquisa, que envolve não apenas o *aí*, mas também o *lá*, *aqui* e *ali* e vários tipos de SN, não apenas o indefinido.

Por outro lado, Camara Jr. (2005), lança mão do conceito “forma dependente” ao tratar da função clítica:

“uma forma que não é livre, porque não pode funcionar isoladamente como comunicação suficiente; mas também não é presa, porque é suscetível de duas possibilidades para se disjuntir da forma livre a que se acha ligada: de um lado, entre ela e essa forma livre pode se intercalar uma, duas ou mais formas livres. Por outro lado, quando tal não é permissível, resta a alternativa dela mudar de posição em relação à forma livre a que está ligada, o que não ocorre absolutamente com uma forma presa.” (CAMARA JR., 2005, p. 70)

Braga & Paiva (2003), em sua pesquisa também citada anteriormente sobre o clítico “aí”, afirmam que o uso clítico de *aí* é o estágio mais avançado de um processo de gramaticalização, já que seu escopo é uma categoria nominal com a qual constitui um todo fonológico, o qual não admite a intercalação de material linguístico.

Concordamos com o ponto de vista dos autores aqui citados – principalmente com Braga & Paiva, que atribuem aos locativos a função clítica – defendendo que o clítico de que tratamos é um morfema gramatical, preso fonologicamente, com uma entonação descendente da do SN ao qual está unido. Este clítico não pode ser deslocado nem pode ser colocado material linguístico entre ele e o SN que acompanha; não sendo possível também que se altere o sentido e a função desse SN.

1.2.2 A percepção do espaço

Os estudos de Batoréo (2000) são uma contribuição para nossa pesquisa sobre os locativos, pois a autora trabalha a concepção e percepção do espaço por nós, seres humanos e falantes, que usamos a língua para nos comunicarmos. Batoréo afirma que para conseguirmos uma representação do espaço, que pode ser posteriormente verbalizada ou não, necessitamos, principalmente, de uma atividade visual impulsionadora da construção do espaço mental. Apesar de todo ser humano dispor do mesmo tipo de aparelho de percepção visual, as representações humanas do espaço apresentam uma variedade tão grande que se torna certo a existência de um complexo percurso de percepção e representação, que dá origem a diversas leituras da realidade.

Assim, a percepção visual é constituída por grandes operações que envolvem a construção de descrições simbólicas elaboradas através de informação básica, a inferência de pistas de interpretação e a percepção de sinais. Dessa forma, o conhecimento do espaço é um processo complicado, referente a mundos resultantes da experiência que reflete as motivações e intenções.

A representação mental do espaço é feita a partir de imagens mentais, ou seja, através

delas organiza-se os diferentes esquemas perceptivos e representativos num todo coerente. Batoréo cita Johnson-Laird, para quem o espaço participa juntamente com o tempo, a possibilidade, a permissão, a causa e a intenção, do conjunto finito dos operadores semânticos. Assim, tanto o espaço quanto o tempo desempenham um papel nuclear na organização da experiência humana; o espaço primitivo desempenha o papel central e em função dele se constrói o modelo mental espacial físico e relacional, em que as ligações espaciais estabelecidas entre as entidades são representadas a partir de localizações em duas ou três dimensões. O modelo espacial é o ponto de referência para a criação de outros modelos, como o temporal, que é concebido como uma sequência de estruturas espaciais integradas numa ordem temporal semelhante a ordem dos acontecimentos.

A orientação espacial é entendida como um processo que relaciona a percepção do indivíduo do que o rodeia e a representação do seu meio-ambiente. O homem dispõe de um esquema múltiplo de métodos de orientação, e o escolhido por ele depende do sistema referencial utilizado: o sistema referencial egocêntrico, o referencial do objeto e o bidimensional de contentor, sendo este último o mais distante do falante, em que o lugar dos objetos é definido por coordenadas bidimensionais, sempre especificadas por características geográficas em larga escala. Segundo Batoréo (op. cit), localizar um objeto significa determinar a distância a que ele fica em relação ao locutor e em função do seu olhar que se espalha no espaço a fim de o apreender.

De acordo com a autora (op. cit., p.246): “o espaço é uma das estruturas que expressa o nosso 'estar no mundo', isto é, dada a sua dimensão, a própria existência pode ser reconhecida como espacial.” Batoréo cita a afirmação de Lyons, para quem há uma interdependência entre a dêixis e a pressuposição da existência, já que, em muitas línguas, são utilizadas as mesmas estruturas sintático-semânticas para as duas, como por exemplo, a ordem das palavras, a natureza locativa, os mesmos tipos de verbos: *ser, estar, ter e haver*. Estes verbos também apontam, segundo a autora, para uma interdependência com a expressão de posse.

Para tratar da teoria localista, Batoréo (op. cit.) afirma que a organização espacial é central na cognição humana, atribuindo à linguagem o papel fundamental das expressões espaciais na constituição de esquemas estruturais para outras expressões.

A autora conclui que praticamente toda a atividade humana pode ser interpretada em função de esquemas locativos e o local pode ser um ponto, uma área, uma fronteira.

Vale lembrar que os estudos de Batoréo (2000) fundamentam às descrições e análises empreendidas nessa pesquisa.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Como afirmado anteriormente, nossa pesquisa está calcada nos pressupostos do Funcionalismo Linguístico, já que buscamos analisar os diversos padrões funcionais dos locativos *aí, lá, aqui* e *ali* pós Sintagma Nominal – focando nossa atenção ao uso clítico, o mais gramaticalizado, que compõe a construção SN + loc – levando em consideração não só a estrutura, mas também o contexto comunicativo.

Assim, partimos da descrição dos pressupostos teóricos fundamentais do Funcionalismo Linguístico na linha norte-americana, abordando alguns conceitos condizentes com a nossa pesquisa, e posteriormente apresentamos algumas premissas dos estudos cognitivistas que muito contribuem para o presente estudo.

Lembrando que não intencionamos apresentar de maneira exaustiva todos os princípios do Funcionalismo e do Cognitivism, apenas é realizada uma síntese da teoria, enfocando os assuntos pertinentes ao nosso trabalho.

2.1 Pressupostos funcionalistas

Segundo esta teoria, a sintaxe é uma estrutura que se transforma de acordo com as estratégias de organização da informação utilizadas pelos falantes no momento do discurso. Portanto, para entender a sintaxe seria necessário estudar a língua em uso, pois é neste momento que a gramática se constitui.

De acordo com Neves (1997), a sintaxe é vista como a codificação de dois distintos domínios funcionais: a semântica (proposicional) e a pragmática (discursiva). Uma sentença que apenas contenha informação semântica e que não apresente função pragmática realmente não existe na comunicação, segundo a autora. Apenas pode representar um segmento artificialmente isolado de seu contexto, somente para análise.

Segundo Givón, pioneiro nestes estudos, “a sintaxe existe para desempenhar uma certa

função, e é esta função que determina sua maneira de ser.” (Martelotta; Areas, 2003, p.24) Então, não se deve analisar a forma como algo isolado, e sim como motivada pelo contexto discursivo.

A mudança na função discursivo-pragmática de uma sentença causa mudanças na sua estrutura sintática, e os usos linguísticos, ao longo dos tempos, é que dão forma ao sistema; logo a sintaxe deve ser investigada segundo os aspectos semânticos e pragmáticos da língua.

Os funcionalistas acreditam que a gramática deve se moldar ao uso concreto da língua pelos falantes nas situações de comunicação, sendo então, o resultado das regularidades observadas no discurso. Do mesmo modo, o discurso também deve ser moldado pelas normas gramaticais. Assim, gramática e discurso estão relacionados e não dissociados, como afirmam os estruturalistas.

“Numa gramática funcionalista, portanto, a língua é interpretada como um sistema de significados, acompanhado de formas através das quais se expressam os significados.” (Costa, 2000, p. 55) Logo, a língua não é entendida como uma unidade em si mesma, ao contrário, ela serve aos interesses dos indivíduos na construção do discurso.

Assim, deve-se destacar que a investigação linguística se volta para o contexto comunicativo, espaço no qual estão localizadas as motivações para os atos de fala e onde as palavras e frases assumem seus significados. Dessa forma, a análise estrutural é priorizada como elemento que serve a funções comunicativas e cognitivas em detrimento da análise de uma estrutura apenas gramatical.

Nesse sentido, a teoria funcionalista prioriza as funções na sua análise de codificação linguística, porém sem negar a existência de correlações ou pressões estruturais. O termo “função” se relaciona às tarefas que a estrutura da língua desempenha na comunicação entre os falantes; e o termo “estrutura” está ligado aos mecanismos de codificação morfossintática.

Essa estrutura gramatical é vista como um sistema maleável, permitindo-se adequações ou exceções às regras, sempre norteados pelos usos linguísticos. São eles que vão constituir as estruturas, e estas apresentam mudança ou variação. Assim, sob o viés funcionalista, as categorias não são discretas, apresentam um eixo central prototípico, que é acompanhado por suas margens; as fronteiras entre as categorias não são rigidamente estabelecidas.

Essa maleabilidade na categorização ocorre porque, segundo o funcionalismo, a língua é analisada durante o processo comunicativo, considerando-se vários fatores conversacionais e contextuais, que determinam as categorias em um determinado contexto. Desse modo, é importante considerar questões pragmáticas, como as intenções comunicativas que criam as

estruturas.

2.1.1 Categorização linguística e prototipicidade

Segundo o Dicionário de Linguística, categorização é uma operação que segmenta a cadeia em elementos descontínuos e classifica esses segmentos em categorias lexicais ou gramaticais, segundo as propriedades distribucionais que eles possuem. Para Neves (1997), cada expressão referencial nominal é uma categorização, isto é, uma colocação do referente em determinada categoria cognitivamente estabelecida.

Bybee e Moder (1983) acreditam que falantes de uma língua fazem categorizações de elementos linguísticos do mesmo modo que fazem categorizações de elementos naturais e culturais, o que sugere que os princípios psicológicos os quais governam o comportamento linguístico são os mesmos que governam outros tipos de comportamento humano.

Substantivos, adjetivos, verbos, etc. são categorias lexicais, porque os membros dessas classes são morfemas lexicais, ou seja, são associados a uma coisa do mundo bio-social que nos envolve e recebe expressão na língua, segundo Camara Jr. (2005). Brinton & Traugott (2005) apontam que as categorias lexicais se referem a significados concretos. Preposições, advérbios, auxiliares são categorias gramaticais, porque os membros dessas classes são morfemas gramaticais, de acordo com Camara Jr. (op. cit.), acrescentando que eles entram na configuração formal da gramática da língua. Brinton & Traugott (op. cit.) completam que estas categorias se referem a significados abstratos e funcionais.

Em seus estudos sobre as categorias prototípicas, Taylor (1995) vai de encontro a teoria aristotélica clássica, segundo a qual as categorias são definidas por um conjunto de traços que todos os seus membros compartilham, sendo esses traços binários. Segundo esta teoria, as categorias possuem fronteiras delimitadas, ou seja, ou o elemento faz parte dessa categoria ou não; e todos os seus membros têm *status* igual.

Citando os estudos de Wittgenstein (1953), Taylor (op. cit.) afirma que a fronteira da categoria é vaga, assim, as categorias não são estruturadas em termos de traços compartilhados, mas por uma rede de similaridades. Porém, existem, de fato, atributos associados à categoria em que alguns de seus membros, não todos, os compartilham. Isso mostra que não existem atributos comuns a todos os membros e que, há ainda, casos em que alguns de seus membros não têm nada em comum com os outros.

Alguns linguistas preferem falar em classes abertas e fechadas e não em categorias lexicais e gramaticais, como por exemplo, Talmy (2000). Segundo o autor, classes abertas são

aquelas que são bastante e facilmente aumentáveis em relação a outras classes e as fechadas são aquelas que são relativamente pequenas e fixas nos seus membros. Para Talmy (op. cit.), classes abertas são nomes, verbos e nas línguas que os têm, adjetivos. Todas as outras formas linguísticas são classes fechadas, estas incluem determinantes, preposições, advérbios, partículas e alguns padrões de entonação. Uma dificuldade encontrada foi no tratamento de adjetivos como membro da classe aberta, pois, de acordo com Dixon (1982), em algumas línguas eles pertencem a classe fechada. Também, existe um contínuo entre classes abertas e fechadas, e seus membros em qualquer uma das classes pode ser mais ou menos prototípico.

Segundo Brinton & Traugott (op. cit.) protótipos são grupos idealizados de propriedades comportamentais; categorias que são distinguidas mais por grau do que por espécie. Itens individuais mostrarão maior ou menor critérios de características comportamentais. Os autores citam Ross (1972), quem aponta que alguns nomes são “mais nome” do que outros. Para Neves (op. cit.), protótipo é o membro que ostenta o maior número das propriedades mais caracteristicamente importantes, e todos os demais membros devem ser classificados de acordo com o grau de semelhança com o protótipo.

Taylor (op. cit.) cita o trabalho de Rosch (1975) sobre prototipicidade, em que a autora demonstra através de pesquisas, que estabelecer graus de participabilidade em uma categoria é uma noção psicologicamente válida e que, a correlação entre o grau de participabilidade em uma categoria, a frequência e a ordem com que os membros da categoria são mencionados é também muito interessante, pois quando se é pedido a um informante que dê exemplos de uma categoria, a tendência é ele mencionar os prototípicos primeiro.

Para a autora, é possível que a prototipicidade seja uma consequência de propriedades inerentes da percepção humana e que os membros de uma categoria possam atingir o *status* de prototípicos por serem mais frequentes. Segundo estudos, categorias prototípicas possuem uma flexibilidade, ao contrário da afirmação aristotélica, para acomodar dados novos e não-familiares.

As conclusões dessas pesquisas são:

- a) Categorias não são estanques; há membros mais centrais do que outros;
- b) Categorias não podem ser caracterizadas por um grupo de traços que todos os seus participantes compartilham;
- c) Os membros de uma categoria se relacionam através de semelhança por familiaridade;
- d) Todas as características citadas aplicam-se tanto a categorias do mundo quanto a categorias linguísticas.

2.1.2 Polissemia e ambiguidade

Segundo Taylor (1995), polissemia é a associação de dois sentidos relacionados com uma única forma linguística. O autor utiliza a palavra inglesa “school” como exemplo, já que a mesma forma pode significar educação de crianças, divisão administrativa de uma universidade, uma tendência acadêmica, etc.

Taylor (op. cit.) adiciona que, se diferentes usos de um item lexical requerem para sua explicação uma referência a dois domínios³ diferentes ou a dois conjuntos de domínios, esse elemento deve ser polissêmico. Porém, aponta que um item pode ser polissêmico mesmo se os diferentes sentidos forem caracterizados baseados em um mesmo domínio. São casos nos quais o domínio pode ser estruturado em termos de esquemas⁴ alternativos. Cita como exemplo, as expressões inglesas “high ceiling” e “high building”, em que ambas se referem ao domínio do espaço vertical, porém na primeira, “high” é a posição de uma entidade no espaço vertical e na segunda, é a extensão vertical de uma entidade que está sendo mencionada.

Traugott & Dasher (2005) apontam que a teoria da polissemia é essencial para se entender mudança semântica, pois nenhuma mudança se dá de forma abrupta: “A > B” e sim: “A > A ~B” e às vezes apenas “> B” Ou seja, velhos significados dão origem a novos, porém há um período de convivência entre eles, às vezes o significado velho desaparece, mas às vezes não. O que é mais típico é o acréscimo de mais e mais significados todo o tempo, ocasionando polissemia. Assim: A > A/B (> B), sendo A/B o momento em que o contexto dá margem a ambiguidade, pois o que passamos a ter são dois sentidos diferentes para uma mesma forma, coexistindo em um mesmo tempo e espaço. Pode ser que apenas um deles continue na língua e a ambiguidade se desfça, mas como vimos, em muitos casos os dois sentidos permanecem.

Semanticistas, através de testes, concluíram então que a polissemia de um item pode afetar de duas diferentes maneiras, o entendimento de uma sentença:

- (i) Compreender uma sentença polissêmica implica selecionar um dos seus sentidos;
- (ii) A sentença polissêmica pode causar ambiguidade.

Para se entender a sentença polissêmica é necessário que locutor e interlocutor tenham

3 Segundo Taylor (1995), domínio é o espaço tridimensional. E para Langacker (1987) domínio é relativo a unidades semânticas e qualquer sistema de conceito ou conhecimento pode funcionar como um domínio.

4 Segundo Taylor (1995), esquema é o tamanho e a posição da entidade no espaço

o sentido em mente para selecioná-lo.

2.1.3 Gramaticalização: um processo de mudança linguística

A forma fluida das línguas humanas tem despertado a atenção dos linguistas. Elas são sensíveis às diferenças culturais, apresentando *variações* de natureza individual, regional, sexual, social, entre outras, em um mesmo espaço de tempo; e *mudanças* que se manifestam com o tempo.

Segundo a teoria funcionalista, o uso da língua nas situações reais de comunicação motiva os elementos linguísticos a sofrerem transformações ao longo do tempo, sendo que estas apresentam certa unidirecionalidade: vão do discurso para a gramática. Assim, os elementos perdem a liberdade criada pela criatividade do discurso e se tornam mais fixos e regulares. Podemos perceber que o nosso estudo vem comprovar essa afirmação, pois nossos dados mostram um uso novo e criativo - por ser corriqueiro da fala - muito dificilmente encontrado na escrita.

A ideia de unidirecionalidade nos leva a crer que existem fatores cognitivos, socioculturais e comunicativos que conduzem a mudança. Então, é possível que se concorde com Saussure quando este afirma que existe uma pancronia ou um conjunto de leis gerais que possui bases não-estruturais; ou com Furtado da Cunha, Oliveira e Votre (1999), que acreditam haver transformações ocorrendo em todos os tempos e lugares, pois há evidências de que a mesma transformação pode ocorrer repetidamente. O funcionalismo adota com Labov (1994) uma formulação segundo a qual os mesmos tipos de mudança ocorreram em todos os momentos da história das línguas e tenderão a permanecerem ocorrendo.

Então, a mudança linguística não pode ser entendida como uma diacronia linear, constituída por transformações numa evolução temporal, pois como vimos, o tempo não é essencial para a compreensão da mudança linguística. Esta, segundo Martelotta (2003), deve ser entendida como um fenômeno refletido por, pelo menos, três aspectos: tempo, cognição e uso, já que a teoria funcionalista interpreta as línguas como o reflexo do comportamento no momento da comunicação.

Visto isso, deve-se ter em mente que as mudanças em uma língua se iniciam no momento em que há a interação verbal entre dois indivíduos. “O surgimento de novas estruturas gramaticais é motivado quer por necessidades comunicativas não preenchidas, quer pela presença de conteúdos cognitivos para os quais não existem designações linguísticas adequadas, quer pela própria dinâmica das tendências em curso.” (Furtado da Cunha, Tavares;

2007; p. 25) A produção do discurso é restrita às regras da gramática da língua, mas também é um processo criativo no qual o falante cria e recria formas e sentidos de acordo com as limitações cognitivas e necessidades comunicativas exigidas pelo contexto situacional. Quando isso acontece e é adotado por uma comunidade linguística, essas “criações” permanecem e podem se tornar uma mudança efetiva.

Dentre os muitos processos de mudança linguística, a *gramaticalização* é considerada um dos mais recorrentes ao se observar as línguas em geral. O sistema linguístico sofre constante renovação e isso é notado quando surgem novas funções para formas já existentes e vice-versa. Esse fato nos remete a noção de “gramática emergente”, que é assumida por vários estudiosos da gramaticalização. Segundo eles, não há uma gramática pronta, e sim, constante gramaticalização.

A gramaticalização pode ser considerada um paradigma ou um processo, e pode ser observada sob a perspectiva sincrônica, diacrônica ou até mesmo panocrônica, que seria a combinação das duas primeiras.

Deve-se ressaltar que o termo *gramaticalização*, mais recorrente na literatura, é também chamado por alguns estudiosos de *gramaticização*. Porém faz-se uma distinção entre ambos, relacionando gramaticalização com a perspectiva diacrônica e gramaticização com a sincrônica.

“A gramaticalização se instaura no momento em que uma unidade linguística começa a adquirir propriedades de formas gramaticais ou, se já possui estatuto gramatical, tem sua gramaticalidade ampliada.” (Gonçalves, S. *et alii* (org), 2007, p. 16)

Então, de acordo com essa concepção, palavras de uma categoria lexical plena, como nomes, adjetivos e verbos, podem passar a integrar a classe das categorias gramaticais, como as preposições, os advérbios, os auxiliares etc., podendo até mesmo posteriormente se tornar afixos.

Hopper & Traugott (1993, p. 7) afirmam que uma forma em gramaticalização segue o seguinte *cline* de mudança: [item de conteúdo] > [palavra gramatical] > [clítico] > [afixo flexional]

Segundo Heine *et al.* (1991a, p. 2):

“Estamos lidando com a gramaticalização, um processo que pode ser encontrado em todas as línguas conhecidas e que pode envolver qualquer tipo de função gramatical, quando uma unidade ou estrutura lexical assume uma função gramatical, ou quando uma unidade gramatical assume uma função ainda mais gramatical.”

No que concerne à direção da mudança, alguns autores observam este processo partindo do discurso para a morfossintaxe. Givón (1991), Genetti (1991), Haiman (1991), Herring (1991), Hook (1991), Hopper (1991), Lichtenberk (1991) e Shibatani (1991), todos trabalhos compilados por Traugott & Heine (1991) defendem a existência de um processo cíclico: *discurso > sintaxe > morfologia > morfofonêmica > zero*.

Segundo Silva (2000), de acordo com esse ponto de vista, algumas categorias lexicais de conteúdo pleno, a princípio, passam a ser utilizadas discursivamente em contextos nos quais apresentam determinada função gramatical. Progressivamente, seu uso se torna mais previsível e regular, resultando numa nova construção sintática com características morfológicas especiais, podendo, posteriormente, desenvolver-se para uma forma ainda mais dependente, como um clítico ou afixo, às vezes passando por adaptações fonológicas. Com o passar do tempo, essa construção pode sofrer um desgaste formal e funcional tão grande que tenderá a desaparecer.

Givón (1971, p. 413), que havia afirmado: “a morfologia de hoje é a sintaxe de ontem” (parafraseando Hodge, 1970), complementa “a sintaxe de hoje é o discurso pragmático de ontem” (Givón, 1979, p. 208-209). Com isso o autor quer dizer que no processo de gramaticalização, o modo mais pragmático de comunicação evolui para um modo mais sintático, ou seja, expressões linguísticas com fraca vinculação sintática se transformam em expressões sintáticas fortemente ligadas. Como exemplo, Givón separa de um lado, a linguagem da criança, as línguas pidgins e a linguagem informal como modo pragmático; e de outro, a linguagem do adulto, as línguas crioulas e a linguagem formal como modo sintático.

Além do estudo de gramaticalização, tem sido desenvolvido o estudo de lexicalização. Este último termo tem sido usado sincronicamente – para a codificação de categorias conceituais – e diacronicamente – para a adoção dentro do léxico.

Brinton & Traugott (2005, p. 20) apontam três definições para lexicalização. A primeira é de Bussmann (1996): “A adoção de uma palavra para dentro do léxico de uma língua como uma formação usual que é armazenada no léxico e pode ser regressada de lá para o uso.” A segunda é de Blank (2001, p. 1603): “Um processo pelo qual novas entidades linguísticas, sejam elas palavras simples ou complexas ou apenas novos sentidos, se tornam convencionalizadas no nível do léxico.” E a terceira é de Lehmann (2002, p. 14): “Um processo em que algo se torna lexical”, no sentido de entrar para o inventário e se tornar holístico, ou seja, fazer parte de um sistema completo. Os autores afirmam também que para alguns estudiosos, a lexicalização ocorre quando uma forma não pode mais ser explicada através de regras gramaticais regulares. Segundo a autora, lexicalização pode ser chamada de

semanticização.

Em algumas pesquisas há a união dos estudos de gramaticalização e lexicalização, como por exemplo, naquelas relacionadas à “fusão” de itens sintagmaticamente livres para dentro de expressões e algumas vezes, com adicional redução por combinação. Quando a fusão é conceitualizada no contexto de discussões sobre unidirecionalidade, paralelos entre lexicalização e gramaticalização surgem, como perda de composicionalidade, fusão de morfemas originalmente separados na dimensão da forma e idiomatização na dimensão do significado. Quando a estrutura interna de uma palavra não é mais relevante, a lexicalização ocorreu. Esta palavra lexicalizada pode então sofrer gramaticalização e se tornar regularizada no sentido que sua autonomia é reduzida. Onde a mudança é identificada, mas não há unidirecionalidade, ela é considerada lexicalização, que é o oposto de gramaticalização.

Traugott & Brinton (op. cit.) citam também Wischer (2000), ao afirmar que enquanto a lexicalização envolve um sintagma se tornando mais lexical, ou seja, um lexema se tornando mais lexical, a gramaticalização envolve um sintagma se tornando mais gramatical, isto é, um item gramatical se tornando mais gramatical, e como exemplo para este último, a autora aponta a trajetória de uma palavra para um clítico, nosso objeto de estudo. Ambos os processos envolvem redução fonética gradual, reanálise sintática, rebaixamento, fossilização, convencionalização. E acrescentam que para Wischer, quando uma palavra ou *collocation* é lexicalizada, um componente semântico específico é adicionado, mas quando um termo é gramaticalizado, componentes semânticos específicos se perdem e a categoria sugerida ou o significado operacional é colocado em primeiro plano.

Assim, podemos afirmar que na nossa pesquisa o que ocorre é gramaticalização, pois não há a adoção de uma nova palavra para o léxico da língua, e sim, o que há é uma mudança com unidirecionalidade, através de extensões metonímicas e metafóricas, de um item já gramatical, mais concreto – dêítico – para um outro mais gramatical ainda, portanto mais abstrato – clítico. Ou seja: o significado baseado na situação externa passa a significado baseado na situação interna, de acordo com Neves (1997)

Deve-se ressaltar que a gramaticalização ainda se encontra em processo de constituição como paradigma definitivo e que os estudos atuais ainda não se desenvolveram o suficiente para serem considerados pertencentes a uma teoria sólida, como outras teorias linguísticas.

2.1.3.1 Princípio da mudança: a unidirecionalidade

Como o princípio da unidirecionalidade é bastante discutido entre os autores – pois uns, como Hopper & Traugott (1993) acreditam ser ele uma hipótese passível de verificação empírica e outros, como Heine *et al.* (1991a), afirmam ser uma propriedade definitória do processo – alguns autores fazem uso do rótulo *continuum* ao tratar dos deslizamentos entre classes de palavras.

Há trabalhos que utilizam o *continuum* para tratar do desenvolvimento de advérbios ou preposições em conectivos oracionais; de conectores concessivos a partir de temporais; de demonstrativos a artigos definidos no inglês e no húngaro; em categorias semânticas de valor temporal a causal, de um volitivo a um de futuridade ou de um modal a um comparativo. Em maior número estão os estudos que utilizam categorias cognitivas num *continuum* para explicar os deslizamentos funcionais das palavras ou estruturas.

Com a unidirecionalidade, a mudança se dá sempre da esquerda para a direita – de categorias mais próximas do indivíduo, ou seja, mais concretas, para as mais distantes ou menos concretas.

Diversos autores afirmam que a unidirecionalidade pode ser rompida em alguns casos, mas isso não invalida seu uso. Esse fato fez Frajzyngier (1986) propor a hipótese da bidirecionalidade da gramaticalização.

Braga (mimeo.) afirma então que a unidirecionalidade é “um recurso analítico que permite organizar e melhor compreender os diversos usos associados a determinada forma.” (Braga apud Gonçalves, S. *et alii* (org), p. 41) Em relação a explanação acima, pode-se concluir que nem toda mudança envolve gramaticalização, mas toda gramaticalização pressupõe estágios de mudança.

Votre (1999; 2000) enfraquece a visão derivacionista que propõe a unidirecionalidade do concreto para o abstrato. O autor possui uma proposta de focalização das relações entre sentidos, sem apontar qual teria sido o primeiro estágio. Com isso, Votre formula um *princípio de extensão imagética instantânea*, segundo o qual “a faculdade da linguagem opera de modo instantâneo, no sentido de que todas as virtualidades e potencialidades se tornam disponíveis na mente das pessoas, que interagem na comunidade discursiva, ancoradas no contexto situacional de cada interação.” (Votre, 1999; 2000 apud Oliveira, p. 4)

A partir disso, torna-se evidente as duas diferentes visões de mudança – a da *unidirecionalidade*, que propõe a evolução linear e sucessiva dos elementos linguísticos e a da *extensão imagética instantânea*, a qual prevê que os sentidos que compõem a polissemia dos

elementos linguísticos estão previstos uns nos outros, não apresentando uma trajetória linear. Porém, firmamos nossa pesquisa de acordo com o princípio da unidirecionalidade como traço básico da mudança por gramaticalização.

2.1.3.2 Mecanismos da mudança: metonímia, metáfora, reanálise e analogia

Juntamente à mudança linguística, está a atuação de processos cognitivos que interagem com as situações externas de comunicação verbal. Nos estudos de gramaticalização, estes processos são representados por vários mecanismos, porém os que se destacam mais são: *extensão metonímica*, *extensão metafórica*, *reanálise e analogia*. Esses quatro mecanismos ocorrem quando no uso cotidiano da língua, os falantes adaptam novas funções e formas para atender às suas necessidades comunicativas, possibilitando que a língua sofra algumas alterações no nosso entendimento e nos seus padrões gramaticais.

A *metonímia* é vista como um domínio de extensão de significados. É um processo de associação de conceitos na forma de inferência, ou seja, baseada na contiguidade, sendo esta posicional ou sintática, no sentido de que a mudança não ocorre apenas com a forma, mas com a expressão toda da qual faz parte. Quando as mesmas inferências ocorrem frequentemente com uma forma em particular, elas podem se tornar habitualizadas, sendo assim parte do conjunto de conceitos tipicamente exibidos pela forma. O significado novo tem uma grande tendência a ser mais abstrato do que àquele do qual foi derivado.

Ligados ao processo cognitivo da metonímia está a reanálise, que veremos posteriormente, e a inferência por pressão de informatividade, segundo Traugott e König (1991). Esta constitui um processo em que o elemento linguístico passa a assumir um sentido novo, o qual surge através de determinados contextos em que pode ser inferido do sentido primeiro.

A *metáfora* ocorre quando dois conceitos distintos são igualados por uma similaridade de percepção de sentidos, e a forma utilizada em referência ao conceito mais concreto passa a ser usada para se referir também ao conceito mais abstrato. Associada ao processo de dessemantização, em gramaticalização, a metáfora envolve a abstratização de significados. Assim, os significados de domínios lexicais ou menos gramaticais, são estendidos metaforicamente para serem usados com conceitos de domínios gramaticais ou mais gramaticais. Segundo Closs- Traugott (Traugott & Heine, 1991) essa abstratização parte da noção de espaço, podendo passar ou não pela noção de tempo, e desemboca na categoria mais abstrata de texto, nesse esquema: espaço > (tempo) > texto. Pressupõe-se que certo elemento

com valor espacial passa a assumir valores temporais e, progressiva e concomitantemente, funções textuais, ou segue diretamente do espaço para o texto, passando a organizar argumentos e/ou a assumir funções comunicativas.

Esta proposta de origem espacial dos significados se encontra em vários estudos de gramaticalização. Na gramática gerativa há a formulação de Jackendoff, que estabelece o espaço como ponto de partida para a derivação semântica.

Segundo Heine *et al.* (1991a), a origem dos significados segue esta escala de unidirecionalidade: pessoa > objeto > atividade > espaço > tempo > qualidade. Esses elementos constituem domínios de conceptualização importantes para estruturar a experiência em termos cognitivos. Assim, o autor parte do *corpo* humano como fonte de todo o processo metafórico, palavras que designam, por exemplo, partes do corpo passam a designar objetos ou qualificações; palavras referentes a noções espaciais passam a expressar noções temporais ou qualificações⁵. A ideia de *qualidade* de Heine está muito próxima à ideia de *texto* de Traugott. É nesse último estágio que se representam as relações mais abstratas.

Desse modo podemos entender como o ser humano conceitua o mundo ao seu redor: as coisas mais difíceis de se estruturar, ou seja, mais conceitualmente abstratas, são compreendidas a partir das mais fáceis, delimitadas, concretas. É dessa forma que ocorre a extensão metafórica.

Segundo Heine, Claudi e Hünemeyer:

“o processo cognitivo que direciona as formas à gramática possui duas perspectivas: uma discreta e psicológica por natureza, que sugere uma análise em termos de metáfora; outra contínua e pragmática, altamente dependente do contexto e exibindo estrutura metonímica.” (1991 a, p. 70)

Heine (1994) defende também que metáfora e metonímia são compatíveis entre si, pois conceitos são manipulados como resultado de implicaturas da conversação e recebem interpretação mais gramatical em determinados contextos, o que ocorre sob uma escala de entidades contíguas que estão numa relação metonímica, ou contêm um número menor de categorias mais descontínuas numa relação metafórica, mas que também pode ser descrita como o resultado de extensões metonímicas.

Segundo Hopper (1996), a gramaticalização não deve ser entendida de forma paradigmática como a substituição repentina de um significado presente no contexto por um ausente, ou seja, a metáfora, mas sim, de forma sintagmática, como a extensão de um

⁵ Na pesquisa funcionalista, o traço de *qualidade* de Heine é interpretado de maneira distinta.

significado já implícito nos contextos de uso da forma, ou seja, a metonímia.

Entretanto Bybee, Perkins e Pagliuca (1994) afirmam que esses mecanismos de mudança se dão em diferentes estágios de gramaticalização. A metáfora só é possível nos estágios iniciais, nos quais o conteúdo semântico é bem específico, e a metonímia nas etapas posteriores, nas mudanças entre sentidos mais abstratos, quando uma forma gramaticalizada continua a adquirir funções gramaticais.

De acordo com Sweetser, (1988, 1991) as mudanças semânticas são, até certo ponto, previsíveis, e a metáfora é, nesse contexto, a principal força de estruturação semântica, pois as mudanças semânticas seguem uma trajetória unidirecional de abstratização crescente que é justificada pela unidirecionalidade inerente às conexões metafóricas.

Mas, segundo a autora, por um lado, as projeções metafóricas apresentam a vantagem de prever a direção dos processos de mudança, e por outro, são incapazes de recuperar as etapas intermediárias desses processos, nas quais as categorias podem coexistir. Sweetser afirma que as mudanças sempre tomam lugar através de estágios intervenientes de polissemia e também, que existe uma correlação estreita entre polissemia sincrônica e mudança diacrônica, pois as polissemias são pistas capazes de recapitular e de explicar a trajetória histórica de desenvolvimento de uma palavra ou morfema.

A fim de recuperar esses estágios intermediários, a análise metafórica deve ser complementada pela análise pragmático-contextual, em que o contexto contíguo tem um papel fundamental na evolução semântica. Segundo a autora, é justamente devido à influência do contexto sobre a interpretação de um item que Hopper e Traugott (1993) e Traugott e König (1991) qualificam as mudanças semânticas de “metonímicas”. Para eles, a reinterpretação motivada pelo contexto ocorre quando uma palavra ou construção, além do sentido básico, permite a inferência de um sentido adicional, em função da contiguidade contextual ou metonímica. Progressivamente, pode haver a convencionalização das inferências, se o sentido adicional se tornar parte da palavra, de maneira que o que antes era inferido torna-se codificado.

Nesse sentido, segundo Longhin-Thomazi (2006), a gramaticalização é um processo gradual e histórico de pragmatização do significado, envolvendo de um lado, estratégias de caráter inferencial, que levam ao aumento de informação pragmática e, de outro, estratégias de caráter metafórico, que permitem o aumento de abstração.

A *reanálise* reorganiza e modifica regras da estrutura subjacente das construções linguísticas. Em certos contextos, a ambiguidade em algumas construções induz os falantes a interpretar a língua de diferentes maneiras, criando novas relações entre as palavras. Este

processo implica mudança categorial, mas estas transformações oriundas da reanálise não são facilmente observáveis, pois não conduzem a nenhuma mudança imediata na manifestação de superfície da construção reanalisada.

A *analogia* atua na generalização de uma forma para variados contextos linguísticos devido a sua nova função gramatical. Ela torna mais evidentes as alterações nos padrões morfossintáticos resultantes da reanálise, já que esta não pode ser claramente observável. A analogia leva ao aumento de frequência, pois quanto mais contextos de uso possíveis, mais o item aparece.

Cada atuação desses processos cognitivos gera uma série de modificações: ocorrem transferências de um domínio conceitual a outro, ou seja, a metáfora; em função das inferências contextuais que se tornam rotineiras, ou seja, a metonímia; as relações sintagmáticas entre as porções da língua são reanalisadas; e as formas são ampliadas para um grande número de contextos, ocorrendo então, a analogia.

Como vimos, não há na literatura referente ao assunto, um total consenso em relação a esses mecanismos de mudança. Heine *et alii* (1991), por exemplo, citam transferência metafórica, Lehmann (1991), destaca a analogia no processo como influenciadora da maneira como ele vai se alastrando na língua. Traugott e König (1991) acreditam que o tipo de mecanismo que garante a gramaticalização depende da natureza particular da função envolvida no processo, afirmando que a inferência metafórica ocorre principalmente no surgimento de marcas de tempo, aspecto, caso, enquanto a inferência por pressão de informatividade, mecanismo da natureza metonímica, é predominante no surgimento de conectivos. Já em Hopper e Traugott (1993), vê-se uma tendência de considerar a extensão metonímica e a reanálise. E Givón (1995), ao analisar o grau de integração entre cláusulas, aponta o processo de reanálise.

Porém, todos concordam que a gramaticalização ocorre lenta e gradualmente. As formas não mudam de categoria repentinamente. Segundo Tavares (2006, p. 252), “cadeias de gramaticalização são padrões de relação entre usos precedentes e subsequentes de um item linguístico que podem ser mapeados sincrônica ou diacronicamente e organizados ao longo de uma linha imaginária.”

Como processo, essas mudanças que fazem parte da gramaticalização ocorrem de modo gradual, numa escala unidirecional e contínua de aumento de gramaticalidade ou abstratização, como veremos na análise dos dados da presente pesquisa.

2.1.3.3 Estágios da mudança: sintaticização, morfologização e desmorfemização

Em relação às categorias lexicais, Lehmann (1995 [1982]) aponta os seguintes estágios que marcam a mudança do *[lexical]* > *[gramatical]* ou do *[-gramatical]* > *[+gramatical]* em gramaticalização: *sintaticização, morfologização e desmorfemização*.

A *sintaticização* acontece a partir do momento em que um item usado no discurso começa a adquirir propriedades que o fazem migrar de sua categoria de origem, ocorrendo uma recategorização. Essa fase corresponde ao princípio de “descategorização” proposto por Hopper (1991, 1996), segundo o qual um item lexical “perde” ou “neutraliza” as marcas morfológicas e atuações sintáticas das categorias plenas e passam a assumir atributos de categorias secundárias, mais gramaticalizadas. Esse estágio marca a transição dos níveis *[discurso]* > *[sintaxe]* e da técnica *[isolante]* > *[analítico]*, em que uma forma deixa de ser analisada como livre, assim como os itens lexicais.

Após a sintaticização ocorre a *morfologização*, fazendo surgir na língua as formas presas, quer sejam afixos flexionais ou derivacionais. Nesse estágio ocorre o princípio da “erosão” fonética, em que há uma perda de massa sonora, fazendo com que a forma original se ajuste à categoria das formas presas quanto a quantidade de material fonológico. Ocorre então, nessa fase a passagem dos níveis *[sintaxe]* > *[morfologia]* e da técnica *[analítico]* > *[sintético-aglutinativa]*.

Une-se à “erosão” fonética a *frequência relativa de uso*, pois quanto mais atuante no discurso, maiores as chances de desgaste de um item, por serem previsíveis em situações discursivas apropriadas.

No estágio da *desmorfemização*, um morfema pode desaparecer por completo, e suas funções passam a ser assumidas por outros itens que ocorrem juntamente a ele. Nessa fase atua a passagem dos níveis *[morfologia]* > *[morfofonêmica]* e da técnica *[sintético-aglutinativa]* > *[sintético-flexional]* que pode levar a *[zero]*, que seria a perda total.

A *redução fonológica* ou *dessemantização*, estágios mais avançados de gramaticalização, apesar de não terem sido mencionadas no modelo de Lehmann, costumam ser associadas a esses estágios por outros autores. Nos casos de morfologização, a redução fonológica parece atuar sobre o item em gramaticalização para moldá-lo aos atributos dos itens gramaticais, os quais possuem pouco material fonético. É possível se afirmar que há “perda” de conteúdo semântico, mas também há “ganho” funcional, recorrente nas categorias gramaticais.

Gonçalves, S. *et alii* (org) (2007, p. 37) apresentam um quadro resumitivo dos

mecanismos atuantes na gramaticalização, sob o enfoque da unidirecionalidade, que prevêem as seguintes mudanças nos variados estágios de análise:

Nível	Mudança unidirecional	Processo
Fonologia	mais material fonológico > menos material fonológico	Redução fonológica
Morfologia	lexical > gramatical > mais gramatical (forma livre > forma presa)	Recategorização (morfologização)
Sintaxe	menor coesão > maior coesão	Reanálise (alteração da fronteira de constituintes)
Semântica	concreto > abstrato	Dessemantização, processos metafóricos
Pragmática	estruturas pragmáticas > estruturas sintáticas	Sintaticização

2.1.3.4 Os princípios de Hopper (1991)

Hopper (1991) também afirma que a gramática da língua é sempre emergente e estuda como os outros autores citados, os processos de mudança linguística. Porém, o autor alerta que seus princípios não captam especialmente mudanças gramaticais, e defende que seja necessário outro conjunto de parâmetros para o seu estudo, que são: *estratificação*, *divergência*, *especialização*, *persistência* e *descategorização*. Esses princípios evidenciam o caráter gradual da gramaticalização, pois conferem aos elementos em análise o grau de “mais” ou “menos” gramaticalizados, não objetivando provar se eles pertencem ou não à gramática.

Estratificação ou *Camadas*: em um determinado domínio funcional amplo, novas camadas estão em constante processo emergente. Isto não implica na substituição das camadas mais antigas, as quais podem ainda permanecer e coexistir com as mais novas.

Divergência: quando uma forma lexical dá origem ao processo de gramaticalização, passando a um clítico ou a um afixo, a forma lexical original pode permanecer como um elemento autônomo e sofrer as mesmas mudanças que os itens lexicais comuns, podendo inclusive sofrer um novo processo de gramaticalização. A *divergência* remete aos diferentes graus de gramaticalização de um mesmo item lexical, ou seja, são diferentes funções de uma única forma coexistindo num mesmo domínio funcional e num mesmo recorte temporal. Esse processo também é chamado por muitos autores de *polissemia*: diferentes funções para uma forma.

Especialização: dentro de um domínio funcional e num certo estágio de variação, é possível interagirem diversas formas com nuances semânticas diferentes. Com o tempo, essa diversidade tende a se estreitar e algumas formas são selecionadas e chamadas a assumir funções mais gerais.

Persistência: ao se gramaticalizar, traços do significado original desse elemento gramaticalizado tendem a permanecer, refletindo detalhes de sua história lexical.

Descategorização: certas formas em processo de gramaticalização tendem a neutralizar as marcas morfossintáticas que apresentavam enquanto categorias plenas e a assumirem propriedades das categorias secundárias.

Então, a gramaticalização se relaciona com os fenômenos de variação e mudança linguísticas, que ocorrem tanto sincrônica como diacronicamente, contemplando fatores de natureza discursivo-pragmática, semântica, morfossintática e fonológica.

2.1.4 Os princípios de iconicidade e de marcação

No domínio da Linguística Funcional, o princípio da *iconicidade* diz respeito a motivação na relação entre o plano da expressão e o do conteúdo. A suposição seria a de que a forma da língua deve refletir a função que exerce ou ser restringida por ela. Sendo assim, a codificação morfossintática é, na sua maioria, resultado do uso da língua, das experiências dos falantes. Como a linguagem é uma faculdade humana, supõe-se que a estrutura linguística revela as propriedades da conceitualização humana do mundo ou as propriedades da mente dos homens em geral. Daí surge a concepção de *língua* como estrutura maleável, sujeita às pressões de uso e constituída de um código não totalmente arbitrário; e de *gramática*, como um conjunto de estratégias utilizadas para efetuar uma comunicação coerente. Então, a estrutura da língua é entendida como o resultado de fenômenos não-linguísticos, especialmente de processos cognitivos. Desse modo, a gramática está se estruturando continuamente, mas nunca se estabiliza.

As discussões sobre a motivação entre expressão e conteúdo na língua remontam à Antiguidade clássica, com a polêmica que separou os filósofos gregos em dois grupos: os convencionalistas e os naturalistas. Para os convencionalistas tudo na língua era convencional, resultado do costume e da tradição; e para os naturalistas as palavras eram realmente apropriadas por natureza às coisas que significavam.

No início do século XX, esse debate foi retomado por Saussure, que adotou a posição convencionalista, reafirmando o caráter arbitrário da língua: não existe correlação entre

“imagem acústica” do signo linguístico e seu significado.

Já o filósofo Peirce (1940) discordou da ideia de total arbitrariedade, trazendo de volta um pouco, a posição adotada pelos antigos naturalistas e uniu-a a posição convencionalista. Segundo o filósofo, a sintaxe das línguas naturais não é totalmente arbitrária, mas sim isomórfica ao seu referente mental. Porém, esse isomorfismo da sintaxe é moderado. Na codificação sintática, princípios icônicos, ou seja, motivados, interagem com princípios mais simbólicos, ou arbitrários, que respondem pelas regras convencionais.

Peirce (op. cit) estabeleceu dois tipos de iconicidade: a *imagética* e a *diagramática*. A iconicidade imagética se refere à estreita correspondência entre um item e seu referente, sendo um o espelho do outro, como por exemplo, as pinturas e estátuas. Já a iconicidade diagramática seria um arranjo icônico de signos, sem necessária intersemelhança. Esses dois tipos de iconicidade fazem parte dos estudos funcionalistas.

Bolinger (1977) foi mais radical em relação ao isomorfismo, pois para ele, a condição natural da língua era preservar uma forma para um sentido, e vice-versa. Entretanto, estudos sobre os processos de variação e mudança linguísticas, ao constatar mais de uma forma existente para dizer alguma coisa, fizeram com que essas ideias de Bolinger tivessem que ser reformuladas.

Na língua do cotidiano, e principalmente na língua escrita, existem muitos casos em que não há uma correspondência clara entre forma e conteúdo. Num estudo sincrônico, determinadas estruturas mostram elevado nível de opacidade em relação aos papéis que desempenham. Nesse sentido, há, em certos momentos, correlação entre uma forma e várias funções, ou entre uma função e várias formas.

Segundo Givón (1990), em sua versão mais branda, o princípio da iconicidade se manifesta em três subprincípios, são eles:

I) Subprincípio da quantidade:

a) quanto maior a quantidade de informação, maior será a quantidade de forma utilizada na codificação dessa informação;

b) quanto mais imprevisível (mais nova) for a informação para o interlocutor, maior será a quantidade de forma utilizada;

c) quanto mais relevante for a informação em termos de continuidade temática ou discursiva, maior será a quantidade de forma requerida para codificá-la.

II) Subprincípio da proximidade ou integração:

De acordo com esse subprincípio, os conceitos que estão mais integrados conceptual, funcional ou cognitivamente também se apresentam com maior integração morfossintática, já que serão postos mais próximos no nível da codificação – o que está mentalmente junto coloca-se sintaticamente junto. Então, o grau de liberdade relativa entre os constituintes de uma palavra, de um sintagma, de uma oração, de um período ou de um parágrafo são indícios do grau de integração entre os componentes cognitivos desses constituintes.

Haiman (1983) observa ainda que a proximidade entre conceitos ocorre pois estes compartilham propriedades semânticas, afetam-se mutuamente e não podem ser percebidos de forma separada. O autor afirma que a distância entre expressões linguísticas deve ser um índice iconicamente motivado da distância conceitual entre os termos ou eventos que elas denotam.

III) Subprincípio da ordenação linear:

a) A ordem das orações no discurso coerente tenderá a corresponder à ordem temporal de ocorrências dos eventos descritos;

b) A informação mais importante tenderá a ser colocada em primeiro lugar (isto é, antes, na fala; à esquerda, na escrita)

A codificação linear dos constituintes reflete a sequência temporal dos eventos descritos.

Conclui-se então, que a língua não é composta de enunciados e ideias arbitrárias, pois razões de complexidade e importância humanas refletem-se nos traços estruturais das línguas. Na forma e na organização, as estruturas sintáticas não devem ser muito diferentes das estruturas semânticas e cognitivas.

McMahon (1994) afirma que há uma relação entre iconicidade e gramaticalização. Segundo a autora, isso ocorre pois, em um primeiro momento, certas entidades linguísticas são analogicamente aproveitadas para expressar uma determinada ideia em um contexto funcional novo. Devido a esse fato, tais entidades tendem a ser estruturalmente “acasaladas”, o que vai refletir o grau de união cognitiva entre elas e conseqüentemente, pressionar a formulação de um novo sintagma. Por via de repetição de uso, posteriormente, essa construção se regularizará, gramaticalizando-se.

De acordo com a autora, paradoxalmente, à proporção que uma construção se gramaticaliza, com maior integração entre seus elementos, estes tendem a tornar-se

iconicamente menos transparentes, perdendo muito de sua própria identidade. É o que ocorre, por exemplo, com formas que se desenvolvem para afixos ou clíticos. Essas formas, por generalização de seu uso, tornam-se opacas, a ponto de, em certos contextos, criarem dificuldade de reconhecimento de sua função inicial. Essa opacidade é o que chamamos de “desbotamento icônico”, ou seja, um estado avançado de gramaticalização em que o elemento afixado perde em termos de liberdade sintática e conteúdo lexical.

Herdado do estruturalismo da Escola de Praga, o princípio da marcação estabelece três critérios para se distinguir binariamente entre as categorias marcadas e as não- marcadas, segundo Givón (1995):

- (a) Complexidade estrutural: A estrutura marcada tende a ser mais complexa (ou maior) do que a correspondente não marcada;
- (b) Frequência de distribuição: A estrutura marcada tende a ser menos frequente, portanto, cognitivamente mais saliente, do que a categoria não marcada correspondente;
- (c) Complexidade cognitiva: A estrutura marcada tende a ser cognitivamente mais complexa – em termos de esforço mental, atenção demandada e tempo de processamento – do que a estrutura não marcada correspondente.

Segundo Martelotta (2009), a noção de marcação é particularmente importante em função daquilo que ele chama *fluxo básico de mudança motivado pelo uso*. Um item ou uma construção começa a ser usada com muita frequência em um determinado contexto (distribuição de frequência típica da forma não-marcada). Pela força do hábito, o falante passa a trabalhar mais automaticamente com o item ou a construção (nível de complexidade cognitiva típica de forma não-marcada). Com isso o item ou a construção perde estrutura fonética (nível de complexidade estrutural típico de forma não-marcada).

Percebe-se assim, que há uma tendência – não só no português, mas nas línguas em geral – para que esses três critérios ocorram ao mesmo tempo. A correlação entre eles é o reflexo mais geral da iconicidade na gramática, o que representa o isomorfismo entre os correlatos de natureza comunicativa e cognitiva e os formais de marcação. Desse modo, as categorias que são estruturalmente mais marcadas tendem a ser substantivamente mais marcadas também.

Para Givón (1995) a marcação é um fenômeno dependente do contexto, pois uma mesma estrutura pode ser marcada em um e não-marcada em outro. Assim, deve-se ser explicada baseada em fatores cognitivos, biológicos, comunicativos e socioculturais. Outro

fato citado pelo autor é que a marcação não se limita apenas às categorias linguísticas, podendo se estender a outros fenômenos.

Dado o caráter fluido e criativo da língua, em vez de considerar as categorias em termos binários ou discretos, faz-se necessário adotar parâmetros de gradualidade na análise da marcação.

As pesquisas em gramaticalização apontam que quanto mais frequente for a informação dada por um item em um certo contexto mais sua estrutura fonética tenderá a se reduzir e mais seu conteúdo tenderá a se perder.

2.2 Pressupostos cognitivistas

Sintetizamos neste subcapítulo algumas premissas dos estudos cognitivistas que muito têm acrescentado às propostas funcionalistas, e principalmente, à presente pesquisa.

2.2.1 *Frames*

Segundo Taylor (1995), o conceito de *frame* tem coincidido com o conceito de domínio, *script*, cena, cenário. A terminologia nessa área é confusa, porque diferentes autores usam diferentes termos ou até mesmo, porque o mesmo autor usa diferentes termos. Entretanto, o autor define *frame* como uma cadeia de conhecimento unida a múltiplos domínios associada à forma linguística dada. Para diferenciar de *script*, o autor aponta que este são sequências temporais e relações causais que ligam eventos e estados dentro de certos *frames* de ação. *Frames* e *scripts* são construtos que foram desenvolvidos originalmente por pesquisas no campo da inteligência artificial.

Frames constituem “padrões globais” do conhecimento do senso comum sobre conceitos centrais. São configurações estáticas do conhecimento. São enquadramentos, molduras de sentido compostas pelo verbo e seus argumentos (sujeito e complementos). Essa moldura é fornecida pelas situações experienciais.

Taylor (op. cit.) acrescenta que *frames* são configurações baseadas na cultura, é um conhecimento convencionalizado, mais do que isso, o conhecimento encapsulado em um *frame* é o conhecimento que é dividido, ou que se acredita ser dividido, por pelo menos alguns segmentos da comunidade linguística.

De acordo com Lima (2009), o mundo físico, o cultural, o ideológico, entre outros, não são entidades estanques. Quando processamos os dados necessários para construirmos o

sentido, estamos, de fato, manipulando várias informações que são acessadas através de diferentes domínios que se encontram sobrepostos.

De acordo com as ideias de Fillmore (1982, p. 111), quem elaborou essa perspectiva: “Pelo termo 'frame' eu tenho em mente qualquer sistema de conceitos relacionados de tal modo que para entender qualquer um deles você tem que entender a estrutura inteira na qual ela se ajusta.” (Tradução nossa)⁶

Batoréo (2000) afirma que na Linguística, o termo *enquadramento* – tradução de *frame* – designa a descrição semântica dos itens linguísticos relativos ao universo extralinguístico por eles referido.

Para Fillmore (1975) “cena” remete tanto para o imaginário enraizado culturalmente quanto para a experiência humana em geral. Assim, a cena compreende um falante, um ouvinte e a troca da mensagem. Segundo o autor, cena é qualquer segmento coerente, grande ou pequeno, de crenças, experiências, ações ou imagens humanas. Já o *frame* é qualquer conjunto de escolhas linguísticas possíveis para denotar ou representar essas cenas: é a contraparte linguística da cena em questão. Assim, o *frame* envolve lexemas, regras, categorias gramaticais que podem ser ou estar associados a estas cenas.

Após o entendimento de *frames*, domínio, *script* e cena, poderemos adiante tratar da semântica de *frames*, termo atribuído a gramática de construções, assunto também pertinente ao nosso trabalho.

2.2.2 Construções

De acordo com Salomão (2009), as construções são as unidades básicas do conhecimento linguístico e conseqüentemente, são as unidades básicas da gramática.

Os trabalhos de Fillmore (1985), de Fillmore, Kay & O'Connor (1988), o de Kay & Fillmore (1999), o de Goldberg (1995), de Traugott (2002, 2003, 2007), além de Erman & Warren (2000), com a proposta de unidade pré-fabricada, deram início a uma nova perspectiva de análise linguística identificada como *gramática de construções*, que constitui a tentativa mais completa até o momento de representar exhaustivamente o conjunto das Construções da língua inglesa. Esse empreendimento recebe um tratamento especial por pessoas que trabalham com um projeto chamado Teoria Neural da Linguagem. O objetivo desse trabalho é propor uma análise de construções como unidades que são próprias da língua.

⁶ Texto original: “By the term 'frame' I have in mind any system of concepts related in such a way that to understand any one of them you have to understand the whole structure in which it fits”

Segundo Goldberg (1995), construção é:

“uma unidade com forma e significado, cujos aspectos de sua forma e de seu significado nem sempre estão previstos pelos elementos individualmente presentes em sua composição, nem por outras construções preexistentes na língua.” (GOLDBERG, 1995, p. 4)

O que levou ao entendimento das Construções como unidades básicas da gramática é o resultado de uma observação de que, no caso das expressões linguísticas reconhecíveis como objetos analíticos, o todo não é a soma das partes, tanto no léxico quanto na sintaxe. Salomão (op. cit.) cita como exemplo do léxico a oposição entre os lexemas *carcereiro* e *prisoneiro*, formados pela oposição do sufixo *-eiro* a duas raízes nominais sinônimas: *prisão* e *cárcere*. Porém, os dois substantivos resultantes designam funções contrárias do *frame* “Prisão”. Se os processos de formação do léxico tivessem uma lógica basicamente composicional, esses substantivos resultantes teriam de ser sinônimos. Entretanto, a formação lexical com *-eiro* organiza-se como uma polissemia e torna convenção as inferências pragmáticas que cria (Traugott; Dasher, 2005). Os elementos resultantes desse processo acabam sendo muito mais complexos do que os que os constituem. Com isso, Salomão conclui que “a construção não é matéria de pura combinação sintagmática; ou seja, não é pura forma. Na condição de signo, ela impõe um recorte específico à integração conceptual a que procede.”

Goldberg (2006) trata todas as Construções como pares forma/sentido, que podem incluir informação de condições e contexto de uso. O sentido, segundo Taylor (op. cit.), deve ser entendido em seu significado pleno, envolvendo questões pragmáticas e discursivas. No *polo do sentido*, há a dimensão conceptual, que inclui esquemas⁷ imagéticos; esquemas sensorio-motores e proprioceptivos; *frames*; metáforas e metonímias convencionalizadas; ligações entre estas estruturas conceptuais, denominadas mesclagens; e a dimensão discursiva que envolve a ativação de espaços mentais, estruturados de acordo com os esquemas conceptuais citados anteriormente e com a situação comunicativa; levando em conta também a moldura comunicativa, incluindo as pressuposições possíveis; o *status* informacional que seja associável aos elementos da Construção, como a topicalidade, o foco, o registro sociolinguístico da Construção e as informações sobre o gênero textual em que seja típico ela se dar. No *polo da forma*, há a dimensão “física” do significante que inclui a expressão fônica - esta envolvendo uma sequência de segmentos fônicos organizados silabicamente, a distribuição da tonicidade nessa sequência e os níveis prosódico e rítmico associados à

7 Nesse sentido, esquemas são representações abstratas.

Construção -; uma sequência de gestos e a expressão escrita. A dimensão morfosintática envolve a informação sobre a Classe Gramatical dos Constituintes; as relações estruturais entre estes; a Função Sintática dos Constituintes; seu ordenamento linear; a especificação lexical ou morfológica dos Constituintes.

Salomão (op. cit.) afirma que as Construções relacionam-se entre si através de redes, conectadas por relações de herança. Sendo assim, o conhecimento gramatical de uma língua corresponde à rede de Construções dessa língua, que representa suas generalizações e suas idiossincrasias⁸. Segundo a autora há três concepções de redes construcionais: redes de herança completa, redes organizadas radialmente e redes de Construções totalmente especificadas. Nesta última, a informação sobre cada Construção é armazenada redundantemente em todos os níveis de instanciação, então há baixíssimo grau de generalização. Essa concepção se aproxima da “gramática maximalista” de Langacker (1987). Já nas outras duas acredita-se que há Construções herdadas por outras Construções. Fillmore (1999), que endossa a herança completa, afirma que se uma Construção C_1 é herdada de uma Construção C , então C_1 apresenta todas as características de C , acrescidas aquelas que forem peculiares a C_1 . Para esses estudiosos então, a gramática seria uma rede de padrões relacionados e às vezes superpostos. Já as redes radiais, ideia defendida por Goldberg, são consideradas por Fillmore como uma variação notacional da herança completa. Segundo o estudioso, as redes radiais referem-se à instanciação de construções cujos valores são deixados inespecificados, quando da descrição das Construções genéricas.

Goldberg (1995) caracteriza quatro tipos de herança possível: a *herança por polissemia*, quando uma Construção estende o significado da expressão-mãe; *herança por subparte*, quando uma Construção se configura como uma parte da Construção-mãe; *herança por instanciação*, quando uma Construção se configura como um caso da Construção-mãe; *herança por metáfora*, quando a Construção é motivada como uma projeção metafórica da Construção-mãe.

Kay e Fillmore (1999) só lidam com a motivação sintagmática, que seria uma motivação “composicional” e a motivação por unificação da Construção com o seu *frame*. As relações metafóricas e metonímicas são compreendidas como parte da estrutura conceptual, mas não investidas da função de motivação sincrônica, tão apreciada por Lakoff e Goldberg. E é justamente a versão desses últimos da Gramática das Construções que temos praticado no

8 Segundo o Dicionário de Linguística, idiossincrasia é a tendência de os falantes de uma língua organizarem um conjunto de dados idênticos da língua de maneira diferente, conforme suas disposições intelectuais ou afetivas particulares.

Brasil, segundo Salomão (op. cit.)

Concebida como uma versão “radical” da gramática das Construções é a proposta de Croft (2001). Seu principal pressuposto é que não há categorias linguísticas universais. Então, todas as categorias devem ser tratadas de maneira não reducionista, tornando-as específicas para cada língua. Para o autor, a única unidade teórica admitida é o conceito de Construção linguística.

De acordo com Bybee e Hopper (2001), Construções linguísticas são padrões de uso que se tornam convenções em função da frequência da co-ocorrência de seus componentes, utilizados nas mesmas condições semântico-discursivas.

Segundo Tomasello (1992), a criança aprende a falar adquirindo um conjunto de Construções, até que chega às Construções abstratas com trinta e seis meses. Assim, a partir de usos “formulaicos” de expressões linguísticas, gradual e irregularmente, a fala da criança evolui para os níveis abstratos, que os adultos se habituaram a reconhecer como gramaticais. As crianças aprendem através de usos exemplares, os protótipos, pela sua frequência e importância pragmática, aprendem tecendo redes de Construções.

Salomão (op. cit.) afirma que os padrões que se consolidam como Construções são aqueles investidos de “dimensão simbólica”, com a função de evocar as cenas básicas da experiência vivida e, dessa forma, prontos a se tornarem alvo do compartilhamento da atenção. Verdadeiramente, segundo a autora, o ponto principal para a aprendizagem é a “relevância comunicativa” da expressão.

De acordo com as ideias de Taylor (1995), Construções, assim como outros tipos de objetos linguísticos, também precisam ser consideradas categorias prototípicas. O autor cita Lakoff (1987) que afirma, através de análises, que construções são relacionadas dentro de uma categoria de semelhança por familiaridade.

Segundo estudos, uma construção é uma sequência convencional de palavras que admite pouca ou nenhuma variação, acontecendo na interação linguística como uma unidade cristalizada. Os sentidos das construções são geralmente reservados na memória em função da automação de seu uso, pois há muita recorrência dessas estruturas no contexto comunicativo. Assim, os significados das construções ficam disponíveis na memória já que apresentam alguma relação de sentido com uma semântica de *frames*, que é associada por Goldberg (1995) a um tipo de semântica relacionado ao significado da construção. Esse termo refere-se a uma família de significados construídos coletivamente, pertencente ao conhecimento intersubjetivo dos falantes.

Nesse sentido, de acordo com Goldberg, o termo semântica de *frames* designa os

vários significados que uma cena pode emanar. Trata-se de várias aberturas para se chegar a um significado global de um evento. É uma categoria de sentidos relacionados ou modelos cognitivos básicos.

Segundo Croft (2009, p.1), “semântica de *frames* e gramática de construções se complementam. Semântica de *frames* é uma teoria de como conceitos são organizados e representados na mente. Basicamente, a experiência humana providencia *frames* de conceitos interconectados.” (Tradução nossa)⁹ É como se o sentido da construção estivesse relacionado a um *frame* de fundo enriquecido com o conhecimento do mundo social. Dessa forma, a codificação do sentido construcional estaria relacionada a tipos de eventos ou cenas estruturados, reconhecidos na experiência humana por serem tão básicos e recorrentes, que tornam a construção transparente ao falante. Assim, diz-se que a semântica e a pragmática determinam como as construções são formadas e a repetição as consolida como tal.

Croft (op. cit., p.p.1 e 2) afirma que:

“Construções são unidades simbólicas, um par de forma e significado, onde ambos forma e significado são construídos de modo geral: o primeiro incluindo morfologia, sintaxe e mesmo fonologia e prosódia, e o último incluindo semântica, informação sobre a função estrutura/discurso, e também parâmetros sociais de uso. A gramática de construções foi motivada pelo fato que muitas estruturas gramaticais são idiossincráticas com respeito às regras extremamente gerais colocadas pela gramática gerativa.” (Tradução nossa)¹⁰

Desse modo, as construções servem a funções gramaticais e também pragmáticas, ou seja, podem apresentar uma base intralinguística ou atuar diretamente no conteúdo proposicional da construção linguística. Assim, as construções desempenham funções gramaticais específicas dentro de situações pragmáticas também determinadas.

Associada a ideia de construção está a noção de *unidade pré-fabricada* (UPF) desenvolvida por Erman & Warren (2000). As UPFs podem ser definidas como uma combinação de, pelo menos, dois constituintes, motivada por falantes nativos a partir da preferência em relação a um ou mais outro tipo de combinação alternativa que poderia ser equivalente, mas que não está tão convencionalizada. Segundo os autores, essas unidades articulam o uso linguístico; têm grande influência na produção e na estruturação de textos,

9 Texto original: “Frame semantics and construction grammar complement each other. Frame semantics is a theory of how concepts are organized and represented in the mind. Basically, human experience provides frames of interconnected concepts.”

10 Texto original: “Constructions are symbolic units, a pairing of form and meaning, where both form and meaning are construed broadly: the former including morphology, syntax and even phonology and prosody, and the latter including semantics, information structure/discourse function, and also social parameters of use. Construction grammar was motivated by the fact that many grammatical structures are idiosyncratic with respect to the highly general rules of syntax posited by generative grammar”

pois são combinadas para isso; são usadas tanto na fala quanto na escrita; é possível serem relacionadas a certos tipos de texto; não devem ser consideradas como fenômenos marginais do uso linguístico.

O critério de identificação de uma UPF é a ideia de que pelo menos um de seus membros não pode ser trocado por sinônimo sem causar mudança de sentido, de função ou de idiomatidade.¹¹ Segundo os autores, a identificação dessas UPFs é difícil, pois a convencionalização, característica própria, é um processo gradual; o uso e a frequência destas unidades é muito variado; e porque elas podem passar despercebidas nas produções textuais.

Os autores defendem que a ausência ou diminuição da flexibilidade semântico-sintática da UPF impede a manipulação dos constituintes da UPF, tornando opaca a contribuição de cada um dos elementos em relação ao sentido e a função específicos.

No que se refere a nossa pesquisa, pode-se afirmar que os diversos padrões funcionais dos locativos pós Sintagma Nominal em questão sugerem um processo de gramaticalização que parte do uso dêitico, passa pelos usos fóricos até o uso clítico. Nota-se que há muita recorrência dessas estruturas compostas por Sintagma Nominal + locativo, em que esse locativo é um clítico. Quando esses itens estão nesse tipo de *construção* em particular, depreende-se um novo sentido, diferente do sentido particular de cada item. Assim, entendemos que trata-se de uma construção cristalizada que passou por uma trajetória de gramaticalização e atende aos propósitos comunicativos específicos.

Na verdade, gramaticalização é um termo que não se define de forma uniforme pelos diversos estudiosos. Se considerado sob o ponto de vista histórico, o processo de gramaticalização é gradual, é um *continuum* evolutivo. Segundo Neves (1997) há a passagem de um elemento lexical ou menos gramatical para um elemento gramatical ou mais gramatical; as restrições de seleção se afrouxam; há diminuição de liberdade de manipulação do elemento, ele se integra num paradigma, tornando-se cada vez mais obrigatório em certas construções e ocupando uma posição, até mesmo morfológica, fixa.

Segundo Hopper & Traugott (1993), a gramaticalização é definida como o processo pelo qual itens e construções gramaticais passam, em determinados contextos linguísticos, a servir a funções gramaticais, e, já gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais.

Assim, o termo gramaticalização é entendido a partir de fenômenos em mudança, isto é, em processo de gramaticalização ou a partir de itens já gramaticalizados. Porém, estudos

¹¹ Segundo o Dicionário de linguística, idiomatismo é toda construção que aparece como própria de uma língua, não possuindo nenhum correspondente sintático em outra.

sobre gramaticalização evidenciam que essas mudanças linguísticas não ocorrem apenas a partir de itens. Como vimos, Hopper & Traugott destacam que as mudanças ocorrem também a partir de construções, que estão acima do nível da palavra e abaixo do nível da oração.

Para Bybee (2003), gramaticalização “é o processo pelo qual novos morfemas gramaticais se desenvolvem em itens lexicais ou sequências de itens gramaticais em uma particular construção.” (Tradução nossa)¹²

Trata-se de um conceito mais amplo, que apresenta um processo de mudança contextual, envolvendo não apenas um único item, mas sim uma construção com dois ou mais itens em contextos pragmáticos específicos.

Dessa forma, segundo Bybee (2003):

“Na literatura recente sobre gramaticalização, parece consenso que não é suficiente definir gramaticalização como o processo pelo qual um item lexical torna-se morfema gramatical, mas ao contrário, é importante dizer que esse processo ocorre em contexto de uma construção particular (...). De fato, parece mais adequado dizer que é uma construção com seus itens lexicais particulares que se torna gramaticalizada do que dizer que é o item lexical que se gramaticaliza.” (BYBEE, 2003, p. 602)

Na gramaticalização de construções há a ideia de que funções gramaticais possam emergir de contextos delimitados, formados por construções específicas. Os itens lexicais particulares de uma construção inteira podem formar um ambiente dentro do qual as unidades sintáticas, como itens particulares, podem ser reanalisados, formando uma construção. A reanálise permite a criação de formas gramaticais através da eliminação de fronteiras dos constituintes em uma expressão. Isso ocorre através de processos metonímicos, em que a reinterpretação é induzida pelo contexto.

Para Haiman (1994) a repetição de uma expressão leva a ritualização, em que sequências repetidas passam a ser processadas como uma unidade autônoma, e com isso, causa a gramaticalização, pois a frequência de uso leva a uma perda de transparência semântica e também condiciona uma grande autonomia para a construção, ou seja, os componentes individuais da construção perdem ou tornam mais fraca a associação com outras instâncias do mesmo item. Isso permite o uso da construção com uma nova associação pragmática, levando a mudança semântica.

A mudança linguística ocorre em construções pertencentes a contextos morfossintáticos e pragmáticos específicos. Dessa forma, as propriedades semântico-sintáticas

¹² Texto original: “is the process by which new grammatical morphemes develop out of a lexical items or sequences of grammatical items in a particular construction.”

de uma construção são reanalisadas de acordo com a natureza pragmática. Os elementos individuais que compõem a construção, quando reanalisados, iniciam um processo de cristalização, tornando-se mais gramaticalizados.

Assim, vale ressaltar que o conceito de gramaticalização adotado nesta pesquisa é mais amplo. Os itens das várias construções SN + loc em questão, inicialmente aparecem dispostos na língua de modo individual, com seu próprio significado. Devido a recorrência com que esses itens em forma de construção aparecem no discurso em contextos de uso específicos, há a reanálise que permite a fixação da estrutura. E assim, a construção se cristaliza, ou seja, torna-se uma expressão fixa em determinado contexto.

Desse modo, pode-se considerar que a cristalização é uma das principais implicações para a ocorrência do processo de gramaticalização de construções. Sendo assim, a construção se torna mais gramaticalizada na medida em que se cristaliza.

3. METODOLOGIA

Conforme exposto, o presente trabalho de pesquisa analisa os quatro padrões funcionais – dêitico, advérbio catafórico, advérbio anafórico e clítico – dos pronomes adverbiais locativos *aí*, *lá*, *aqui* e *ali* e suas formas derivadas *daí*, *daqui* e *dali* pós SN, em que se percebe o uso mais gramaticalizado, o uso clítico, como item de um padrão construcional juntamente ao SN anterior. Para tanto, selecionamos cinco tipos de textos orais e seus correspondentes escritos do *Corpus Discurso & Gramática* das cidades fluminenses Niterói e Rio de Janeiro a fim de que, à luz da teoria funcionalista, pudéssemos verificar tais usos que se apresentam de forma recorrente na fala cotidiana. De posse do material, inicia-se a análise dos dados que é apresentada no quarto capítulo desta pesquisa.

Sendo assim, no primeiro subtópico deste capítulo defende-se a ideia de uma metodologia de análise qualitativa e quantitativa que assuma o viés mais especificamente funcionalista, já que se trata de um trabalho apoiado nos pressupostos desta teoria; no segundo caracterizamos os *corpora* que utilizamos para tal análise; e por fim, apresentamos os procedimentos metodológicos para uma melhor compreensão de como foi realizado todo o processo de análise dos dados da nossa pesquisa.

3.1 Por uma metodologia funcionalista

Como vimos, os fundamentos básicos do funcionalismo pressupõem que os usos da língua, ao longo dos tempos, é que dão forma ao sistema.

“Numa primeira etapa do estudo da sintaxe de uma língua particular, a descrição a nível da oração é necessária para que se identifiquem as estruturas gramaticais dessa língua. O objetivo da investigação, contudo, deve ser o de explicar como o falante usa essas estruturas para codificar e comunicar conhecimento. Para atingir esse objetivo, os funcionalistas se dedicam ao estudo das estruturas sintáticas que ocorrem em textos reais, observando seu encadeamento na organização do discurso. O estudo das estruturas sintáticas e sua distribuição em textos reais é crucial na descoberta das condições comunicativas que motivam a ocorrência dessas estruturas.” (Furtado da Cunha & Oliveira, 1947 apud Costa, p. 56)

Assim, destacamos que a análise dos dados de nossa pesquisa é também, assim como todo o trabalho e não poderia deixar de ser, de cunho funcionalista. Isso deve ficar claro, pois trata-se de uma pesquisa que envolve não só uma análise qualitativa, como também quantitativa, e segundo Martelotta (2009), muitos pesquisadores brasileiros têm empregado implícita ou explicitamente, a metodologia quantitativa variacionista na análise funcional de fatos linguísticos, principalmente em estudos referentes a gramaticalização. Segundo o autor (2009, p. 1): “Como nem sempre esses fatos linguísticos constituem fenômenos variáveis, a metodologia corre o risco de resultar inadequada.” Posteriormente, Martelotta (op. cit., p. 5) completa: “Por isso, um estudo da influência da frequência de uso de um elemento ou construção sobre seu processo de gramaticalização, por exemplo, não implica necessariamente a observação de formas variáveis.”

Portanto, de antemão apontamos que estamos trabalhando com os locativos *lá, aí, ali* e *aqui* e suas formas derivadas *dai, dali* e *daqui* pós Sintagma Nominal numa possível trajetória de gramaticalização que parte do uso dêitico, passa pelos usos fóricos – catáfora e posteriormente, anáfora – até chegar ao uso mais abstrato, o clítico, em que não se percebe mais tão evidentemente a noção de lugar própria dos advérbios pronominais locativos. Neste último uso, percebemos que o locativo juntamente ao SN que o precede formam uma *construção*, um todo de sentido e forma, cristalizada e ritualizada. Dessa forma, a construção como um todo ganha um novo sentido na língua, que a partir da frequência de uso vai se fixando. Logo, nessa pesquisa, só será trabalhada com a construção SN + loc, desconsiderando a possibilidade de testagens de formas variáveis a ela para comprovar a possível gramaticalização. Tendo visto o posicionamento de Martelotta (op. cit), não buscamos tornar nossa metodologia inadequada aos propósitos funcionalistas de que nos valem.

3.2 Caracterização do *Corpus* Discurso & Gramática

Nesse momento da pesquisa, estamos realizando uma análise quantitativa e qualitativa dos dados, retirados do *Corpus* Discurso & Gramática – trabalho realizado sob a coordenação do professor Sebastião Votre (UFRJ) e da professora Mariangela Rios de Oliveira (UFF). Nossa perspectiva de análise é basicamente sincrônica, a partir de textos falados e escritos – para assim garantir a comparabilidade entre os dois canais – produzidos pela comunidade estudantil fluminense, especificamente com as cidades do Rio de Janeiro (93 informantes), e de Niterói (20 informantes), coletados na década de 90. O maior número de depoimentos do

Rio de Janeiro foi motivado pelo tamanho da cidade, com milhões de habitantes. Deve-se destacar que foi utilizada para análise até mesmo a fala do entrevistador.¹³

Assim, serão utilizados os textos orais e seus correspondentes escritos concedidos por tais estudantes, de escolas públicas e privadas e de diferentes graus de escolaridade, cobrindo as séries terminais de cada segmento: CA – no Rio de Janeiro divide-se em crianças e adultos – ; quarta série do ensino fundamental; oitava série do ensino fundamental; terceiro ano do ensino médio e último ano do ensino superior. Os informantes realizaram cinco tipos de textos: Narrativa de Experiência Pessoal, Narrativa Recontada, Descrição de Local, Relato de Procedimento e Relato de Opinião. Totalizam assim 200 registros na cidade de Niterói e 928 registros na cidade do Rio de Janeiro (um informante não forneceu relato de procedimento).

Em Niterói, os informantes distribuem-se do seguinte modo: CA infantil: 3 informantes, quarta série do Ensino Fundamental: 3 informantes, oitava série do Ensino Fundamental: 6 informantes, terceiro ano do Ensino Médio: 3 informantes, último ano do Ensino Superior: 5 informantes.

No Rio de Janeiro, CA – infantil: 15 informantes, CA – adulto: 8 informantes, quarta série do Ensino Fundamental: 34 informantes, oitava série do Ensino Fundamental - 12 informantes, terceiro ano do Ensino Médio - 16 informantes, último ano do Ensino Superior - 8 informantes.

Vale mencionar que a média de faixa etária dos entrevistados reflete a estreita correlação entre idade e escolaridade, como se apresenta a seguir: classe da alfabetização infantil - de 5 a 8 anos; quarta série do Ensino Fundamental - de 9 a 11anos; oitava série do Ensino Fundamental - de 13 a 16 anos; terceiro ano do Ensino Médio - de 18 a 20 anos; último ano do Ensino Superior - acima de 23 anos.

Cabe apontar que, apesar de o *corpus* por nós utilizado apresentar a fala e a escrita de estudantes de todos os graus de escolaridade e dos dois sexos, nossa pesquisa, como exposto, verifica o uso dos locativos pós SN em todos os graus e nos dois sexos, mas sem expor um quantitativo em relação a esses dados, pois percebemos através de uma pesquisa piloto, que não constituem um traço relevante nos usos pesquisados, não interferindo em nossos resultados, já que em média a produção é a mesma.

Destacamos que o material escrito dos *corpora* apresenta-se tal como elaborado pelos alunos e que todos os textos, tanto orais quanto escritos, encontram-se disponíveis na página www.discursioagramatica.letas.ufrj.br/, da mesma forma como pode-se encontrar nessa

13 Quando se tratar da fala do entrevistador, pode aparecer ou não o nome dele na análise ou nos anexos, pois há casos em que o nome do entrevistador não se encontra disponível no *corpus*.

página os procedimentos para a coleta do material do *corpus*.

Através da análise dos *corpora*, apresentamos os diversos padrões funcionais dos quatro locativos em estudo pós Sintagma Nominal nos cinco tipos de textos referidos, baseados na teoria do Funcionalismo e em alguns pressupostos cognitivistas. Dessa forma, perceberemos que já estão passando pelo processo da gramaticalização, sendo que o seu uso mais gramaticalizado, juntamente ao SN anterior formam uma *construção*, conforme explicitado.

3.3 Procedimentos metodológicos

Através de uma análise sincrônica, foram selecionados do *Corpus* Discurso & Gramática diversos padrões funcionais dos locativos *aí, lá, aqui, ali* pós Sintagma Nominal. Percebemos que há casos em que esses locativos são dêiticos, ou seja, realizam o apontamento para algum referente no espaço; há também os advérbios anafóricos, que fazem referência a um lugar já mencionado anteriormente, fornecendo coesão ao texto; há os advérbios catafóricos, que possuem outra referência ao lado; e os que funcionam como clíticos, pois possuem pouco ou quase nenhum valor de locativo, já estando muito esvaídos desse sentido e dependentes das palavras que os precedem, constituindo com elas uma *construção* fixa e cristalizada na língua. Isso nos mostra que os referidos locativos possuem diversos padrões funcionais, e que tais padrões estão passando por uma possível trajetória de gramaticalização.

3.3.1 Procedimentos de análise

No primeiro subcapítulo da análise dos dados destinado aos padrões funcionais dos locativos *aí, lá, aqui* e *ali* pós SN, apresentamos primeiramente uma tabela com um quantitativo de todos os usos encontrados nos nossos dados de cada locativo pós SN nos cinco tipos de texto apontados. Posteriormente por seção, analisamos cada padrão funcional separadamente; e em todas as seções há uma tabela quantitativa específica por padrão funcional. Cada padrão é ilustrado com exemplos retirados do *Corpus* D&G e em todos os exemplos há a indicação entre parênteses do nome do informante, idade¹⁴, cidade e tipo de texto, considerando-se também se é oral ou escrito. Os tipos de texto estão abreviados:

14 Em alguns informantes, na análise ou nos anexos, não há essa indicação por não estar disponível no *corpus*.

Narrativa de Experiência Pessoal: NEP, Narrativa Recontada: NR, Descrição de Lugar: DL, Relato de Opinião: RO, Relato de Procedimento: RP. Cabe destacar que tais exemplos são usados em numeração crescente arábica não condizentes com a numeração dos anexos. Nestes também há uma numeração crescente arábica de acordo com a ordem em que os respectivos trechos destacados aparecem no *Corpus D&G*.

No segundo subcapítulo focamos nossa análise no estágio mais avançado de gramaticalização, o padrão clítico, que junto ao SN anterior constitui uma *construção*, conforme mencionado. Dessa forma, nossa análise se volta aos padrões construcionais, com destaque para as construções prototípicas.

Analizamos os resultados baseados em algumas premissas da teoria funcionalista e cognitivista ilustradas na fundamentação teórica.

Vale salientar que nossa análise é sincrônica de cunho qualitativo e quantitativo.

3.3.2 Dificuldades de análise

Podemos afirmar que em cada subcapítulo encontramos uma dificuldade de análise.

Para entendermos a do primeiro devemos esclarecer o que consideramos padrões funcionais dêiticos, catafóricos, anafóricos e clíticos.

No padrão dêitico é perceptível que há um apontamento no espaço por parte do falante; no advérbio catafórico há uma referência espacial após o locativo; no advérbio anafórico há uma menção a um espaço e posteriormente há um locativo que o retoma, e no clítico geralmente não aparece uma referência espacial tão concreta e nítida.

Porém, essas categorias não são discretas, há casos de ambiguidade de uso, em que não podemos atestar certamente com qual dos quatro padrões estamos lidando. E são justamente esses casos a nossa primeira dificuldade. Como forma de análise os chamamos de “casos híbridos” e apresentamos na análise e nos anexos entre quais padrões o hibridismo ocorre e possíveis causas. Nos anexos expomos todos os casos híbridos que encontramos com a indicação entre parênteses de quais padrões funcionais estão causando o hibridismo. Tais padrões encontram-se abreviados: dêitico: D, advérbio catafórico: CAT, advérbio anafórico: ANA, clítico: CL.

No segundo subcapítulo, nossa dificuldade diz respeito a determinados usos que denominamos *SN complexos*: SNs formados com a inserção de um SN preposicionado. Em exemplos como “então a casa fica **na beirada da lagoa ali**”, não sabemos se analisamos como SN *a beirada da lagoa* por entendermos que o locativo se refere ao todo e não apenas à

lagoa; ou apenas *a lagoa*, porque sabemos também que em vez de *a lagoa* podemos dizer “aquela lagoa”. Desta maneira, não analisamos profundamente esses casos, apesar de podermos informar a qual padrão pertencem. Por isso, na seção reservada para eles, tais SNs encontram-se separados por padrões funcionais e nos anexos após cada padrão funcional do locativo, se houver um SN complexo naquele padrão, ele se encontra de forma separada. Em negrito está o SN considerando-se o todo e sublinhado só o que vem depois da preposição. Consideramos como formas marcadas, pois são mais complexas estrutural e cognitivamente. Cabe mencionar que encontramos SNs complexos até mesmo nos casos híbridos.

3.3.3 Dados descartados

I) Quanto aos locativos:

Conforme mencionado, consideramos nos nossos dados usos como *daí*, *daqui*, *dali* por serem uma contração da preposição “de” + os locativos em questão. Mas *de lá* não foi considerado por ser uma combinação de *de* + *lá* e por isso, a preposição anterior ao locativo é bem nítida, não sendo então o locativo posterior ao SN e sim a uma preposição aparente.

Também não foram levados em consideração os locativos *cá* e *acolá*; já que o primeiro só teve ocorrência depois das preposições “de” e “pra” e do verbo “vem”; e o segundo não teve nenhuma ocorrência, pois seu uso é realmente imperceptível nos dias atuais.

II) Quanto ao SN:

Encontramos nos nossos dados constituições diversas do SN nos quatro padrões funcionais. Nos padrões dêiticos e fóricos há SN com apenas uma palavra determinada sem o determinante, como também há SN constituído, como no padrão clítico, por um ou mais *determinantes* – artigo definido ou indefinido; pronome possessivo, demonstrativo, indefinido; ou numeral – e *a palavra determinada* – substantivo; adjetivo; pronome possessivo, demonstrativo, indefinido; ou numeral. Encontramos também, não na construção com o padrão clítico mas nos outros padrões, SNs compostos por advérbio + substantivo e advérbio + adjetivo: “**muito bonito lá...** então?”; adjetivo + substantivo: “**maior desorganização aqui...**”; como também apenas por pronomes pessoais ou de tratamento: alguma coisa que tenha acontecido com **você aqui?**; até mesmo a ordem determinado + determinante, como por exemplo: “tem **professores muito bons aqui...**”.

Há casos em todos os padrões em que esse SN pode ser composto por dois determinantes dessas classes citadas. Por isso, é preciso ressaltar que só consideramos os SNs compostos por até três palavras – dois determinantes e um determinado no máximo. Nesse tipo de constituição, dizemos que estamos diante de uma estrutura também marcada, já que se trata de uma forma menos frequente e mais complexa estrutural e cognitivamente. SNs compostos por mais de dois determinantes estão portanto, descartados da nossa análise.

Quanto à natureza semântica do SN, dizemos que pode designar *um lugar* propriamente dito – quadra, campo, banheiro, restaurante, sala de aula – *um objeto* – cadeira, sacola, guardanapo, frigideira – *uma pessoa* – colega, faxineira, vendedora, irmão - *nomes abstratos* – educação, história, doença, emprego – enfim, tudo o que possa sofrer algum tipo de referência por um pronome locativo, não havendo então, exemplos descartáveis de SNs quanto à semântica.

III) Quanto à construção *SN + loc*

Vale destacar que não consideramos construção *SN + loc* casos em que o locativo não se encontra imediatamente após o SN, mesmo se eles estiverem apenas separados por reticências, pois as reticências indicam que houve na fala uma pausa entre o SN e o locativo. Por exemplo: “ela parou um pouco pra... beber água... ali tinha um/ ali na pista tinha **um... poço ali...** ela parou um pouco pra beber água...” Para não dizer que desconsideramos todos esses casos, apenas um foi considerado: ““oh... então gente... eu acho que... tem que levar... num centro... pra... ver... fazer qualquer coisa... porque se... está... atrapalhando mesmo... tem que fazer alguma coisa...’ ” aí elas foram **num centro lá...** e... fizeram **um negócio lá** que eu acho que era o tio dela... era uma pessoa... não sei quem é que estava... que morreu... que estava perseguindo ela... assim... né? aí... ela... fez... **uma... reza lá...** e... sumiu... mas ela ainda ficou assustada...” Nessa terceira construção há uma reticências entre o determinante *uma* e o determinado *reza*. Só foi considerada, pois podemos depreender que todo o discurso é realizado em torno das construções aqui estudadas, o que nos leva a crer que a informante estava fazendo uso de mais uma e por algum motivo deu essa pausa.

Também não foi contabilizado casos em que entre a suposta construção há um prologamento de algum item, por exemplo: “agora a prefeitura... gramou... fez **um:: jardim legal ali...**” Esse símbolo :: indica que ao pronunciar a palavra *um* o falante se prolongou um pouco. Portanto não consideramos uma construção, já que não se constitui um todo fonológico.

Deve ser lembrado que consideramos uma *construção* um SN composto por um ou dois determinantes e uma palavra determinada, diferente dos outros padrões funcionais, em que pode haver apenas uma palavra determinada, sem determinante.

3.3.4 Algumas considerações

I) Quanto ao dêitico:

No padrão dêitico, tivemos que levar em consideração se o apontamento realizado pelo informante era para algo ou alguém que estivesse presente naquele momento ou não. Em relatos de opinião e descrições de lugar encontramos mais facilmente esse usos, pois o falante geralmente ou opina ou descreve o lugar onde está situado. Nas narrativas só foram considerados dêiticos os casos em que o falante conta sobre algo que aconteceu no lugar onde está ou aponta para algo que tem consigo no momento. Casos em que ele revive experiências que tenha vivido e aponta para coisas que estavam presentes naquele momento, mas que não estão mais, já são considerados apontamentos mais imaginários, virtuais, como ocorre muito também no relato de procedimento, em que o falante ensina a fazer algo e os objetos que utiliza para isso não estão presentes naquele momento, fazendo com que o ouvinte imagine a cena com aquele objeto virtual. Consideramos os últimos casos como usos clíticos.

II) Quanto ao advérbio catafórico:

Quanto ao padrão catafórico, merece menção o fato de que encontramos nos nossos dados usos desse tipo: “eles dois ficaram **juntos lá...** num/ **numa ilha lá** onde tinha pé de banana... pé de maçã... tinha pé de tudo... lá..”. Devemos informar que em exemplos como esse, os dois usos foram contados como catafóricos, já que depois do primeiro locativo pós SN há uma possível indicação de lugar não completada. Já em “meu irmão estava me contando outro dia que::... ele conheceu um... um cara lá em Friburgo... que roubaram o carro dele... há **pouco tempo aqui** em Fri/ aqui no Rio...”, só foi contabilizado o *aqui* que está destacado. O segundo *aqui* não está pós SN, pois o suposto SN que vem anterior a ele não é uma palavra completa, apenas serve como indicação de catáfora do primeiro uso, pois neste caso, mesmo que não esteja completo pode-se perceber que tem uma indicação de lugar incompleta ao lado, mas também que logo depois se completa.

III) Quanto ao advérbio anafórico:

No padrão funcional anafórico, sabemos que há uma referência a um lugar que depois é retomada fazendo uso de um locativo. Mas entre esse locativo e a palavra que ele retoma existe uma distância na estrutura. Dentro dos casos híbridos, já citado, um deles é o que possui maior recorrência: a ambiguidade de uso entre o advérbio anafórico e o clítico. Isso se deve porque quanto maior a distância entre o locativo e o ser ao qual faz referência, menos vínculo parece ter entre essas palavras, e assim, a relação fórica se perde, permitindo a reanálise como clítico. Para atestar esse fato então, em todo padrão anafórico foi realizada, apesar de não explicitada, a contagem de palavras existentes entre o locativo e o ser referido. Nessa aferição foram contabilizadas as palavras proferidas pelo entrevistado e pelo entrevistador. Por exemplo:

E: e como é o Campo de São Bento? o que tem lá?

I: um monte de brinquedos... [ahn] ahn::... tem um lugar (é) que tem um patinho... peixinho... e (sei lá) tem::... eh... **uns campinhos lá**... e tem um monte de laguinho... e::... tem tudo...

No padrão anafórico desse trecho, se contarmos a distância do locativo *lá* até a sua referência “*o Campo de São Bento*”, chegamos ao número de 26 palavras, contabilizando-se as falas das duas pessoas presentes na conversação. Considera-se as palavras dos dois falantes, pois a referência foi pronunciada por um deles, nesse caso, pelo entrevistador, mas ambos podem retomá-la usando um locativo anafórico, como vimos que acontece nesse exemplo acima e em muitos outros observados.

Lembrando que hesitações também são contadas, ou melhor, qualquer som pronunciado pelos falantes, como por exemplo: “na minha casa eu não gosto muito de ficar não... eu prefiro ficar na casa da Aline... que... lá... eh... **o pessoal lá é gente/ eles são meio/ muito brincalhona**... aí fica com **o pessoal lá**.”

IV) Quanto à construção com o clítico:

Ao tratar da construção SN + loc em gramaticalização, detectamos, como exposto, que esse locativo não possui mais com tanta clareza a ideia de lugar, básica dos dêiticos, e sim semânticas distintas, o que também é trabalhado na análise dos dados. Percebemos no nosso levantamento, que nessa construção SN + loc em estudo há uma possível escala de prototipicidade, ou seja, certos tipos de construção são mais facilmente visualizados e

compreendidos como tal; podemos notar neles mais nitidamente a função clítica e menos a função locativa. Mas como dito, trata-se de uma escala, portanto, há a construção mais prototípica, outra menos do que a primeira e mais do que a terceira e assim, sucessivamente. Dentro dessa escala, há então as formas não-marcadas, portanto mais prototípicas e frequentes, e as formas marcadas, suas correspondentes.

Na seção de análise das construções prototípicas, destacamos os critérios que nos levaram a essa escala de prototipicidade: entre os locativos há o mais prototípico, ou seja, aquele que usado dentro da construção mais se distancia da ideia de lugar original, e através da semântica nova desse locativo na construção, analisamos quais SNs colaboram com esse novo sentido. Realizamos portanto quatro escalas diferentes: três para os SNs – considerando que trabalhamos com SN de até três palavras: dois determinantes e uma palavra determinada no máximo, e assim temos uma escala para cada posição das palavras que constituem o SN; a outra escala se refere aos locativos.

Cada escala vai da “classe de palavra” que atua de forma mais prototípica e menos marcada para a menos prototípica e mais marcada na identificação da construção em estudo. Assim, colocamos uma pontuação para cada “classe de palavra” dessa escala de acordo com a ordem em que nela se encontra. Utilizamos alguns exemplos dos nossos *corpora* para uma melhor compreensão da escala e sua pontuação de prototipicidade. Verificamos quantitativamente nos nossos dados e nos certificamos de que a construção adotada por nós como a mais prototípica segundo esse parâmetro, é também a mais frequente.

3.3.5 Fatores importantes para a análise dos padrões funcionais

Analisando os dados, percebemos que um fator muito importante é o lugar onde o informante se encontra, que faz toda a diferença, pois se ele usa, por exemplo: “aí a gente tinha **uma vendedora aqui** que ele era muito amigo...” Conseguimos distinguir se esse *aqui* é clítico ou dêitico porque sabemos que o informante, naquele momento, estava no local de trabalho, logo é um apontamento no espaço, um dêitico. Por outro lado, em: “aí a professora... estava dando aula para quinhentos e... quinhentos e três... e pra gente... que é oitocentos e um... aí **na aula lá**... a:... a gente estava fazendo muita bagunça... e a professora chamou a diretora...” Sabemos que esse *lá* é um clítico, pois temos a informação de que a falante encontra-se na sala de aula. Por esse motivo, não estava querendo dizer uma aula em uma sala distante (função dêitica) e sim, uma aula qualquer, logo, padrão clítico. A indicação do lugar onde o informante se encontrava no momento da entrevista está nos anexos, não

aparecendo apenas quando essa informação não se encontra disponível no *corpus*. Nos textos escritos não há tal indicação, pois o informante leva essa tarefa de escrever o que falou na entrevista para realizar e entregar depois, dessa forma não sabemos onde ele a realizou.

Em todos os quatro usos foram levados em consideração a posição do locativo na cláusula em que se acha articulada, se pré ou pós-verbal e o tipo de verbo, se possui ou não um *frame* locativo. Realizamos esse tipo de estudo para verificar possíveis casos em que o locativo seria um argumento do verbo e não um escopo do nome. Na análise específica das construções também verificamos a possibilidade de inserção ou troca posicional entre os elementos da construção, na testagem do que Erman e Warren (2000) denominam uma *unidade pré-fabricada* (UPF).

De um forma geral, vale ressaltar que alguns tipos de textos favorecem o uso dos locativos pós SN. Por exemplo, nas descrições de local isso ocorre, pois se estamos descrevendo um lugar, vamos dizer tudo que nele há, e para nos referirmos a ele precisamos fazer uso dos locativos. Há muita ocorrência nas narrativas em geral, pois os informantes falam bastante nesses dois tipos de textos, talvez por se sentirem à vontade para contar histórias, algo que realmente fazemos muito no nosso dia-a-dia. Logo, se a produção é grande, a quantidade de locativos também será grande. Sem contar que nessas narrativas também se contam histórias que mencionam lugares, portanto, mais um ponto a favor. Quando o Relato de Opinião é sobre a escola ou sobre um outro lugar, também há muitos locativos para fazer referência ao lugar em questão, caso contrário, a quantidade de locativos é pequena. Acreditamos que por esses motivos, o Relato de Procedimento é o que tem menos ocorrência, já que não há nesse tipo de texto tais fatores que motivem o uso demasiado dos locativos. As ocorrências de locativo nesse tipo de relato se deve mais precisamente aos casos em que a referência ao ser citado ocorre sem a sua presença, num apontamento mais virtual, imaginário, na memória dos participantes da interação. Há considerações particulares envolvendo um ou outro tipo de texto com um ou outro locativo que serão tratadas em seus devidos momentos.

Depois de explicitados os nossos procedimentos, analisamos os quatro padrões funcionais dos locativos pós SN, com base nos dados do *Corpus Discurso & Gramática* e apoiados nas premissas funcionalistas e cognitivistas.

4. ANÁLISE DOS DADOS

Como visto no capítulo referente à revisão da literatura, muitos autores tradicionais afirmam que os advérbios se referem geralmente ao verbo, ou ainda, dentro de um grupo nominal unitário, a um adjetivo, a um advérbio (como intensificador), ou a uma declaração inteira. Alguns acrescentam também a natureza pronominal dos advérbios de lugar *aqui*, *ali*, *aí* e *lá*. Apenas Bechara e Ribeiro citam brevemente, a possibilidade de o advérbio se referir a um substantivo.

No subcapítulo reservado para os estudos mais linguísticos, percebemos que há uma aproximação maior ao enfoque dado pela nossa pesquisa. Alguns autores, como Braga & Paiva, Martelotta e Tavares tratam da gramaticalização de locativos, porém apenas citam ou um ou dois dos locativos que estudamos e nem todos tratam da posição do locativo especialmente pós Sintagma Nominal. Desses, apenas as primeiras autoras chamam o uso mais gramaticalizado de *clítico*, conforme adotamos.

Dessa forma, acreditamos que a nossa pesquisa tem muito a colaborar com os estudos dos locativos do português num viés funcionalista, porque temos percebido nas falas cotidianas dos usuários da língua, conforme exposto, esse uso recorrente dos locativos pós SN, mas que não é muito referido em trabalhos na área, quiçá em estudos tradicionais.

Os locativos estudados por nós são: *aqui*, *ali*, *aí* e *lá*; e formas derivadas dessas: *daqui*, *dali* e *daí*. Encontramos no *Corpus Discurso & Gramática* esses locativos pós SN em quatro padrões funcionais distintos, conforme mencionado anteriormente.

Acreditamos que tais usos estejam passando por uma possível trajetória de gramaticalização que parte do dêitico, passa pelos usos fóricos – catáfora e posteriormente, anáfora – até chegar ao uso mais abstratizado, o clítico. Nesse último estágio, segundo nossos estudos, o locativo como clítico junto ao SN anterior formam uma *construção* SN + loc, um todo de sentido e forma, cristalizado na língua.

Deve ser lembrado que entendemos como SN dessa construção um ou mais *determinantes* – artigo definido ou indefinido; pronome possessivo, demonstrativo ou

indefinido; ou numeral – e *a palavra determinada* – substantivo; adjetivo; pronome possessivo, demonstrativo, indefinido; ou numeral. Há casos em que esse SN é composto por dois determinantes dessas classes citadas.

Abordamos então na primeira seção, os padrões funcionais dos locativos em questão pós SN tomando como base, como exposto, o *Corpus* Discurso & Gramática. Na segunda seção tratamos dos casos híbridos de nossos dados e na última, enfatizamos os padrões construcionais. Vale destacar que após todos os exemplos retirados do *Corpus* D&G virá a indicação do nome, idade, cidade e tipo de texto do entrevistado. Os tipos de texto estão abreviados: Narrativa de Experiência Pessoal: NEP; Narrativa Recontada: NR.; Descrição de Local: DL.; Relato de Procedimento: RP.; Relato de Opinião: RO. A maioria dos exemplos é retirada da parte oral, mas há a indicação entre parênteses quanto ao tipo de modalidade de cada texto, se oral ou escrita.

4.1 Padrões funcionais dos locativos

Neste primeiro subcapítulo tratamos dos padrões funcionais *dêiticos*, *catafóricos*, *anafóricos* e *clíticos* dos locativos *lá*, *aqui*, *á* e *ali* pós SN encontrados nas narrativas de experiência pessoal e recontadas, descrições de lugar, relatos de opinião e de procedimento orais e escritos do *Corpus* D & G das cidades de Niterói e Rio de Janeiro. Para uma análise geral primeiramente, apresentamos nas tabelas abaixo todos os usos encontrados nos nossos dados. Em cada seção posteriormente, há um quantitativo específico por padrão funcional.

	NEPo	NEPe	NRo	NRe	DLo	DLe	ROo	ROe	RPo	RPe	Total
LÁ	13	0	5	0	12	0	14	0	3	0	47
AQUI	4	0	5	0	8	0	9	0	3	0	29
Á	2	0	0	0	0	0	5	0	0	0	7
ALI	8	2	3	0	11	0	2	0	0	0	26
Total	27	2	13	0	31	0	30	0	6	0	109

Tabela 1: Análise quantitativa geral na cidade de Niterói

	NEPo	NEPe	NRo	NRe	DLo	DLe	ROo	ROe	RPo	RPe	Total
LÁ	33	1	61	4	44	5	7	2	10	0	167
AQUI	16	1	6	0	5	0	37	3	5	1	74
AÍ	10	1	9	0	1	0	14	0	4	0	39
ALI	9	1	3	1	4	0	4	0	8	0	30
Total	68	4	79	5	54	5	62	5	27	1	310

Tabela 2: Análise quantitativa geral na cidade do Rio de Janeiro

Percebemos que em Niterói, os locativos pós SN são mais encontrados nas descrições de lugar e em relatos de opinião, fato não semelhante no Rio de Janeiro, que conta com um número maior nas duas narrativas.

4.1.1 Dêixis

Ao estudar os usos dos locativos mencionados, percebemos que a princípio, eles possuem uma função dêitica de advérbios de lugar, ou seja, localizam e identificam os objetos, as pessoas, as atividades, os eventos e processos em relação ao contexto de espaço, tempo e pessoa mantidos durante a enunciação. A dêixis ocorre como se apontássemos para algum ponto, para mostrar algo ao nosso interlocutor, e os locativos exercem bem essa função.

Batoréo (2000, p. 247) cita três afirmações sobre a dêixis. A primeira é de Bühler (1934), quem defende que “o verdadeiro fator produtivo da linguagem está fortemente enraizado na cognição humana e é constituído pelo seu caráter indicador, ou seja, o apontar com as palavras, a dêixis”. A segunda é de O. Lopes (1958), quem afirma que “a linguagem articulada é outra estupenda projeção das mãos do homem”. E a terceira é de F. I. Fonseca (1989/1992), para quem “o gesto de 'apontar com o dedo' constitui o 'antepassado direto da comunicação verbal' que é adquirido como um gesto cultural por aprendizagem”.

A autora completa que, na teoria de Bühler a dêixis tem três modos de indicação designados como *situacional* ou estritamente dêitico; *anafórico* ou discursivo; dêitico indireto ou *imaginário*, com a mostração realizada sem a presença do ser mostrado. Assim, o acesso à anáfora, segundo o autor, é garantido mentalmente pelo recurso à memória imediata da dêixis situacional percebida visualmente. Já na dêixis imaginária, a imagem é transposta da realidade para a ficção e evocada mentalmente pelo recurso à memória a longo termo.

Cabe então destacar que, nesta pesquisa, consideramos padrão funcional dêitico aquele primeiro modo de indicação considerado por Bühler, em que o apontamento é concreto, para

algo ou alguém que se encontra presente no momento da enunciação.

Podemos considerar que a função dêitica seria a originadora dos usos fóricos e, na sequência, seriam derivados os papéis clíticos, como vemos adiante. De acordo com Batoréo (op. cit.), os pronomes locativos adverbiais teriam como “função elementar” a localização do objeto, a detecção da linha de orientação e a síntese do espaço, numa atividade de referenciação baseada no egocentrismo, porque é relativa à posição do emissor. A centração no emissor manifesta-se no critério de classificação desses constituintes, que partem das posições mais próximas a quem profere os enunciados (*aqui* > *aí* > *ali*; *cá* > *lá*).

Observemos alguns casos em que os locativos estão seguidos de um SN e com uma função dêitica:

- (1) “você não mexe com a memória não... você... dá algum jeito... tem **algum macete aí**..(Yuri – 18 anos – RJ – NR oral)
- (2) eu passei na roleta do ônibus... botei **o dinheiro aqui**... (Marcelo – 19 anos – Niterói – NEP oral)
- (3) tem a rede também... (fico) entre a rede e **essa cadeira aqui**... eh::... a cadeira é o melhor lugar pra estudar... (Érica – 24 anos – RJ – DL oral)
- (4) eh... uma coisa triste... mas que quando eu tinha três anos... eu cáí... aí tá até **a cicatriz aqui**... (Aline – 7 anos – Niterói – NEP oral)
- (5) ele é um lugar muito bonito... vou te explicar **a divisão aqui** (Pablo – 17 anos – Niterói – DL)
- (6) por exemplo... você se forma... aí você arruma **um empreguinho aqui**... (Jorge Luís – 26 anos – RJ – RO oral)
- (7) aí a gente tinha **uma vendedora aqui** que ele era muito amigo... uma menina chamada Adriana... (Marcelo – 19 anos – Niterói – NR oral)
- (8) tem **muitos livros aí** que eu gosto muito de ler... (Flávia – 19 anos – RJ – DL oral)
- (9) **aquilo ali** não é perfume não... **aquilo ali** são uns sucos assim... (Alex – 29 anos – Niterói – NR oral)

Em todos os exemplos citados acima, observamos que os pronomes locativos se apresentam imediatamente após o SN, escopando este constituinte. Assim, passa a ser licenciada a reanálise do locativo, segundo o que Tavares (2006) considera sua função *especificadora*. Embora ainda não se possam efetivamente classificar esses usos como clíticos, consideramos que contextos linguísticos como esse motivam ou ensejam a reanálise do locativo.

Podemos perceber também, neste último exemplo (9), que o locativo *ali* por duas vezes aparece depois do pronome demonstrativo “aquilo”. Jungbluth (2005) afirma que o português brasileiro, em seu uso informal, reconstitui a tríade dêitica através da formação de sintagmas ao redor dos advérbios locativos. Assim o par dicotômico: *esse x aquele* seria reconstruído na tríade: *esse aqui; esse aí; aquele lá*. Isso seriam estratégias retóricas, enfáticas, comuns a língua falada, que atuam como modos compensadores da perda de informatividade ou imprecisão das formas *esse* e *aquele*. Observamos esse fato em mais três exemplos:

(10) “**esse aqui?** não... **esse aqui** eu não gostei muito...” (Mônica – 23 anos – RJ – RP oral)

(11) até que... ultimamente ela está sendo... está tendo refor::ma... botou muro... **aí aquilo ali** não era muro... né? (Ana Maria – 12 anos – RJ – RO oral)

Segundo Dahl (2001), fazendo isso, os falantes “inflacionam” a fala, com maior quantidade de forma como garantia de entendimento de sentidos desgastados, devido à alta frequência de uso. Pode-se ainda relacionar este fato ao subprincípio icônico da quantidade (Givón, 2001), de acordo com o qual quanto maior, mais imprevisível e/ou mais relevante for a quantidade de informação, maior será a quantidade de forma utilizada na codificação dessa informação.

Do (1) ao (8), o SN junto ao locativo encontram-se após o verbo. Esse fato ocasiona uma possível ambiguidade, já que o locativo poderia ser não só uma partícula ligada ao SN anterior, como apresentamos, mas um argumento ou adjunto do verbo, escopando este constituinte. Por exemplo, em (2) o informante poderia ter tido a intenção de falar “botei o **dinheiro aqui...**”, como fez, ou “botei aqui o dinheiro”. O fato de esse verbo estar compondo um *frame* locativo, mesmo que ele sozinho não tenha a semântica de lugar, como em (6) – junto ao locativo tal verbo ajuda a realizar o “apontamento” para alguém ou algum lugar no espaço – leva-nos a acreditar que o locativo pode ser um argumento do verbo. Porém, na primeira frase, parece-nos que o objetivo é focar o lugar onde o dinheiro se encontra, e na segunda, em que o dêitico está imediatamente pós SV, o locativo está apontando apenas onde ele “botou”.

Do (9) ao (11), o locativo pós SN encontra-se antes do verbo. Nessa posição não encontramos ambiguidade, pois a posição desse locativo após o verbo não tem produtividade ou seria muito pouco provável. Por exemplo, em (9) o informante disse: “**aquilo ali** não é

perfume não... **aquilo ali** são uns sucos assim...”, já com o locativo pós verbal há um estranhamento aos usuários: “aquilo não é ali perfume não... aquilo são ali uns sucos assim...”

Para uma melhor compreensão, a tabela 3 abaixo destina-se a um levantamento quantitativo dos quatro locativos em questão nos usos dêiticos em todos os textos produzidos na cidade de Niterói e a tabela 4 na cidade do Rio de Janeiro:

	NEP	NR	DL	RO	RP	Total
LÁ	-	-	-	-	-	0
AQUI	2	2	5	4	-	13
AÍ	-	-	-	1	-	1
ALI	-	2	-	-	-	2
Total	2	4	5	5	0	16

Tabela 3: Representação quantitativa dos locativos *lá, aqui, aí* e *ali* pós SN no uso dêitico nos cinco tipos de texto produzidos na cidade de Niterói

	NEP	NR	DL	RO	RP	Total
LÁ	-	-	-	1	-	1
AQUI	4	-	4	28	2	38
AÍ	1	1	1	-	-	3
ALI	-	1	-	1	1	3
Total	5	2	5	30	3	45

Tabela 4: Representação quantitativa dos locativos *lá, aqui, aí* e *ali* pós SN no uso dêitico nos cinco tipos de texto produzidos na cidade do Rio de Janeiro

Nas duas cidades há uma grande ocorrência do *aqui* dêitico, tendo os outros locativos quase nenhuma visibilidade. Tal fato ocorre já que a dêixis é um apontamento concreto de algo ou alguém que se encontra num determinado espaço e o *aqui*, o *ali* e o *aí*, mais precisamente o *aqui*, permitem uma ideia de pontualidade e precisão, daí a maior ocorrência do *aqui*, alguma ocorrência do *aí* e *ali* e nenhuma do *lá*, que confere a ideia de impontualidade e imprecisão. Sua maior frequência é nos relatos de opinião principalmente, e nas descrições de lugar, porque no relato de opinião, na maioria das vezes, o informante deve dar sua opinião sobre um lugar onde se situa, como por exemplo, sua escola, seu país e para tanto faz uso dos dêiticos. Já nas descrições de lugar, muitas vezes ele descreve o lugar onde se encontra no momento da entrevista.

Destacamos também que, na cidade de Niterói não houve nenhuma ocorrência na modalidade escrita; na do Rio de Janeiro, das vinte e oito ocorrências no relato de opinião,

duas são na modalidade escrita.

4.1.2 Advérbio Catafórico

O advérbio catafórico introduz uma informação nova, ou seja, ele busca sua referência no contexto seguinte. Ao contrário do uso dêitico, o que há nesse caso é uma imprecisão referencial, como se o falante percebesse que o locativo sozinho não seria capaz de mostrar o lugar de onde fala e para se fazer entendido utiliza ao lado a referência a que o locativo faz. A partir do momento que os locativos enfraquecem sua função na indicação de lugar, passam a assumir sentidos menos concretos, já em plano textual, funcionando como elementos de coesão do discurso na atuação da relação fórica, como catáfora ou anáfora. (Esta última é tratada no próximo item.)

Para Halliday e Hasan (1976), do ponto de vista da análise linguística e literária, o texto constitui um espaço. Assim, os locativos tornaram-se elementos de sinalização da função sintática e semântica do constituinte subsequente.

Evidencia-se esse uso catafórico em casos como os mostrados abaixo:

(12) eu... mais... juntamente com... uma e... **uma equipezinha *daqui*** da escola mesmo... dos estudantes... se reúne... eh:... pega as fofocas... os recados que está... rolando aí com o pessoal da escola... (Margarete – 20 anos – Niterói – RP oral)

(13) eu olho **aquilo tudo *lá*** embaixo... eu vejo o quanto que eu já caminhei... né? e vejo a/ o horizonte que tem... (Eliane – 35 anos – Niterói – DL)

(14) eu ainda descí... fui na casa de um outro colega meu... pra gente ver se... se ele conhecia **alguém *ali*** de dentro... pra ver se conseguia pegar o relógio de volta... (Marcelo – 19 anos – Niterói – NEP oral)

(15) E:... agora eu queria que você me dissesse a sua opinião... ou sobre a situação política... ou a situação econômica... ou da **educação *aqui*** no Brasil ... (Entrevistador – RJ – RO oral)

(16) Como votar em Monarquia, República ou Parlamentarismo, e Presidencialismo quando a maioria da população não sabe nem o que cada um significa e às vezes nem sabe quem é o próprio prefeito ou governador de sua cidade ou estado respectivamente, como aconteceu com **a faxineira *lá*** de casa. (Mônica – 23 anos – RJ – RO escrito)

(17) consertar a escola... direito... podia fazer **uma quadra *aqui*** atrás... (Wellington –

11 anos – RJ – RO)

(18) uma vez eu saí pra jogar bola com uns amigos meus... ali... **num campo ali** atrás...

(Adilson – 18 anos – RJ – NEP)

(19) eu sentei **no ônibus alto lá** atrás... (Marcelo – 19 anos – Niterói – NEP oral)

(20) se você vier até **o Arnaldo Eugênio ali** no campo mundial... (Queli – 15 anos – RJ – NEP oral)

(21) botam **alguém aqui** pela janela... (Jorge Luís – 26 anos – RJ – RO oral)

(22) Uma amiga minha chamada Luana, que vivia c/ os meus pais e **seu irmão lá** em Nova Iguaçu. (Jean – 18 anos – RJ – NR escrita)

(23) botou **um guardanapo aqui** na minha testa porque estava muito sangue... (Elizângela – 10 anos – Niterói – NEP oral)

Com os locativos na função de advérbio catafórico, percebemos que a possível ambiguidade ocasionada pelo posicionamento do SN + locativo na frase não se restringe ao fato de se situar antes ou depois do verbo. O que percebemos é uma tendência a não-ambiguidade nas duas posições, com exceção de um único caso na posição pós-verbal.

Nunca desconsiderando que, na pesquisa funcional, qualquer troca de ordem dos constituintes é relevante e provoca algum tipo de efeito de sentido. Tentamos, como fizemos também com o uso dêitico anterior, testar nos nossos dados, agora com o advérbio catafórico, o deslocamento do locativo pós SN para junto do verbo para checarmos se haveria ambiguidade e chegamos a algumas conclusões:

Não haverá ambiguidade se a posição do locativo pós SN for:

a) anterior ao verbo, como vimos em (12);

b) posterior ao verbo, porém com:

- Verbos que não compõem *frame* locativo e o SN não é um lugar, como em (13), (14), (15) e (16).

Nestes casos, percebemos que o verbo, por não compor um *frame* locativo, ou seja, por não atrair necessariamente para junto de si uma referência de lugar, logo não permite que haja a ambiguidade, mesmo porque o sentido da frase se modifica, e a posição do locativo é realmente após o SN, escapando este constituinte.

- Verbos que não compõem *frame* locativo e o SN é um lugar, como em (17) e

(18);

- Verbos que compõem *frame* locativo e o SN é um lugar, como em (19) e (20).

Nestes dois casos acima – apesar de os verbos do primeiro não comporem *frame* locativo – o que percebemos é a união do SN anterior ao locativo com a referência de lugar posterior, pois o SN é um lugar que faz parte da referência de lugar imediatamente posterior ao locativo.

Somente haverá ambiguidade se:

a) a posição do SN + locativo for posterior ao verbo, mas com:

- Verbos que compõem *frame* locativo e o SN não é um lugar, como em (21), (22) e (23)

Neste caso, percebemos que o verbo compõe *frame* locativo, e por isso, pode atrair para junto dele o locativo que se encontra pós SN. E o SN não sendo um lugar, não há união do mesmo com a referência de lugar posterior, que seria o facilitador da inserção de um locativo entre eles, como vimos anteriormente. Assim, o locativo pode se localizar tanto depois do SN quanto do verbo.

Percebemos que todos os fragmentos listados acima exemplificam o que Paiva (2003) nomeia de *superespecificação* situacional. Segundo Oliveira (2007, p. 6) “não se trata de uma estratégia de ênfase, de acúmulo de informação espacial, uma vez que os locativos, em tais contextos, já estariam esvaídos de sua referenciação básica, papel cumprido mais efetivamente nessas estruturas pelo termo nominal subsequente.” Nesse sentido, os Spreps *no Brasil, da escola, no país dele, de dentro e no campo mundial*, por exemplo, pospostos ao locativo nos exemplos anteriores, é que cumprem, efetivamente, a referência de lugar, como especificadores do espaço articulado.

De acordo com Paiva (op.cit.), esse recurso semântico-sintático é sintoma da dissociação entre a função dêitica e a fórica dos pronomes locativos, já que, em trechos como os citados acima, prevalece a função fórica ou textual desses constituintes. O fato de os pronomes locativos seguirem um SN constitui contexto favorecedor da reanálise dessa partícula como clítico.

Em (19), (20), (21), (22) e (23) observamos que a efetiva expressão de lugar está contida no constituinte verbal, como vimos anteriormente. Tal observação reforça a interpretação dos pronomes adverbiais locativos como *reforço situativo-comunicativo* (Batoréo, 2000), uma vez que assumem papel secundário na referenciação de lugar, que acaba

sendo cumprida pelo constituinte verbal.

Passemos então para as tabelas 5 e 6 referentes ao levantamento quantitativo dos quatro locativos estudados nos usos adverbiais catafóricos em todos os textos produzidos na cidade de Niterói e na do Rio de Janeiro respectivamente:

	NEP	NR	DL	RO	RP	Total
LÁ	4	3	5	6	2	20
AQUI	1	2	-	5	3	11
AÍ	-	-	-	-	-	0
ALI	4	1	4	-	-	9
Total	9	6	9	11	5	40

Tabela 5: Representação quantitativa dos locativos *lá*, *aqui*, *aí* e *ali* pós SN no uso catafórico nos cinco tipos de texto produzidos na cidade de Niterói

	NEP	NR	DL	RO	RP	Total
LÁ	11	22	6	4	6	49
AQUI	8	4	-	8	1	21
AÍ	-	2	-	-	-	2
ALI	3	-	1	2	3	9
Total	22	28	7	14	10	81

Tabela 6: Representação quantitativa dos locativos *lá*, *aqui*, *aí* e *ali* pós SN no uso catafórico nos cinco tipos de texto produzidos na cidade do Rio de Janeiro

Nas duas cidades ocorreu fenômeno semelhante com os advérbios catafóricos: maior ocorrência do *lá*; *aqui* também com alguma visibilidade; *aí* com a menor ocorrência, chegando a nenhuma em Niterói; e *ali* com pouca produtividade. Acreditamos que a maior ocorrência de *lá* como advérbio catafórico seja o início de uma possível reanálise como clítico, já que neste último padrão funcional, como veremos, a maior ocorrência também é com o locativo *lá*. Sua maior frequência divide-se nas duas cidades entre as narrativas, com maior ocorrência, e os os relatos de opinião. Suspeitamos que ocorra dessa forma porque nas narrativas o informante conta uma história que aconteceu com ele ou com outrem e nessas histórias ele precisa não só usar os locativos para situar o lugar onde o fato ocorreu, mas também especificar que lugar é esse. Porém, o locativo sozinho parece não dar conta dessa necessidade, então logo depois a ele o falante usa outra referência de lugar. No relato de opinião, como já apontado, trata-se na maioria das vezes da opinião do informante sobre determinado lugar e a mesma necessidade das narrativas deve se apresentar, não com tanta

recorrência, como pudemos atestar.

Destacamos também que, na cidade de Niterói houve apenas uma ocorrência no texto escrito dos quatro usos do *ali* em narrativa de experiência pessoal. No Rio de Janeiro, dos oito usos em narrativa de experiência pessoal, um é na modalidade escrita; dos vinte e dois usos na narrativa recontada, três são na escrita; dos seis na descrição de lugar, dois são na escrita; dos quatro no relato de opinião, um é na escrita e no relato de procedimento que tem uma ocorrência, ela se dá na escrita também. De antemão pode-se afirmar que o uso catafórico é o que mais tem produtividade na modalidade escrita, totalizando oito ocorrências.

4.1.3 Advérbio Anafórico

Ao analisar os dados, podemos perceber que esses locativos possuem também um padrão como advérbio anafórico, ou seja, eles recuperam uma informação anterior para fornecer maior coesão ao texto. Muitas vezes, durante o levantamento dos dados, vimos casos em que uma palavra com referência de lugar era apresentada no início da entrevista, e o entrevistado ia citando depois os locativos para retomar essa referência, havendo então uma correferenciação. Observe:

(24) **O Pico da Caledônia** é um lugar onde me sinto bem e gostaria de estar sempre. No entanto ele fica distante e não de fácil acesso. Ele fica na minha cidade origem, Nova Friburgo, a 2083m de altitude. Para chegar lá tem que se passar por uma estrada, depois subir um morro íngreme que leva mais ou menos uma hora e por último mais 600 degraus. Em compensação, **a chegada lá** é indescritível: lindíssimo, paisagem perfeita, maior astral são palavras pequenas para aquele lugar tão sublime. (Rafaela – 24 anos – RJ – DL escrito)

(25) Gostaria também que pintassem **a escola**, consertassem as carteiras e que o salário dos professores fosse aumentado para que eles trabalhassem com mais vontade. **Os professores daqui** são muito bons, muito dedicados, merecem um salário melhor. (Paula Fernanda – 15 anos – RJ – RO escrito)

(26) **o banheiro...** por exemplo... ah... **aquilo dali** acho que nem pode ser chamado de banheiro... (Mariana – 15 anos – Niterói – RO oral)

(27) aí eu cheguei em **casa...** tá... aí eu passei assim pela janela... estava **todo mundo lá** chorando e a casa cheia... (Viviane – 15 anos – RJ – NEP oral)

(28) o/ quem me contou... foi o... Fábio Miguel... lá na **minha sala de aula...** ele::...

noutro dia estava contando **a história ali**... que... tinha um dinheiro pra botar lá na/ no banco do pai dele... (Fábio Luiz – 13 anos – RJ – NR oral)

(29) eu não gosto assim... de ir a **um restaurante** e me esconder...então eles escolheram assim... **um cantinho lá**::... e eu estava querendo sentar já numa mesa... estava tudo bonito... com flores... com garfos... (Eliane – 35 anos – Niterói – NEP oral)

(30) aí fiquei mais calmo... porque eu vi que tinha uma... **estradinha de terra**... que meu irmão podia encostar **o carro lá**... (Alex – 29 anos- Niterói - NEP)

Como advérbio anafórico, atestamos que a ambiguidade causada pela posição do locativo pós SN na frase é limitada ao fato de ser pré ou pós-verbal, não importando o tipo de verbo da cláusula em que se acha articulada. Em (24), (25) e (26), percebemos que a posição do locativo pós SN é anterior ao verbo, não acarretando assim, uma possível ambiguidade no sentido da frase. Em (24), a informante diz: “**a chegada lá** é indescritível”, uma leitura com o locativo pós verbal não é possível: “A chegada é lá indescritível”, o que também acontece com os outros exemplos encontrados nessa mesma posição. Portanto, o locativo nesses casos não poderia ser um argumento do verbo, e seu lugar é justamente após o SN.

Já nos exemplos posteriores, encontramos a posição do SN + locativo depois do verbo, e nesses casos haveria uma possível ambiguidade, podendo ser o locativo um argumento do verbo, como podemos observar em (28): “estava contando **a história ali**...”, em que a informante poderia ter dito “estava contando ali a história”. Em contextos como esse, a função argumental ou a adjuntiva dos pronomes locativos tende a se manifestar.

Como vimos nas estruturas acima, o locativo final refere-se anaforicamente ao SN mencionado no trecho inicial do aluno (em negrito). A distância entre os dois constituintes – o SN no trecho inicial e o pronome locativo, aliado ao fato de este pronome escopar outro SN, o imediatamente anterior, sucedendo-o, cria condições para que configurações como essa, sejam reanalisadas como uma unidade pré-fabricada - UPF (Erman e Warren, 2000), isto é, um todo de sentido e de forma, uma construção mais fixa de tipo *lexical*, segundo os autores aludidos. Em (24) percebemos que há um distanciamento maior entre o locativo *lá* em função anafórica após o SN “a chegada”, e o SN que ele recupera “O Pico da Caledônia”, citado no início da descrição de lugar. É uma distância estrutural de 67 palavras, o que não acontece nos outros exemplos, em que a distância não passa de 25 palavras.

Segundo o subprincípio icônico da proximidade ou integração, os conceitos que estão mais integrados conceptual, funcional ou cognitivamente também se apresentam com maior integração morfossintática. Portanto, essa distância entre o referente e o advérbio anafórico

que o recupera permite-nos desvinculá-los mentalmente, perdendo assim, a relação fórica existente e contribuindo para a reanálise do locativo em questão como clítico, em uma construção mais fixa.

Registramos também casos em que o locativo faz remissão a tudo ou a quase tudo que havia sido dito, como se fosse uma forma de resumir a sua fala, com a marcação do término do texto. Observemos:

(31) eu acho isso uma grande besteira... entendeu? essa coisa de.../ **eu acho que a vida sexual das pessoas pertence a elas... entendeu? acho que os Estados Unidos é um país muito hipócrita... sabe? e:: eu acho que::... acho que se ele está governando o país bem... entendeu? não interessa o que faz com o Terceiro Mundo... mas se ele está governando bem os Estados Unidos... o povo americano... eu acho que não é porque ele é homossexual... ou ele:: ou ele... trai a mulher... isso aí é uma coisa irrelevante pra mim... entendeu? (Eliane – 35 anos – Niterói – R.O.)**

(32) através dessas pessoas que têm autoridade... delas que teriam que vir a:./ o problema... né? **a resolução do problema...** né? através deles que deveriam vir isso aí... não... das pessoas... né? (Roney – 19 anos – RJ – R.O.)

Quanto mais se acentua o mecanismo anafórico, na retomada de fatias mais extensas de texto, como em (31) e (32); e no distanciamento do locativo do verbo que deveria escopar, como em (24), maior o grau de abstratização do locativo, acentuando-se sua polissemia. Deve-se destacar que, nestes dois exemplos acima, como em outros disponíveis nos anexos, não apenas o locativo *aí*, mas também o pronome *isso*, constituindo a construção *isso aí*, retomam uma parte do texto. Inclusive, como podemos notar nas tabelas 7 e 8 abaixo – que contabiliza todos os usos dos quatro locativos como advérbio anafórico nos cinco textos – dos quatro usos de *aí* em Niterói, todos são desta construção *isso aí* e dos 19 no Rio de Janeiro, 17 são com esta mesma construção. Tal observação pode ser atestada nos anexos.

	NEP	NR	DL	RO	RP	Total
LÁ	5	-	4	5	-	14
AQUI	-	-	1	-	-	1
AÍ	1	-	-	3	-	4
ALI	4	-	5	2	-	11
Total	10	0	10	10	0	30

Tabela 7: Representação quantitativa dos locativos *lá*, *aqui*, *aí* e *ali* pós SN no uso anafórico nos cinco tipos de texto produzidos na cidade de Niterói

	NEP	NR	DL	RO	RP	Total
LÁ	12	12	38	3	1	66
AQUI	-	1	-	2	-	3
AÍ	3	5	-	9	2	19
ALI	3	1	3	1	2	10
Total	18	19	41	15	5	98

Tabela 8: Representação quantitativa dos locativos *lá*, *aqui*, *aí* e *ali* pós SN no uso anafórico nos cinco tipos de texto produzidos na cidade do Rio de Janeiro

Como advérbio anafórico, o locativo que tem maior expressão é o *lá*. Conforme podemos perceber, em Niterói há quase o mesmo número de ocorrências de *lá* anafórico entre a narrativa de experiência pessoal, a descrição de lugar e o relato de opinião. À primeira vista pode-se ter a impressão de que há poucos dados em Niterói de um uso tão recorrente na fala e na escrita, em contraposição aos dados do Rio de Janeiro, mas cabe lembrar que em Niterói há menos informantes, por isso torna-se mais evidente tal diferença.

Ademais, deve-se ressaltar que entre o uso anafórico e o clítico, o próximo a ser analisado, há muita ambiguidade. Para nós tal fato é evidente, pois entendemos que a anáfora é o uso mais propiciador à reanálise como clítico, já que é um apontamento não no espaço como o dêitico, mas no texto. E como vimos, a distância entre o locativo e a referência a que ele retoma como anafórico, unido ao fato de esse advérbio escopar um SN antecedente são fatores que contribuem muito para tal reanálise. Então, por termos apontado os dados em que realmente só percebemos o uso anafórico, não há muita ocorrência dele nessa cidade.

No Rio de Janeiro, o locativo com maior recorrência no uso anafórico também é o *lá*, principalmente em descrições de lugar. Acreditamos que tal fato ocorra porque ao fazer descrições como essa, o informante inicialmente aponta o lugar que vai descrever e posteriormente ele vai o retomando fazendo uso do locativo, principalmente do *lá*, como vimos.

Em relação às modalidades oral e escrita, em Niterói não houve nenhuma ocorrência na escrita e no Rio de Janeiro houve duas em narrativa de experiência pessoal, sendo uma com o *lá* e a outra com o *ali*; e uma em narrativa recontada com o *lá*; dos trinta e oito usos da descrição de lugar, três são em modalidade escrita e dos dois em relato de opinião, um é nessa modalidade também. Totalizamos então, sete usos na escrita.

4.1.4 Clítico

Os locativos em função clítica, encontram-se fortemente vinculados ao SN que os antecede, na formação de uma UPF. Esses termos estão mais esvaziados de sentido espacial e se unem a outros termos, como formas dependentes, num construto unitário de sentido e forma. Segundo Paiva (2003, p. 133) “essa indissociabilidade é caracterizada pela ausência de pausa entre eles e pela não ruptura de adjacência através da inserção de um outro elemento.”

No uso clítico, não se pode recuperar efetivamente o papel dêitico ou fórico dos locativos, que parecem atuar de modo mais evidente na especificação do SN. Tal uso é comum no nosso dia-a-dia, mas eles já não fazem referência a um lugar. Observe:

(33) **um surfista lá** ajudou a Patrícia a sair da água... (Regina – 23 anos – RJ – NR oral)

(34) esses moleques mata... sabe? tudo mafioso... sabe? aí falaram... falaram... que iam matar ele... não sei o quê... () até ficaram de aparecer hoje aqui no colégio... **os cara lá** que ele brigou... (Roberto – 15 anos – RJ – NR oral)

(35) **uma mulher lá**... eh... que a filha dela... né? Pegou... uma catapora lá... na escola... né? (Juliana – 7 anos – RJ – N.R oral)

(36) eu estava lá dentro... lá... lá... lá no quintal assim de casa e... aí fingindo que minhas filhas foram... foram no portão... mas só que meu portão de verdade... mas só... que aconteceu lá... **uma menina lá**... um/ ela estava correndo... ela subiu assim correndo... pra cima assim/ (Suellen – 8 anos – RJ – NR oral)

(37) o... o... **o diretor lá**... ele deixou... e fomos... subimos... fomos apresentar...(Pablo – 17 anos – Niterói – NEP oral)

(38) até **essas menininha aí** que... que... que não gosta de falar com... com menino... (Flávio – 10 anos – Niterói – R.O. oral)

(39) **noutro dia ali**... né? eu estava ali na rua... com a bicicleta da minha irmã... né? (Fábio Luiz – 13 anos – RJ – NEP oral)

(40) eu acho ruim... tanto faz pra mim quanto pros outros alunos... né? que a gente

depende mais do estudo... mas com **essa greve aí** não dá pra gente estudar muito... né?
(Rosilda – 22 anos – RJ - RO oral)

(41) a receita de panqueca é mais ou menos parecida... só não leva fermento e você vai **na frigideira ali**... aí você pode rechear também de mil maneiras... (Regina – 23 anos – RJ – RP oral)

(42) eu sei... eu sei fazer um ((riso)) **uma comida aqui**... que... quando eu faço até que... (Fábio – 18 anos – RJ – RP oral)

(43) aí me apresentaram um garoto chamado Rogério... aí rolou **o clima lá**... né? aí passou... /quer dizer... a minha parte com o Rogério... não com o Geovane e com a minha irmã...” (Mariana – 15 anos – Niterói – NEP oral)

(44) aí quando você for ver... acordar... você está que nem **o Brasil aí**... (Jorge Luís – 26 anos – RJ – RO oral)

(45) acabou o financiamento... acabou tudo... tipo... dinheiro... né? Estava difícil... e ele passou uma... **uma crise danada aí**...(Regina – 23 anos – RJ – R.O. oral)

(46) “Mônica... ai desculpa... desculpa... eu achei que era a minha ex-mulher... assim... eu já ia te dar a maior bronca... que ela vive correndo atrás de mim atrás de dinheiro...” e tal ((risos)) “e eu... pra pagar **umas coisas aí**... cara... (Mônica – 23 anos – RJ – NEP oral)

(47) o motorista pegou e foi embora... deixou ela sozinha... e ela com a maior vergonha e todo mundo rindo da cara dela lá no meio da rua e ela sem graça ((riso)) aí foi isso... sabe? ela teve que/ ela depois teve que pegar **o ônibus lá**::/ teve que andar pra caramba pra pegar outro ônibus porque dali todo mundo já ia encarnar nela... (Flávia – 19 anos – RJ – NR oral)

(48) apareceu um::... um... negócio nas costas dele que ele não sabia o que que era... aí ele foi ao médico... aí o médico olhou e falou que era **uma doença lá**... alguma coisa que ele ia ter que o/ eh... fazer uma cirurgia... (Érica – 24 anos – RJ - NR oral)

(49) quando eu estou triste também eu ligo... boto música **no último volume lá** de rock... (Nilson – 14 anos – RJ – DL oral)

(50) é pra limpar cozinha... e comprar os livros... porque a diretora disse que ela teve que comprar eu acho que **uns cinco livros aí**... porque ninguém estava pagando caixa escolar... (Ana Caroline – 11 anos – RJ – RO oral)

(51) ““oh... então gente... eu acho que... tem que levar... num centro... pra... ver... fazer qualquer coisa... porque se... está... atrapalhando mesmo... tem que fazer alguma coisa...” ” aí elas foram **num centro lá**... e... fizeram **um negócio lá** que eu acho que

era o tio dela... era uma pessoa... não sei quem é que estava... que morreu... que estava perseguindo ela... assim... né? aí... ela... fez... **uma... reza lá...** e... sumiu... mas ela ainda ficou assustada... (Angela – 12 anos – RJ – NR oral)

(52) começamos a (anotar) ((riso de E)) começamos a (anotar)... se quiser eu passo o vídeo... aí tinha que mostrar pro... pro... **pro diretor lá** que estava organizando a... a... peça... né? (Pablo – 17 anos – Niterói – NEP oral)

(53) tinha também um:: **um troço lá...** que a gente subia... ele pulava... né? um:: uma/não sei se ele pulava ou andava [ahn] é um troço assim:: (Luiz Eduardo – 7 anos – Niterói – DL oral)

Nos casos apontados acima percebemos que os locativos em questão se encontram numa função clítica, pospostos ao SN, integrando-o, atuando na sua modificação, na formação de *unidades pré-fabricadas* (Erman e Warren, 2000) ou *construções*, de acordo com os trabalhos de Fillmore (1985), de Fillmore, Kay & O'Connor (1988), o de Kay & Fillmore (1999) e o de Goldberg (1995); pois, como exposto, não há possibilidade de pausa entre eles, inserção de um outro elemento, nem mesmo troca posicional entre os elementos da construção. Por exemplo em (49) “[...] eu acho que **uns cinco livros aí...**[...]” seria estranho aos usuários da língua se usassem: “eu acho que uns aí cinco livros” ou “eu acho que uns cinco aí livros”.

Analisando todos os exemplos acima, percebemos do fragmento (33) ao (40), que a referida construção se encontra anterior ao verbo, e do (41) ao (53) posterior. Em todos os casos, ou seja, nas duas posições, constatamos que ocorre a ambiguidade no sentido das frases, independentemente se o verbo tem ou não a semântica de espaço. Por exemplo, em (33): “**um surfista lá** ajudou a Patrícia a sair da água.”, a falante poderia ter dito: “um surfista ajudou lá a Patrícia a sair da água” (locativo + SN estavam antes do verbo). E em (42): “aí me apresentaram um garoto chamado Rogério... aí rolou **o clima lá...** né?”, a falante também poderia ter falado: “aí me apresentaram um garoto chamado Rogério... aí rolou lá o clima... né?” (locativo + SN estavam depois do verbo). Em face disso, poderíamos duvidar se o locativo é um argumento do verbo ou se deve permanecer justamente onde se encontra: pós SN.

Porém, o que percebemos é que os advérbios como clíticos não apresentam uma referência de lugar tão nítida como vimos nos usos anteriores, menos nítida um pouco nos advérbios catafóricos e anafóricos. Parece-nos que por tal motivo, esses advérbios podem aparecer tanto pós SV quanto pós SN que vai haver ambiguidade, como vimos. Entretanto, se

colocarmos o locativo na posição pós verbal e não pós SN, ele fica com um resquício maior de advérbio de lugar do que se estiver pós SN, em que assume uma semântica distinta. Ou seja: locativos em posições diferentes – pós SN ou pós SV – frases com sentidos diferentes.

A posição pós SN não é percebida e registrada pelas gramáticas tradicionais e a pós SV sim. Porém esse novo uso, como clítico, é bastante reconhecido e utilizado pela comunidade linguística, como podemos perceber nos *corpora* pesquisados e apontados. Acreditamos que o padrão clítico dentro de uma construção SN + loc atende às necessidades dos falantes quando pretendem exprimir com ela uma ideia distinta do sentido composicional de cada palavra, tornando-se assim, frequente na fala cotidiana e atualmente se fixou, nos parecendo uma unidade pré-fabricada, ou seja, um todo de sentido e forma. Afirmamos isso, já que, como vimos, a possibilidade de inserção entre os elementos da construção transformaria a frase em uma enunciação sem sentido, e a troca posicional do locativo só seria possível entre uma posição pós SN ou pós verbal, o que também alteraria o sentido da frase. Qualquer troca posicional dentro da construção tornaria a enunciação sem sentido para os falantes.

Merece menção a observação de que a possível ambiguidade ocorrida nos quatro usos mediante alguns critérios não deve ser encarada como um problema aos resultados da nossa pesquisa e sim, constitutiva dela, pois, após uma detalhada análise, percebemos que ao pronunciarem frases como “fico aqui entre a rede e essa cadeira.”, colocando o locativo pós SV (posição reconhecida pelas gramáticas), os falantes passaram a produzir “fico entre a rede e **essa cadeira aqui**.”, como vimos em (03), buscando focar o SN “cadeira” e não o verbo “fico”. A ambiguidade entre esses dois tipos de produção foi favorecedora do surgimento da nova produção, com o locativo pós SN em usos dêiticos, fóricos e clíticos. E é também a possível ambiguidade causada entre um uso primeiro e um subsequente que faz esse último surgir, e este, por sua vez, vai ter um uso ambíguo a um próximo e assim por diante. Podemos assim, dizer que dessa forma o uso clítico se fixou.

Esta afirmação encontra respaldo na proposta de Hopper (1991), de que a gramaticalização de um elemento linguístico envolve a existência de diferentes camadas que podem coexistir num mesmo momento e que, por serem derivadas umas das outras, mantêm traços que persistem das camadas primeiras.

Assim, nos fragmentos acima, observamos que os locativos em questão se encontram afastados do constituinte verbal e pospostos ao SN, escopando-o, concorrendo para atribuir alguma especificação à construção. Porém, a acentuada derivação semântico-sintática não anula totalmente a sua referência locativa original. Tal situação configura o caráter polissêmico do pronome, em termos de metáfora, e evidencia o papel do contexto linguístico,

no âmbito da metonímia, como motivador da derivação de sentido *espaço* > *texto* observada.

Segundo Furtado da Cunha, Oliveira e Martelotta (2003 apud Oliveira, p. 6), este seria um estágio avançado da polissemia desses locativos, pois, conforme prevê o processo de gramaticalização, eles migraram para outra classe: a dos clíticos, em que seu escopo é uma categoria nominal com a qual forma um todo fonológico, e que não permite a intercalação de material linguístico.

Cumpram-se então a trajetória *advérbio* > *clítico* ou ainda *sintaxe* > *morfologia*. Essa trajetória seria resultante de pressões metonímicas, relativas ao contexto de ordenação dos pronomes aludidos e sua consequente reanálise como parte constitutiva do SN antecedente; e também de pressões metafóricas, referentes ao grau de abstratização do sentido locativo desses elementos em tais contextos. Essa ideia de uma relação intrínseca entre sintaxe e semântica, entre ambiente estrutural e derivação de sentido, encontra-se respaldada em Traugott e Dasher (2005), para quem metonímia e metáfora são entendidas como dimensões de um mesmo processo. Conforme os mesmos autores, a metaforização é resultante ou efeito da mudança metonímica.

O uso clítico configura gramaticalização já que, ao migrar para essa classe, os traços da classe adverbial esvaem-se em função do ganho de marcas da forma dependente especificadora. Do nível sintático parte-se para o nível morfológico, numa etapa mais avançada do ciclo funcional. A relativa mobilidade sintática diminui ou mesmo finda, devido à natureza mais rígida das relações morfológicas.

A polissemia e gramaticalização dos advérbios locativos também se devem a fatores como a frequência de uso, segundo a qual, itens mais recorrentes tendem a um certo *desgaste* ou *perda de valor informacional* (Dahl, 2001). Porém essa perda de expressão referencial é compensada por ganho de conteúdo gramatical, ou seja, os locativos *aí*, *lá*, *aqui* e *ali*, muito corriqueiros na nossa língua, se tornam desgastados e passam a assumir função mais gramatical, migrando para a classe dos clíticos. Segundo Batoréo (2000), as relações gramaticais têm, no fundo, natureza locativa.

De acordo com Martelotta (1994), esse uso gramaticalizado como clítico é caracterizado por uma perda da noção dêitica de espaço em relação ao falante. Com isso, dentro de um contexto *metonímico*, ou seja, de um contexto de uso, em que os locativos descritos sofrem inferências pelos usuários da língua durante a interação verbal e essas inferências se tornam corriqueiras ocorre a *metáfora*, envolvendo abstratização do sentido dos locativos, em que significados de domínios lexicais ou menos gramaticais, como os usos dêiticos, catafóricos e anafóricos, sejam estendidos metaforicamente para serem usados com

conceitos de domínios gramaticais ou mais gramaticais, como clíticos, passando a expressar, por exemplo, um distanciamento subjetivo do falante em relação ao que ele transmite. Assim, a gramaticalização não ocorre com uma palavra e sim com a construção, com o contexto num todo. Com a atuação desses processos, verifica-se que o significado novo, o clítico, é de natureza mais abstrata do que o mais antigo, o dêitico, que é de natureza mais concreta.

Ao se colocar o locativo após o SN, num tipo de configuração sintática fora do uso prototípico adverbial, de tendência pós-verbal, estabelecem-se condições que conduzem a reanálise desse constituinte como forma dependente e mesmo integrante do SN, compondo com este um todo de sentido e forma. Segundo Braga e Paiva (2003), essa mudança linguística altera a localização das fronteiras dos constituintes e a sua referência. Nesse contexto, os locativos passam a compor um SN, codificando informação recuperável, numa trajetória como a apontada por nós a seguir:

- (i) eh... uma coisa triste... mas que quando eu tinha três anos... eu caí... aí tá até **a cicatriz aqui...** – advérbio dêitico / noção de lugar
- (ii) se você vier até **o Arnaldo Eugênio ali** no campo mundial... – advérbio catafórico / noção de lugar na referência ao lado
- (iii) aí eu cheguei em casa... a... aí eu passei assim pela janela... estava **todo mundo lá** chorando e a casa cheia... – advérbio anafórico / elemento coesivo retomando a ideia de lugar anterior
- (iv) **uma mulher lá...** eh... que a filha dela... né? pegou... uma catapora lá... na escola... né? – clítico / esvaído da ideia de lugar – *construção* fixa e cristalizada na língua

Percebemos que há um contínuo ou uma cadeia de conceitos minimamente diferenciados. Por exemplo, em (i), como dêitico, a noção de lugar é claramente percebida; em (ii) já se acentua a função textual catafórica do locativo, porém ainda há alguma ideia de lugar conferida pelo SPrep posposto, ao qual o locativo se une; em (iii), como advérbio anafórico, o papel textual prevalece; em (iv), como clítico, a noção espacial encontra-se mais abstratizada, o locativo junto ao SN formam uma *construção*.

Vemos então, que a metáfora é a consequência do contexto metonímico, pois não há metáfora que resista se não houver contexto favorecedor. O que acontece com um item, ocorre por conta do contexto em que é usado.

Na *reanálise*, que ocorre posteriormente, os usuários da língua interpretam as ambiguidades dessas construções de diferentes formas, criando novas relações entre as

palavras. E por fim, há a *analogia*, quando esses locativos são ampliados para um número maior de contextos de uso.

De acordo com a proposta de Heine, como vimos na fundamentação teórica, há uma escala de unidirecionalidade: pessoa > objeto > atividade > espaço > tempo > qualidade, em que o autor parte do *corpo* humano como fonte de todo o processo metafórico e palavras referentes a noções espaciais passam a expressar noções temporais ou qualidade, esta última entendida nessa pesquisa como uma relação mais abstrata, textual. Porém, poderia haver também uma interpretação de que da noção de espaço derivaria um uso próprio de adjetivo, e assim, o clítico em estudo estaria desempenhando uma função próxima a de um adjetivo, já que parte de um uso dêitico espacial para um uso em que atua como uma forma dependente de um nome, escopando-o. Porém, não percebemos nele essa função adjetiva, pois o que há nesse caso é mais morfologização do que sintaticização, o elemento não se flexiona nem muda a sua posição tal qual o adjetivo.

Podemos também perceber em todos os quatro usos dos locativos pós SN uma grande aproximação dos subprincípios icônicos da proximidade e da ordenação linear. Tal fato se torna evidente quando percebemos que, se os falantes colocam os locativos sintaticamente próximos aos SNs, é porque mentalmente eles se encontram próximos, já que o grau de liberdade relativa na sintaxe é indício do grau de integração entre os componentes cognitivos desses constituintes sintáticos; sendo também essa ordem em que aparecem algo motivado cognitiva e sintaticamente. De outra parte, em termos de ordenação linear, a colocação pós SN faz com que os locativos passem a escopar este constituinte nominal, numa função distante e distinta da prototípica adverbial.

Na interpretação semântica desse locativo situado pós SN, adotamos o parâmetro da *granulidade* (Batóreo, 2000). Esse termo, advindo da Inteligência Artificial, permite-nos dar conta de um interessante aspecto da referência dos locativos, uma vez que distingue dois grandes subsistemas de regiões-de-vizinhança dos conjuntos: vasta e fina/estreita. Dessa forma, no português contemporâneo brasileiro, da granulidade vasta é utilizado com maior regularidade o pronome *lá*, que possui a marca da imprecisão e da indefinição situacional. Portanto, a polissemia desse locativo em expressões como “o cara *lá*” pode ser compreendida por conta de sua vasta granulidade. De outro lado, *aqui*, *ali* e *aí* participam do subsistema de granulidade fina ou estreita, pois com esses locativos a referência de lugar ocorre com maior pontualidade e precisão.

Acreditamos também que a função clítica assumida pelos pronomes referidos é resultante, por outro lado, de estratégias de subjetificação e intersubjetificação, no âmbito da

invited reference (Traugott e Dasher, 2005, p. 44). Em outras palavras, é desencadeada por sentidos produzidos a partir de combinações semânticas no contexto discursivo. Através da subjetificação, os locutores marcam suas produções linguísticas com termos de sentido mais comunicativo ou textual. Nessa marcação atuam crenças, atitudes, mecanismos de persuasão, de evidencialidade, de modalização, entre outros. Assim, entendemos que a função clítica assumida por *aí*, *ali*, *aqui* e *lá* tem a ver também com esse tipo de efeito primariamente retórico, que, uma vez assumido pela comunidade linguística, regulariza-se nas produções em geral, passando a constituir novo padrão gramatical.

Ao articular o pronome *lá* após SN, o usuário aponta, além de um distanciamento em relação ao que está sendo falado por ele, também seu desinteresse ou pouca importância acerca do referente mencionado, tornando-se então, algo indefinido para o ouvinte, que ele também não poderá precisar com exatidão. Por outro lado, o uso de *aqui* concorre, contrastivamente, para a proximidade do SN referido, como se o usuário tivesse mais adesão ao comentário que desenvolve. Retomemos dois dos exemplos para a exemplificação do contraste referido:

(51) ‘oh... então gente... eu acho que... tem que levar... num centro... pra... ver... fazer qualquer coisa... porque se... está... atrapalhando mesmo... tem que fazer alguma coisa...’ ” *aí* elas foram **num centro lá**... e... fizeram **um negócio lá** que eu acho que era o tio dela... era uma pessoa... não sei quem é que estava... que morreu... que estava perseguindo ela... assim... né? *aí*... ela... fez... **uma... reza lá**... e... sumiu... mas ela ainda ficou assustada... (Angela – 12 anos – RJ – NR oral)

(42) eu sei... eu sei fazer um ((riso)) **uma comida aqui**... que... quando eu faço até que... (Fábio – 18 anos – RJ – RP oral)

Em (51), a aluna Angela relata um episódio; ela está concentrada efetivamente na narrativa, nos acontecimentos, assim, menciona de modo vago certos referentes que não conhece e que, por outro lado, não necessitam de maior recorte ou precisão – *um centro lá*, *um negócio lá* e *uma reza lá*. Trata-se de sintagmas que atuam na marcação da pouca adesão ou comprometimento com essas informações, que são na verdade periféricas em relação ao evento maior narrado. Ela menciona *um centro qualquer*, *um negócio qualquer*, *uma reza qualquer*.

Já em (42) o aluno Fábio começa seu relato sobre uma comida que sabe fazer. Na primeira articulação dessa referência, usa *uma comida aqui*. Nesse contexto, o locativo não somente concorre para a especificação, mas também se torna estratégia de subjetificação pela

proximidade, de relevância do espaço da primeira pessoa propiciado pelo *aqui*; assim, *uma comida aqui* não é qualquer ou irrelevante comida, mas sim aquela que eu sei fazer, que agrada aos demais, aquela pela qual o usuário se faz, inclusive, conhecer.

Além dessa denotação, podemos perceber que tanto o *aqui* quanto o *ali* dentro dessa construção SN + loc, colaboram para a ativação das nossas ideias, para o imaginário, como se estivéssemos lidando com um espaço virtual. Retomemos este outro exemplo:

(41) aí dá pra fazer... a receita de panqueca é mais ou menos parecida... só não leva fermento e você vai **na frigideira ali**... aí você pode rechear também de mil maneiras... (Regina – 23 anos – RJ – RP oral)

Neste exemplo, vemos que a frigideira referida não se encontra no mesmo espaço do falante e do ouvinte, porém é tratada como se estivesse um pouco distante, mas no mesmo ambiente. Parece-nos que ao usar essa construção, o falante convida o ouvinte a penetrar na sua imaginação e entender a cena, de acordo com a conceituação de Fillmore (1975), já mencionada na nossa fundamentação teórica. Ambos então, imaginam como ocorre, levando em consideração o conhecimento de mundo compartilhado entre eles.

Vejamos mais este exemplo em que o mesmo ocorre:

(54) quando é noite de lua cheia então fica uma lua cheia crescendo bonita e: também por ser beirada de praia gostoso.. entendeu? então **essa varanda ali**.. é muito bom ficar ali... (Marcelo – 19 anos – Niterói – DL oral)

Segundo Bühler (1934), conforme exposto na seção 4.1 dessa pesquisa, trata-se de um dêitico indireto ou *imaginário*, com a mostração realizada sem a presença do ser mostrado. Na dêixis imaginária então, a imagem é transposta da realidade para a ficção e evocada mentalmente pelo recurso à memória a longo termo.

Em todos os usos clíticos com o *ali* nos nossos dados percebemos essa denotação. Já com o *aqui*, além da apontada no exemplo (42), como vimos, há essa também:

(55) pega... umas quatro varetas... uma tem que ser... uma tem que ser grande... que é a do meio... que é... que é assim... e duas que é... média... que tem que botar uma/ a média assim... as duas média assim... aí pega uma linha... e amarra... **nessa ponta daqui**... e vai avoltando assim... aí depois você pega um papel fino... aí recorta... deixa no modelo da pipa... mas deixa um... **um espaço aqui**...(Ivan Claudio -11 anos – RJ – RP oral)

Porém nesse exemplo como nos outros dos nossos dados em que o *aqui* tem esse uso,

não sabemos precisar se é um uso dítico ou um uso dêitico, pois, nesse fragmento, por exemplo, o informante se encontra na biblioteca da escola e está ensinando como se faz uma pipa. Não acreditamos que ele esteja com esse objeto na mão por estar onde está, mas não é algo impossível. Portanto o classificamos como um caso híbrido.

Quanto ao clítico *aí* na construção, através dos nossos dados, podemos percebê-lo com uma ideia de indefinição, usado quando a relevância do SN ao qual se liga é menosprezada, sendo preferível não perder muito tempo falando sobre ele. Retomemos mais esses dois exemplos:

(38) até **essas menininha aí** que... que... que não gosta de falar com... com menino...

(Flávio – 10 anos – Niterói – R.O. oral)

(46) “Mônica... ai desculpa... desculpa... eu achei que era a minha ex-mulher... assim... eu já ia te dar a maior bronca... que ela vive correndo atrás de mim atrás de dinheiro...”

e tal ((risos)) “e eu... pra pagar **umas coisas aí**... cara... (Mônica – 23 anos – RJ – NEP oral)

Em (38) o informante despreza “essas menininha” e em (46) tal desprezo é em relação às coisas que se tem para pagar. Para os falantes, ambos os referentes não merecem muita importância e destaque na conversação.

Para finalizar essa seção, destacamos que ao contrário do que se observou no levantamento dos dados do *Corpus D&G* com os outros usos, este último se concentrou de forma excepcional na modalidade oral e em tipologia textual variada. Isto pode ser um indício de sua trajetória mais recente na língua, não tendo atingido ainda de forma notável, pelo menos no material em análise, a modalidade escrita. Por outro lado, trata-se de um uso frequente, o que aponta a produtividade da função clítica.

Como forma de constatação da recorrência dos quatros locativos em padrão funcional clítico nos cinco tipos de textos produzidos pelos informantes dos nossos dados, passamos então para as tabelas 9 – cidade de Niterói – e 10 – cidade do Rio de Janeiro.

	NEP	NR	DL	RO	RP	Total
LÁ	3	1	2	1	1	8
AQUI	-	-	-	-	-	0
AÍ	-	-	-	1	-	1
ALI	-	-	2	-	-	2
Total	3	1	4	2	1	11

Tabela 9: Representação quantitativa dos locativos *lá*, *aqui*, *aí* e *ali* pós SN no uso clítico nos cinco tipos de texto produzidos na cidade de Niterói

	NEP	NR	DL	RO	RP	Total
LÁ	5	23	1	-	3	32
AQUI	-	-	-	-	1	1
AÍ	3	-	-	4	2	9
ALI	3	1	-	-	1	5
Total	11	24	1	4	7	47

Tabela 10: Representação quantitativa dos locativos *lá*, *aqui*, *aí* e *ali* pós SN no uso clítico nos cinco tipos de texto produzidos na cidade do Rio de Janeiro

Nas duas cidades o locativo com maior recorrência como clítico é o *lá*, como esperado depois de analisar esse padrão funcional. Porém na cidade de Niterói, por termos poucos informantes e alguns casos híbridos, não conseguimos eleger um tipo textual que se destaque entre os outros.

Já no Rio de Janeiro, por termos um número maior de informantes, conseguimos perceber que a maior ocorrência do clítico *lá* se dá em narrativas recontadas, o que era de se esperar, visto que, quando narramos uma história vivida por outra pessoa, muitas vezes não sabemos todos os detalhes ou se sabemos, não temos muito interesse em relação a eles, já que não se trata de uma história nossa. Dessa forma, vamos contando do nosso jeito ou até mesmo, de qualquer jeito. Assim sendo, a narrativa recontada permite que se faça uso dos clíticos, principalmente do *lá* como vimos, pois tanto o tipo de texto quanto esse locativo carregam um sentido de indefinição, imprecisão, impontualidade.

É importante destacar que no uso clítico não há nenhuma ocorrência na modalidade escrita, apenas na falada. Tal fato nos mostra que estamos realmente diante de um uso novo na língua, em gramaticalização. Usos como esse ainda não foram convencionalizados e por isso, nem mencionados em gramáticas da língua, se é que tem a pretensão de ser ainda um dia.

Através de uma pesquisa piloto, pode-se perceber que não só o padrão clítico, mas os quatro padrões funcionais dos locativos pós SN têm recorrência semelhante em todos os graus

de escolaridade propostos no *Corpus D & G*. É evidente que os informantes mais novos da quarta série do ensino fundamental e do CA produzem menos, mas também falam e escrevem menos do que os alunos de nível de escolaridade mais alto. Quanto à possível distinção entre informantes do sexo feminino e masculino, notamos que em média, a produção de locativos pós SN entre homens e mulheres é a mesma. Vale lembrar que alguns entrevistadores também produziram, apesar de bem pouco, usos de locativos pós SN, os quais foram igualmente contabilizados nas tabelas aludidas.

4.2 Casos Híbridos

Durante o levantamento dos dados para essa pesquisa, encontramos alguns casos que não podemos afirmar precisamente a que padrão se refere. Então reservamos esse subcapítulo para o seu devido tratamento e os classificamos *casos híbridos*.

4.2.1 Advérbio anafórico / Clítico

Conforme exposto na seção 4.1.3 sobre os advérbios anafóricos, a grande distância que pode haver entre o referente e o advérbio que o recupera permite-nos desvinculá-los mentalmente, perdendo assim, a relação fórica existente e contribuindo para a reanálise do locativo em questão como clítico, em uma construção mais fixa. São casos como esses:

(56) um amigo meu... há pouco tempo... ele... viajou pra **Cabo Frio** ((falha na gravação)) diz ele que quando ele foi pra praia... estava muito bem jogando... frescobol com o irmão... estava lá... jogando... de repente ele viu... uma garota... que ta/ que ele desconfiou que estivesse com o biquíni... do lado (do) avesso... aí... ele:: ficou meio desconfiado... né? foi/ continuou jogando o frescobol dele... depois de um tempo... a garota estava deitada... foi conferir... isso é o que ele me diz... né? para ver como é que era... e tudo... aí... viu que estava trocado mesmo... a parte da frente... era... era normal... e era aquele de lacinho... aquele biquíni de lacinho... e a parte de trás estava virada... estava aquele... forro... aquele negócio branco atrás ((riso))... entendeu? aí ele... percebeu aquilo e ficou... eh:: ele ficou olhando... e tudo... até disse que... juntou a família toda dele olhando... a irmã... a prima... não sei quem... todo mundo... olhando... e a irmã dele disse que ((riso)) ficou lá... e tudo... aí... ele:: falou “pô... vamos/” falou pro irmão dele... pra... ajudar a dar um toque na garota mas não... direto... né? aí ficou um do lado do outro... perto da garota conversando... né? conversando sobre várias

coisas... isso:: a irmã dele que me contou... essa parte... né? aí começou “eh... mas é um troço muito di/ muito chato... esse negócio de biquíni trocado... né? tem gente que usa o biquíni trocado... será que é moda... nova?” não sei o quê... (disse) que tudo quanto era mulher que estava perto ficava olhando assim pra frente... não sei o quê... aí todo mundo... todo mundo... até ela olhando pra frente assim... olhando... nada de ver atrás... e ele continuou falando “eh::... deve ser moda... deve ser moda...” não sei o quê... aí... todo mundo olhando pra frente... nada de ver nada... de repente ela percebeu que... que estava trocado/ que era com ela... ela ficou toda envergonhada... foi pra::.../ foi **prum quiosque lá**... e destrocou tudo... (colocou) direito... mas poxa... essa história... acho que ele fez isso... (Pablo – 17 anos – Niterói – NR oral)

(57) **meu quarto**... ó... ele nem... nem é::/ ele não é... grande... ele é pequeno... tem::/ mas ele é... é gostoso... que eu gosto de coisa entulhada... entendeu? ((riso)) eu acho... tipo assim... eu até disfarço... que ele é pequeno... né? o pessoal acha que é porque ele está muito cheio... então tem... tem uma cama... tem uma estante grande que eu coloco todo o material de desenho... livro... ela é toda de madeira assim que eu fiz com o meu pai... a gente... tirou um domingo assim “vamos fazer uma estante...” ((risos)) aí... resolvemos fazer a estante... aí ela é toda ajeitadinha assim... porque tem lugar pra... pra lapiseira... tem lu/ sabe? todo/ tudo certinho assim mesmo... meio... meio designer... aí... tem a prancheta que eu comprei há pouco tempo também... que ela até está sem forrar...que ela está ainda no::/ tem que colocar um plástico... alguma coisa em cima pra pro/ pra não estragar... o que mais? tem uma mesinha do lado da minha cama... que fica telefone... porta-retra/ milhões de porta-retratos... tem o re/ o último recado... telefone... tudo assim meio jogado... mas/ é bagunça mas eu entendo... né? em frente à cama tem a televisão... que fica também na frente da janela... assim::... e o que mais? que ela fica no alto... assim... até é um saco... que o meu controle... às vezes/ quebrou... e aí... à noite assim... eu durmo e aí eu ”a::i não... tenho que apagar a televisão...” aí levanto... vou lá... a... aí... desligo... é um saco... isso é um saco... até um dia eu estava falando ou con... ou conserta ou então abaixa essa televisão... né? aí o que mais? tem o armário também... de quatro... quatro portas... ele::/ a parede é toda branca... o armário é clarinho... assim... é begezinho claro... o chão também... que é aquele::/ aí... agora esqueci o nome daquele chão... é um/ é liso assim... é um piso liso... [faz/]

E: [tábua corrida?]

I: não... eh::... não é elcatex que fala... como é que é o nome daquilo? é de/ imitando tábua

corrida... tá? é tipo... é tipo/ eu não sei o nome daquilo... eh:... fala co::res... assim? tipo... a colcha é toda de... de... meio retalho... mas mais pro vinho... ela tem/ puxa mais pro vinho... a mesinha também tem uma::/ tipo um... um pano assim... e:: também é mais pro vinho... tem umas coisas verdes... assim... meio descombinando ((riso)) mas acaba que no contexto combina com a madeira... né? que é clarinho... cor de madeira... o armário e o chão... aí combina... aí:: é só assim... tem umas pastas num canto atrás da porta... tem um espelho atrás da porta... tem umas pastas destas de material de desenho... assim... grandes... aí aí **aquilo ali** é... uma bagunça... meu cantinho da bagunça... assim... onde eu vou jogando tudo... (Mônica – 23 anos – RJ – DL oral)

Nos dois exemplos há uma distância muito grande dos referentes ao advérbio anafórico, no primeiro a distância é de 209 palavras e no segundo é de 450 palavras, porém deve-se levar um pouco em consideração que há, no segundo caso, o pronome “ele” que retoma “quarto”, mas da última vez que “ele” aparece até o advérbio *ali* há uma distância de 406 palavras. Tal fato contribui para um possível hibridismo entre os usos. É um uso anafórico, porém muito próximo do clítico e talvez até seja um uso clítico, dependendo do objetivo do falante, que no nosso caso, não podemos depreender.

Também há casos em que a distância não é tão grande, mas por se aproximarem muito do uso clítico como uma construção com o SN, o hibridismo surge. Como ocorre em:

(58) eu sentei no ônibus alto lá atrás...ou melhor... no banco alto lá atrás do **ônibus**... né? perto do **trocador ali**... (Alessandra – 19 anos – Niterói – NEP oral)

Nesse exemplo, não podemos ter certeza se o falante está usando o *ali* para retomar o referente “ônibus” ou se denota um espaço imaginário, não concreto, uma referência que está no plano das ideias do falante e do ouvinte.

4.2.2 Dêitico / Clítico

Também encontramos casos em que à primeira vista parece tratar-se de uso dêitico, mas é justamente essa noção abstrata de lugar que o clítico apresenta na construção SN + loc, atribuindo um caráter de espaço mais virtual e não de um espaço concreto como é o dêitico, que nos faz entender que estamos diante de mais um caso híbrido. Como atestamos a seguir:

(59) isso me lembra de **um amigo aqui** que... trabalhava aqui com a gente... (Marcelo – 19 anos – Niterói – NR oral)

Em (59) não podemos afirmar a princípio se esse primeiro *aqui* é um dêitico, como parece ser quando continuamos a ler, na segunda declaração “trabalhava aqui com a gente” ou se inicialmente, era um amigo *aqui* que é próximo, que eu conheço muito bem, que é próximo na imaginação, e deve ser compartilhado entre os participantes da conversação.

Também há um uso, como vimos no fragmento (55) do tópico anterior, em que pode-se haver ambiguidade entre o uso dêitico e o clítico. São casos em que o objeto apontado, aparentemente pelo contexto, não se encontra presente, e segundo esse entendimento estaríamos diante de um uso clítico: o informante aponta o objeto que não está no mesmo ambiente que ele, mas convida o interlocutor a entender como se ele estivesse. É o que Bühler (1934) chama de dêitico imaginário, ou seja, uma dêixis virtual, não muito concreta, conforme vimos. Porém, como afirmado anteriormente, não podemos dizer com certeza que esse objeto, no caso uma pipa, não estava com o informante, apenas supomos por ele estar na escola. Veja novamente o fragmento:

(55) pega... umas quatro varetas... uma tem que ser... uma tem que ser grande... que é a do meio... que é... que é assim... e duas que é... média... que tem que botar uma/ a média assim... as duas média assim... aí pega uma linha... e amarra... **nessa ponta *daqui***... e vai avoiteando assim... aí depois você pega um papel fino... aí recorta... deixa no modelo da pipa... mas deixa um... **um espaço *aqui***...(Ivan Claudio -11 anos – RJ – RP oral)

Cabe destacar que o tipo de texto interfere nesse entendimento, pois nos relatos de procedimento o informante conta uma história virtual, ou melhor, ele ensina a fazer algo que, na verdade, não está fazendo naquele momento e utilizando um objeto que talvez não esteja utilizando. Porém encontramos também nas narrativas casos híbridos desse tipo, ou seja, em que não sabemos se é um uso dêitico ou clítico, porque o objeto apontado não se encontra presente no momento da fala do informante. Por exemplo:

(60) “aí ele falou assim “mentira... eu sei que **essa caixa *aí*** é da Redley...” não sei quê... aí ele viu a sacola... sabe? da Redley... aí ele falou assim “agora tu vai deixar **essa sacola *aqui***... ali **naquele banco *ali***...” (Roberto – 15 anos – RJ – NEP oral)

É claro que há uma diferença entre a dêixis imaginária desse fragmento e a do fragmento anterior, pois em (55), se for um uso clítico, a pipa nunca esteve presente, nem antes nem no momento em que o informante ensina a fazê-la. Já neste último caso, a caixa, a

sacola e o banco estavam presentes quando o fato relatado ocorreu, mas nesse momento em que está sendo contado, não se encontram mais no mesmo ambiente, e do mesmo jeito, o interlocutor terá que imaginar e construir na sua memória tudo o que está sendo transmitido. Por esse motivo, dizemos então que estamos diante de um outro caso híbrido.

Desse modo, percebemos que há uma interferência do gênero não só quando se trata de um relato de procedimento, mas também nas narrativas, em que ao narrar e introduzir o discurso direto, o emissor também atualiza o texto, trazendo para o momento do relato o fato como se estivesse acontecendo. O narrador viveu o episódio, tem memória e sentimento em relação ao ocorrido – ao recontar, ele de certa forma revive a cena e desse modo, faz uso dos mesmos objetos e locativos que utilizou no momento narrado. Ele poderia ter dito “aí ele falou que era mentira... que ele sabia que a caixa que estava ao meu lado era da Redley...”, mas assim ele gastaria muita forma sem necessidade, pois o que ele narra faz parte do conhecimento de mundo dos participantes da conversação, não é algo complexo que ele precisa perder muito tempo explicando; basta tais participantes imaginarem a cena. Essa ideia encontra respaldo no subprincípio icônico da quantidade: aquilo que é mais simples e esperado se expressa com o mecanismo morfológico e gramatical menos complexo.

Destaca-se que entendemos como uso dêitico concreto e não híbrido aquele em que o objeto apontado está presente no momento da fala do entrevistador, sendo realmente um apontamento físico, como vimos nos fragmentos dêiticos anteriores.

Vejamos esse outro caso híbrido:

(61) eu acho que ela é... bem cuidada... bem limpa... grande... agora a gente... só devemos ter/valo... valoriar ela... né? dar valor a ela... né? que ela é uma escola grande e bonita... né? né? porque tem **muita gente aí**... que rabisca o banheiro... (Marcela – 12 anos – RJ – RO oral)

Em (61) não sabemos se esse *aí* faz referência a algum lugar concreto ou não, pois pode indicar também, como vimos na seção anterior, indefinição, também usado quando a relevância do SN ao qual se liga é desprezada, sendo preferível optar por não perder muito tempo falando sobre ele.

4.2.3 Clítico / Advérbio catafórico

Encontramos também em nossos dados, casos em que inicialmente acreditamos estar diante de um padrão clítico na referida construção, pois anteriormente a ele temos um clítico,

o que nos induz a esse entendimento, mas posteriormente ao locativo, depois de uma pausa caracterizada por reticências, encontramos uma referência de lugar, nos parecendo um uso catafórico da mesma forma.

(62) uma mulher lá... eh... que a filha dela... né? pegou... **uma catapora lá... na escola...** né? aí depois passou essa capa/ essa catapora... pra irmã dela... (Juliana – 7 anos – RJ – NR oral)

4.2.4 Advérbio anafórico / Advérbio catafórico

O último caso de hibridismo encontrado ocorre em exemplos em que o locativo ao mesmo tempo que retoma uma referência anterior, posteriormente a ele há outra referência de lugar:

(63) a história que aconteceu comigo... aconteceu no... no clube Pioneiros... eh... foi no/ foi ano passado... ali no **clube Pioneiros...** fica na **Santa Rosa ali... perto da Garganta...** (Afonso – 15 anos – Niterói – NEP oral)

Casos como esses devem ser encarados como uma confirmação de que na língua as categorias não são discretas, muitas vezes não conseguimos fazer essa separação precisa do que pertence ou não àquela “classe”. E são esses casos híbridos, contextos favorecedores da reanálise para um outro uso. Possivelmente traços de aproximação entre o padrão dêitico, catafórico e anafórico possibilitaram o aparecimento do clítico, como vimos.

Cabe mencionar que o quantitativo apresentado nos padrões dêitico, catafórico, anafórico e clítico não contavam com esses casos híbridos. Portanto, faz-se necessário apresentar a tabela de tais casos, até mesmo para constatação das afirmações apresentadas nesse tópico. Lembrando que a primeira tabela refere-se a cidade de Niterói e a segunda a do Rio de Janeiro:

	NEP	NR	DL	RO	RP	Total
LÁ	1	1	1	2	-	5
AQUI	1	1	2	-	-	4
AÍ	1	-	-	-	-	1
ALI	2	-	-	-	-	2
Total	5	2	3	2	0	12

Tabela 11: Representação quantitativa dos locativos *lá*, *aqui*, *aí* e *ali* pós SN nos casos híbridos nos cinco tipos de texto produzidos na cidade de Niterói

	NEP	NR	DL	RO	RP	Total
LÁ	6	8	4	1	-	19
AQUI	5	1	1	2	2	11
AÍ	4	1	-	1	-	6
ALI	1	1	-	-	1	3
Total	16	11	5	4	3	39

Tabela 12: Representação quantitativa dos locativos *lá*, *aqui*, *aí* e *ali* pós SN nos casos híbridos nos cinco tipos de texto produzidos na cidade do Rio de Janeiro

Como podemos perceber, há muitos casos híbridos nas narrativas, em grande parte devido aos locativos *aqui*, *aí* e *ali* entre o uso dêitico e clítico, conforme vimos, e o hibridismo entre o uso anafórico e o clítico que também muito ocorre nas narrativas com o *lá*, principalmente.

Em Niterói, o hibridismo com o *lá* ocorre da seguinte forma: entre os padrões anafóricos e clíticos há três casos – um na narrativa de experiência pessoal, um na narrativa recontada e um no relato de opinião. O outro caso do relato de opinião é entre o padrão catafórico e clítico, e na descrição de lugar é entre o padrão catafórico e anafórico. Com o *aqui* o hibridismo nos quatro casos apontados ocorre apenas entre o padrão dêitico e clítico, o mesmo ocorrendo com o *aí*, sendo que esse só tem um caso híbrido. Com o *ali*, dos dois usos apontados na narrativa de experiência pessoal, um é híbrido entre o catafórico e o anafórico e o outro é entre o anafórico e o clítico.

No Rio de Janeiro, com o *lá*, o hibridismo entre o padrão anafórico e clítico ocorre de forma expressiva: cinco casos na narrativa de experiência pessoal; sete na narrativa recontada; todos os quatro da descrição de lugar e o único caso do relato de opinião. Um caso da narrativa de experiência pessoal é entre o padrão catafórico e anafórico e um caso da narrativa recontada é entre o catafórico e o clítico. Com o *aqui*, de forma bastante expressiva ocorre o hibridismo entre os padrões dêiticos ou clíticos: os cinco casos da narrativa de experiência pessoal; os únicos da narrativa recontada, da descrição de lugar e do relato de procedimento; apenas no relato de opinião há um caso híbrido entre o padrão anafórico ou clítico. Com o *aí*, o mesmo acontece: o hibridismo maior é entre os padrões dêiticos ou clíticos: todos os quatro casos na narrativa de experiência pessoal (três na modalidade oral e um na escrita) e o único caso do relato de opinião; na narrativa recontada ocorre entre o padrão anafórico ou clítico. Com o *ali* não é diferente, dos três casos apontados, dois casos entre o padrão dêitico ou clítico se encontram na narrativa de experiência pessoal e na narrativa recontada. No relato de

procedimento, o hibridismo ocorre entre o padrão catafórico ou anafórico.

Como era de se esperar de acordo com o que foi exposto, com *lá* prevalece os casos híbridos entre o anafórico e o clítico e com *aqui, aí* e *ali* o hibridismo é entre o padrão dêitico e o clítico nas duas cidades.

4.3 Padrões Construcionais

Após verificarmos os quatro padrões funcionais dos locativos pós Sintagma Nominal – dêitico, advérbio catafórico, advérbio anafórico e clítico – e até mesmo seus casos híbridos, nos focamos no último padrão, o clítico, que conforme já mencionado, junto ao SN anterior constitui uma *construção*. Dessa forma então, buscamos na próxima seção analisar os padrões construcionais.

4.3.1 Construções Prototípicas

Com a análise dos dados, podemos perceber que na construção SN + loc em estudo há uma possível escala de prototipicidade, ou seja, certos tipos de construção são mais facilmente visualizados e compreendidos como tal; quando estamos diante deles, vemos mais claramente a função clítica e menos a função locativa. Há algumas construções menos prototípicas do que as primeiras, porém, mais do que as terceiras e assim por diante.

Deve-se ressaltar que foi feito um apanhado nos nossos dados do uso clítico para se atestar possíveis constituições do SN. Algumas que entraram para a escala não aparecem nos nossos dados, mas percebemos que são possíveis de ocorrer na fala cotidiana. Os exemplos apresentados para uma melhor compreensão pertencem aos nossos *corpora*.

Consideramos nos nossos dados, SNs constituídos por até três palavras em que cada uma completa uma posição: 1 (**P1**), 2 (**P2**) ou 3 (**P3**). Em cada posição há uma escala do elemento que o constitui e é o mais prototípico e portanto, menos marcado¹⁵, para o menos prototípico e mais marcado de todos. E entre os locativos também há uma escala do mais prototípico e menos marcado para o menos prototípico e mais marcado. Lembrando que entendemos como prototípico nos nossos dados a construção mais clara de se perceber o uso clítico, ou seja, a mais distante da ideia de lugar original.

A **P1** é típica dos determinantes apenas (por exemplo: *um, o, outro, esse, meu, cinco*).

15 Segundo Givón (1995), conforme visto na fundamentação teórica, a estrutura marcada tende a ser mais complexa estrutural e cognitivamente do que a forma não marcada, e além disso, menos frequente.

A **P2** pode ser ocupada por uma palavra determinada unida ao determinante da **P1** e o SN acabar nesse ponto, se juntando ao *loc* (por exemplo: *um cara lá*); pode também não acabar nesse ponto e se juntar a outro determinante na **P3** e daí se juntar ao *loc* (por exemplo: *uma crise danada aí*); uma outra possibilidade é a **P2** ser preenchida por um determinante e a palavra determinada vir na **P3** e então se juntar ao *loc* (por exemplo: *uma outra equipe lá*).

Logo, a **P3** pode ser preenchida por uma palavra determinada tendo a **P1** e a **P2** como determinantes dela ou ser um determinante da **P2**.

Depois dessa breve ilustração da constituição e posição dos elementos que constituem a construção em estudo, passemos então à nossa escala, levando em consideração quais os elementos do SN que colaboram para uma maior até uma menor prototipicidade e quais os locativos que concorrem para isso.

Primeiramente quanto ao SN, o elemento que colabora para uma construção mais prototípica e menos marcada até a menos prototípica e mais marcada em cada posição:

	- marcado				+ marcado
	+ prototípico				- prototípico
P1	_____				
(determinante)	artigo	artigo	pronome	pronome	numeral
	indefinido	definido	indefinido	demonstrativo ou possessivo	
	- marcado				+ marcado
	+ prototípico				- prototípico
P2	_____				
(determinante ou determinado)	substantivo	pronome	adjetivo	pronome	numeral
	ou adjetivo (determinado)	indefinido		demonstrativo ou possessivo	
	- marcado				+ marcado
	+ prototípico				- prototípico
P3	_____				
(determinante ou determinado)	substantivo	pronome	adjetivo	pronome	numeral
		indefinido		demonstrativo ou possessivo	

* Se o SN tiver a posição (2) e (3) preenchidas, mais condições de ser menos prototípico .

O locativo mais prototípico e menos marcado até o menos prototípico e mais marcado dentro da construção:

	- marcado						+ marcado	
	+ prototípico						- prototípico	
locativo		_____						
		<i>lá</i>		<i>aí</i>		<i>ali</i>		<i>aqui</i>

Olhando primeiramente para os locativos, vemos que o mais prototípico é o *lá*, pois é ele que juntamente ao SN vai atribuir uma semântica maior de indefinição, descomprometimento com o assunto tratado do que uma ideia de lugar, própria dos locativos originais. Fato que encontra respaldo no parâmetro de granularidade de Batoréo (2000).

Depois do *lá* da *granularidade vasta*, percebemos entre os locativos de *granularidade fina/estreita* uma escala também. Acreditamos que o *aí* é o próximo a se distanciar da função dêitica, indicando, como vimos, uma semântica de desprezo, de coisa de pouca importância e até mesmo em alguns casos atua no apontamento para um lugar ou objeto virtuais, imaginários. Mas ainda guarda algum resquício de lugar.

Posteriormente está o *ali*, que possui, em sua função clítica, um sentido de espaço imaginário, mais virtual. Porém, por ainda designar espaço, mesmo que virtual, é menos prototípico que o *lá* e o *aí*.

E na última posição dos locativos está o *aqui*, que em função clítica, carrega uma semântica de definição, de algo ou alguém que é próximo fisicamente ou no plano das ideias, da memória. Entretanto, dos quatro locativos é o que mais possui um sentido de lugar, talvez por ter muito a noção de precisão, de algo mais concreto. Como confirmação, é válido registrar que o *aqui* é o locativo com maior ocorrência no uso dêitico, o mais concreto. Os dados de nossa tabela corroboram com essa afirmação (vide tabelas 1 e 2)

Sendo assim, entendemos que, se o *lá* é o locativo que dentro da referida construção mais se distancia da função dêitica locativa, e ele possui essa semântica de indefinição, imprecisão, partimos de constituições de SNs que junto a ele colaboram com essa ideia. Dessa forma, encontramos o mais prototípico. Cabe lembrar que a frequência de uso é um dos fatores que contribuem para a fixação da construção, e como podemos notar nos nossos dados, construções com o *lá* são também as mais frequentes (vide tabelas 9 e 10)

Quanto aos SNs, na **P1**, o determinante mais prototípico é o artigo indefinido. Acreditamos que tal fato ocorra pois esse artigo colabora com a ideia de indefinição que a construção com o clítico *lá* possui. Ao unirmos esse artigo, um determinado e o locativo *lá*, o mais prototípico, conseguimos um exemplo perfeito de uma construção, com um sentido bem distante da ideia de lugar. Se o unirmos a outro locativo também conseguimos um efeito diferente do original, mas não tão prototípico, como visto na escala dos locativos. E, se o ligarmos a outro determinante também, maior a possibilidade de um menor traço prototípico, pois um determinante a mais ajuda a especificar mais o SN. Quando temos então, uma construção com mais de um determinante, ou seja, com as três posições preenchidas, dizemos que estamos diante de uma forma marcada em relação à construção com apenas duas posições preenchidas.

Ainda na **P1**, o segundo determinante mais prototípico é o artigo definido. Apesar de o nome ser “definido”, os artigos de um modo geral especificam menos que um pronome e um numeral.

O terceiro determinante mais prototípico dessa posição é o pronome indefinido, que se encontra separado do demonstrativo e do possessivo, estes no nível 4, pois indefine mais o SN do que os demonstrativos e possessivos. Estes últimos atribuem alguma especificação ao SN. Já o numeral é o mais específico, pois atribui uma quantidade à palavra determinada.

A **P2** se distingue da **P3** quanto ao primeiro elemento apenas. Isso porque na **P2** podemos encontrar tanto um substantivo, o que também podemos encontrar na **P3**, mas também um adjetivo sozinho, substantivado, determinado, e aí o SN acabaria nesse ponto. É o caso de, por exemplo, “Falou **um espertalhão lá**.” (exemplo nosso)

Acreditamos que o substantivo é o primeiro elemento da **P2 e P3**, pois ele sozinho é mais prototípico quando se trata de menos especificidade, do que um pronome indefinido sozinho por exemplo. Visto que, se usamos “quero **um outro lá**”, entendemos que os participantes da interação sabem o que se está descartando, e daí, o pronome “outro” está especificando esse ser.

Por outro lado, esse pronome indefinido é menos específico do que um adjetivo, terceiro elemento da escala, quando este funciona como determinante, diferente daquele mencionado anteriormente, que era determinado. Este adjetivo colabora com uma maior especificação à palavra determinada.

Já os pronomes demonstrativos e possessivos são mais definidos, precisos e específicos ainda, só perdendo, é claro, para os numerais.

Para uma melhor compreensão, vejamos alguns exemplos dos nossos dados que

contam com uma pontuação ao lado. Esta pontuação é de acordo com o nível que cada item da construção ocupa em sua posição :

(64) um surfista lá ajudou a Patrícia a sair da água...	1.1.1
(65) o... o... o diretor lá ... ele deixou... e fomos... subimos... fomos apresentar...	2.1.1
(66) [tem que/] não sei tem muitos jogos aí ... tem com macete...	3.1.2
(67) eu sei... eu sei fazer um ((riso)) uma comida aqui ... que...q uando eu faço até que...	1.1.4
(68) noutro dia ali ... né? eu estava ali na rua...com a bicicleta da minha irmã... né?	3.1.3
(69) até essas menininha aí que... que... que não gosta de falar com... com menino...	4.1.2
(70) daqui a pouco veio um/dois... dois caras lá ...	5.1.1
(71) tinha um baile de funk lá da... Cash Box... e:: uma outra equipe lá	1.2.1.1
(72) boto música no último volume lá de rock...	2.3.1.1
(73) e ele passou uma... uma crise danada aí ...	1.1.3.2
(74) porque era a mãe dela lá ... e nem estava com muito dinheiro...	2.1.4.1
(75) ela teve que comprar eu acho que uns cinco livros aí ...	1.5.1.2

Ao fazer o levantamento quantitativo, detectamos que realmente dentro dos usos clíticos encontrados nos nossos dados, as construções formadas por artigo indefinido + substantivo + *lá* são as mais frequentes. Tal fato, de uma certa forma, confirma a nossa ideia de que seja ela a mais prototípica. Como apresentado, encontramos no total das duas cidades 58 usos clíticos, sendo 2 deles constituídos por SNs Complexos (assunto do próximo tópico), e desses usos, 18 são referentes a essa construção considerada por nós a mais prototípica. A segunda construção eleita por nós – artigo definido + substantivo + *lá* – teve 14 ocorrências. As outras construções não tiveram muito destaque a ponto de realizarmos uma tabela, até porque não possuímos um número muito grande de dados.

Acreditamos que dessa forma conseguimos demonstrar qual deve ser o uso mais prototípico, ou seja, que possui o locativo em sua função clítica contribuindo na formação de uma construção com um sentido mais abstrato, distante daquela semântica de lugar, típica dos locativos dêiticos mais concretos. Entretanto, há casos menos prototípicos do que esses listados acima. Por terem uma configuração um pouco distinta da que apresentamos nessa seção, deixamos para serem tratados no próximo tópico.

4.3.2 SNs Complexos

Durante a análise dos *corpora*, encontramos também usos um pouco diferentes dos que apontamos no tópico anterior. São casos mais difíceis de serem analisados, mas que merecem menção. Trata-se de usos em que o SN é formado por um grupo de palavras com uma certa relação entre elas, tais como: de adjunto adnominal, complemento nominal e parte/todo, ou seja, uma relação em que a inserção da preposição torna-se necessária entre elas. Por esse motivo denominamos esse tipo de SN um *SN complexo*, uma forma também marcada, segundo Givón (1995).

Então, por não serem muitos, todos os usos de SN complexos (destacados em negrito) dos nossos dados estão listados abaixo:

Em Niterói:

Uso dêitico:

(76) semana passada ou retrasada **no horário de aula aqui**...morreu um cara aqui na frente...

Usos catafóricos:

(77) E: tô aqui com o Flávio... meu amigo Flávio... ele tem dez anos... é morador do bairro São Domingos... em Niterói... é estudante da quarta série do IEPIC... um dos colégios/ **um dos colégios mais renomados aqui de Niterói**...

(78) Acontece que nenhuma banca tinha e quando já estava certa de que só saberia o resultado no dia seguinte um jornaleiro comentou que estavam vendendo o jornal **num cursinho de pré-vestibular ali por perto**.

Usos anafóricos:

(79) a minha tia tem uma casa ali em Araruama...então a casa fica **na beirada da lagoa ali** é muito gostoso...

(80) mas o lugar ali que eu mais gosto é a : : exatamente a varanda dela que dá de frente pro mar... no caso ali você não chega a pegar o sol... da tarde... mas você vê **o nascente do sol ali**...

Uso clítico:

(81) e que depois fo/ na hora de:: tirar o corpo... né? tinha **muito caco de vidro lá...**

Usos híbridos :

Advérbio catafórico / clítico

(82) E: como é que é **o relacionamento dos homens lá** com as meninas no seu colégio...

Dêítico / clítico

(83) mas tem **um cursinho de vestibular aqui** que está vendendo...

No Rio de Janeiro:

Uso dêítico:

(84) estudei quinze dias... no CA porque eu já era muito adiantada... elas me passaram pa primeira série... aí de lá... eu estudei oito anos aqui... conheço...**a maioria dos professores daqui...**

Usos catafóricos:

(85) aí coloca **a massa do bolo ali** dentro e coloca no forno...

(86) I: teve um dia que a gente fomos pra **uma festa de rua lá em**::/ ah esqueci... esqueci o nome...

Usos anafóricos:

(87) eu ia tocar no GREIP no IAPI... e:: fui pra lá cedo pra arrumar o... equipamento... mas/ eu ia tocar com:: um/ com as caixas de som de uma equipe... e eu:: fui pra lá cedo armei as coisas... e desde o começo a equipe de som ficou pro/ me provocando... querendo que eu tocasse Brasileirinho na guitarra e essas coisas assim... querendo mos/ que eu mostrasse que eu sabia tocar guitarra... aí:: eu passei o som... testei a aparelhagem toda... e um pouco antes de começar o show a gente passou o som mais uma vez... o som estava perfeito... aí:: um pouco antes de... de eu me apresentar... a Transamérica fez **uma distribuição de brindes lá...**

(88) aí começamos a subir... subimos... coisa de meia hora... subindo a Cidade Alta... chegamos lá em cima... tinha **um baile de funk lá** da... Cash Box...

(89) o lugar que eu mais gosto de ficar... é no Ola/ no baile do Olaria... porque lá eles usam/ é um baile que eles usam o clube todo... tá entendendo? pra... pra dar o baile... e:: você tem

várias opções de diversão lá... tá entendendo?

(90) A sala de jogos é um lugar espetacular, lá eu passo horas do fim de semana praticando jogos como: totó, futebol de salão, volei, sinuca, e outros. O jogo de totó é oficial e bom de jogar, A quadra de basquete é bastante reduzida por causa do meu primo de sete anos de idade, **o futebol de salão lá** é bom com muita gente

Uso clítico:

(91) E: é? então me conta **uma dessas aventuras aí...**

A análise desses usos é dificultada, já que nos parece difícil dissociar toda a sequência, mas ao mesmo tempo, se dissociarmos, podemos fazer uso de outros determinantes entre as palavras do SN. Retomemos esse exemplo:

(82) E: como é que é **o relacionamento dos homens lá** com as meninas no seu colégio...

O que considerar como SN anterior ao locativo? “O relacionamento dos homens” ou apenas “os homens”? Como dito, podemos considerar apenas “os homens”, baseados no argumento de que é possível usar outro determinante em vez de *os* na frente do substantivo *homens*, como por exemplo, *daqueles, desses*: “Como é que é o relacionamento *daqueles homens lá* com as meninas no seu colégio”

Por outro lado, fazendo tal dissociação, parece-nos que estamos ignorando a conexão que há entre essas palavras, sendo a segunda parte adjunto adnominal da primeira. O *lá* se refere ao conjunto, ao relacionamento dos homens e não aos homens somente.

Portanto, trata-se de um SN complexo, como o próprio nome indica, de difícil análise, já que permanecemos sem saber o que considerar e o que descartar. Porém, é um caso merecedor de destaque para conclusões diversas por parte de quem o analisa.

Cabe destacar que os SNs complexos foram contabilizados nas tabelas dos quatro padrões funcionais dos locativos por fazerem parte de um deles, apenas os exemplos (82) e (83) que, por serem casos híbridos, foram contabilizados na tabela dos híbridos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo aqui apresentado procurou mostrar os usos dêiticos, catafóricos, anafóricos e clíticos dos pronomes adverbiais locativos *aí, lá, aqui* e *ali* e seus derivados *daí, daqui* e *dali* pós SN, propondo que o clítico seria um estágio já avançado de gramaticalização, por não possuir mais tão claramente a noção espacial, característica desse grupo. Acreditamos que o locativo como clítico estaria compondo junto ao SN anterior uma *construção* SN + loc fixa na língua.

Primeiramente, realizamos uma revisão da literatura para mostrarmos o que as gramáticas tradicionais e os estudos linguísticos dizem a respeito. Depois, apresentamos alguns pressupostos funcionalistas e cognitivistas sobre os quais nos baseamos. Ao analisar nossos dados, pudemos mostrar que tais usos dos locativos pós SN, principalmente a construção SN + loc – que não é trabalhada pelas nossas gramáticas e pouco aprofundada nos estudos linguísticos – configuram-se como um padrão funcional recorrente e regular aos usuários da língua, reconhecido pela experiência humana através do conhecimento compartilhado dos falantes.

Durante a análise dos nossos dados chegamos a algumas constatações de hipóteses levantadas. Primeiramente que de fato, os locativos pós SN em questão possuem quatro padrões funcionais: o dêitico, o catafórico, o anafórico e o clítico, os quais estão passando, através de reanálises metonímicas e derivações metafóricas, por um processo de gramaticalização, cumprindo a trajetória dêixis > foricidade > cliticização. Nesse último uso o locativo morfologiza-se, passando a atuar como um clítico, conforme mencionado, e junto ao SN anterior constitui a *construção* SN + loc, isto é, um todo de sentido e forma, ritualizado e cristalizado na língua. Trata-se de um significado composicional, independente do sentido individual de cada elemento da construção.

Dessa forma, analisamos tais dados no *Corpus Discurso & Gramática*, valendo-nos

dos cinco tipos de textos disponibilizados e nossa hipótese se confirmou: os locativos pós SN aparecem em todos eles, é claro que cada tipo de texto revela uma influência sob o uso do locativo. Por exemplo, há usos consideráveis nas descrições de lugar. Percebemos que tal fato ocorre porque se estamos descrevendo um local, vamos dizer tudo que nele há, e para nos referirmos a ele precisamos fazer uso dos locativos. Também há muitos usos nos relatos de opinião. Em muitos desses relatos, o informante deve opinar sobre algo relativo a algum lugar, como a situação do país ou sobre um lugar específico, como a escola em que estuda. Para isso, torna-se necessário o uso dos locativos também. Verificamos que grande ocorrência tem também nas narrativas em geral. Essa grande frequência se deve ao fato de que os informantes falam bastante nesses dois tipos de textos, talvez por se sentirem à vontade para contar histórias, algo que realmente fazemos muito no nosso dia-a-dia. Logo, se a produção é grande, a quantidade de locativos também será grande. Sem esquecermos que nessas narrativas também se contam histórias que mencionam lugares, portanto, mais um ponto a favor do uso dos locativos. Acreditamos que por esses motivos, o Relato de Procedimento é o que tem menor ocorrência, já que não há nesse tipo de texto tais fatores que motivem o uso demasiado dos locativos. As ocorrências de locativo nesse tipo de relato se devem mais precisamente aos casos em que a referência ao ser citado ocorre sem a sua presença, num apontamento mais virtual, imaginário, na memória dos participantes da interação.

Foram consideradas no nosso levantamento as duas modalidades, a oral e a escrita. Como era de se esperar, não encontramos o uso clítico em textos escritos, já que se trata de um uso mais novo que os outros, mais abstratizado e considerado por muitos, mais coloquial, típico da fala e não da escrita, modalidade em que sua aparição é evitada e até mesmo negada. Porém encontramos nos três outros padrões funcionais ocorrências na escrita, não em proporção semelhante à modalidade oral.

Quanto à diversidade de graus de escolaridade a que nos propusemos analisar, nossa hipótese também se confirmou: todos os padrões funcionais fazem parte da fala e da escrita – com exceção do clítico na escrita – de pessoas de todas as faixas etárias. Mesmo que um pouco menos em quantidade nos mais novos, até porque eles falam e escrevem menos, em qualidade eles se destacam, já que produzem os quatro padrões apontados, inclusive os clíticos.

Deste modo, analisamos qualitativamente e quantitativamente os locativos pós SN nos quatro padrões funcionais mencionados, e nesse levantamento, consideramos o tipo de verbo da cláusula em que se achavam articulados. Constatamos que nos usos dêiticos, tanto em cláusulas com *frame* espacial quanto não espacial, os locativos tendem a junto ao verbo,

realizar o “apontamento” para alguém ou algum lugar no espaço se ele e o SN anterior a ele estiverem em posição pós-verbal, e então, nessa posição haveria uma possível ambiguidade quanto ao fato de ser um escopo do nome ou um argumento do verbo. Já em posição pré-verbal essa ambiguidade não acontece. Nos usos anafóricos, a possível ambiguidade também ocorre em detrimento da posição pré ou pós-verbal do SN junto ao locativo. Por outro lado, nos usos catafóricos, vimos que a tendência é a não ambiguidade tanto na posição pré quanto pós-verbal. Mas nesse uso, o *frame* do verbo faz a diferença, pois só haverá ambiguidade se a posição do SN + locativo for posterior ao verbo, mas com verbos que compõem *frame* locativo e o SN não é um lugar. Nas construções com clíticos, vimos que esses locativos podem aparecer tanto pós SV quanto pós SN que o sentido é o mesmo, havendo então, ambiguidade. Entretanto, se colocarmos o locativo na posição pós-verbal e não pós SN, ele fica com um resquício maior de advérbio de lugar do que se estiver pós SN, em que assume uma semântica distinta, conforme já mencionado. Ou seja: locativos em posições diferentes – pós SN ou pós SV – frases com sentidos diferentes.

Já na análise específica das construções, além de verificarmos o tipo de verbo da cláusula e sua ordenação, também verificamos a possibilidade de inserção ou troca posicional entre os elementos da construção, na testagem do que Erman e Warren (2000) denominam uma *unidade pré-fabricada* (UPF), e constatamos não ser possível, pois tanto a troca posicional quanto a inserção de um outro elemento na construção a tornaria estranha aos usuários da língua.

Notamos também em nossa análise sobre as construções, que cada locativo em estudo assume junto ao SN anterior um sentido novo, um pouco, ou até mesmo muito distanciado da semântica de espaço concreto. *Lá*, por exemplo, considerado por nós o locativo mais prototípico dos quatro, adota um sentido de imprecisão, desinteresse ou pouca importância acerca do referente mencionado. *Aí*, considerado o segundo mais prototípico, assume uma ideia de desinteresse do falante para com o que está falando, como se ele desprezasse a importância de tal assunto. Apesar de ser um uso clítico, ainda guarda um pouco da semântica de lugar. *Ali*, o terceiro mais prototípico, como clítico atua como um apontamento para um objeto ou pessoa virtual, do plano das ideias, da imaginação. É considerado menos prototípico que *aí*, pois ainda carrega um pouco do sentido de lugar, mesmo que seja um lugar virtual. E o menos prototípico de todos é *aqui*, que como clítico possui a ideia de proximidade e em alguns casos a mesma ideia de apontamento virtual que *ali*. É considerado o menos prototípico, pois ainda tem uma semântica de lugar mais evidente em seus usos, por conta de seu sentido de precisão, pontualidade. Cabe mencionar que em termos de frequência, essa

ordem de prototipicidade apontada se confirma.

Nessa constatação, encontramos respaldo no parâmetro de *granulidade vasta* ou *fina/estreita* de Batoréo (2000), porém acrescentamos uma distinção entre os locativos *aí*, *aqui* e *ali*, que participam desta última. E dessa forma, propomos uma escala de prototipicidade em que analisamos qual construção é mais facilmente reconhecida como tal, por ter um tipo de constituição em que o sentido de lugar está mais distante. Para essa escala, levamos em consideração primeiramente os locativos e posteriormente os SNs que concorrem para esse distanciamento.

Durante o levantamento dos dados encontramos casos de ambiguidade, em que não conseguimos definir ao certo de qual tipo de padrão funcional se tratava. Porém consideramos esse fato importantíssimo para o nosso estudo e reservamos uma seção para ele, pois se afirmamos que as categorias não são discretas, isso pode se aplicar ao nosso objeto de estudo também. Por verificarmos que entre um padrão e outro há similaridades as quais nos impossibilitam tal classificação, denominamos os mesmos de “casos híbridos”.

Uma outra dificuldade encontrada foi na detecção de alguns SNs dos nossos dados que apresentavam uma preposição inserida. Considerados e classificados como SNs Complexos, não foram analisados por nós, mas foram contabilizados por existirem nos nossos dados e pertencerem a um dos padrões funcionais em algum tipo de texto, ou oral ou escrito.

Por fim, ratificamos que nossas hipóteses iniciais sobre vários aspectos foram confirmadas e que alcançamos vários objetivos. Entretanto, acreditamos que esse estudo não se encontra acabado, uma vez que intencionamos ao iniciar essa pesquisa, analisar os *corpora* de todas as cidades apontadas no *Corpus Discurso & Gramática*, restando então, as cidades de Natal, Rio Grande e Juiz de Fora, que por conta de questões mais qualitativas nesse momento, tal análise se tornou inviável.

Também pensamos que deve ainda ser feita uma análise em outros textos escritos, por exemplo, em jornal, revista, e-mail, orkut, entre outros, para uma análise mais rigorosa nessa modalidade. Acreditamos também que uma pesquisa histórica também seja possível, a fim de verificar tais padrões estudados por nós ao longo do tempo, mesmo supondo a princípio, que o uso clítico não se verificará nesse tipo de pesquisa.

E para finalizar, pensamos que seja necessária uma análise mais detalhada em relação aos usos como dêiticos, advérbios catafóricos e anafóricos, pois percebemos que não só no padrão clítico, mas nestes também há um gradiente, uma escala de prototipicidade. Ademais, pode-se realizar uma pesquisa que se leve em conta as funções textuais como o fluxo informacional e que se explore, com maior bibliografia, a noção espacial.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEREDO, José Carlos. *Fundamentos de Gramática do Português*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

BATORÉO, Hanna. *Expressão do espaço no português europeu: contributo psicolinguístico para o estudo da linguagem e cognição*. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

BOLINGER, D. *Meaning and Form*. London: Longman, 1977.

BOMFIM, Eneida. *Advérbios*. São Paulo: Editora Ática, 1988.

BRAGA, Maria Luiza e PAIVA, Maria da Conceição de. *Do advérbio ao clítico é isso aí*. IN: RONCARATI, C. e ABRAÇADO, J. (org). *Português brasileiro – contato linguístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: 7Letras, p. 206-212, 2003.

BRINTON, Laurel J.; TRAUOGOTT, Elizabeth Closs. *Research Surveys in Linguistics: Lexicalization and Language change*. New York: Cambridge University Press, 2005.

BÜHLER, Karl. *Sprachtheorie. Die Darstellungsfunktion der Sprache*. [Das Organon-Modell], Verlag von Gustav Fischer, Jena, 1934

BUSSMANN, Hadumond. *Routledge Dictionary of Language and Linguistics*. London; New York: Routledge, 1996.

BYBEE, Joan L.; *Mechanisms of Change in Grammaticalization: the Role of Frequency*. IN: JANDA, R.; BRIAN, J. (orgs.) *Handbook of Historical Linguistics*. Oxford: Blackwell, p. 602-623, 2003.

BYBEE, Joan L.; MODER, Carol Lynn. *Morphological classes as natural categories*. *Language* 59. p. 251-270, 1983.

BYBEE, J.; PERKINS, R.; PAGLIUCA, W. *The evolution of grammar: Tense, Aspect, and Modality in the Language of the World*. Chicago: University of Chicago Press, 1994.

BYBEE, J.; HOPPER, P. (orgs.) *Frequency and the Emergence of Linguistic Structure*. Amsterdam: John Benjamins, 2001.

CAMARA JR., Joaquim Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.

COSTA, Marcos Antonio. *Procedimentos de manifestação do sujeito*. IN: Procedimentos discursivos na fala de Natal uma abordagem funcionalista. Natal: Ed. da UFRN, p. 49-109, 2000.

CROFT, W. *Radical Construction Grammar*. Syntactic Theory in Typological Perspective. New York: Oxford University Press, 2001.

_____. *Connecting frames and constructions: A case study of 'eat' and 'feed'*. IN: Constructions and Frames. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, p. 7-28, 2009.

CUNHA, Celso & CINTRA, Lindley. *Nova gramática do Português Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985

DAHL, O. *Inflationary effects in language and elsewhere*. In: BYBEE, J. E HOPPER, P. (org.) Frequency and the emergence of linguistic structure. Amsterdam: John Benjamins, p. 471-480.

DIXON, R. M. W.. *Where have all the adjectives gone? and other essays in semantics and syntax*. Berlin: Mouton, 1982.

DUBOIS, Jean *et al.* (org.) *Dicionário de Linguística*. São Paulo: Cultrix, 2006.

ERMAN, B.; WARREN, B. *The idiom principle and the open choice principle*. In: Language Typology and Language Universals. Berlin. New York: Mouton de Gruyter, 2000.

FILLMORE, Charles J. *An alternative to Checklist Theories of Meaning*. BLS 1, p. 123-131, 1975.

_____. *Frame semantics*. IN: Linguistic Society of Korea, ed., Linguistics in the Morning Calm, Seoul: Hanshin, p. 111-138, 1982.

_____. *Syntactic Intrusions and the Notion of Grammatical Constructions*. Berkley Linguistic Society, n.11, p. 73-86, 1985.

FILLMORE, C.; KAY, P.; O'CONNOR, C. *Regularity and Idiomaticity in Grammatical Constructions: the Case of "Let Alone"*. Language, n. 64, p. 501-538, 1988.

FRAJZYNGIER, Z. *Grammaticalization of the Complex Sentence: a Case of Study in Chadic*. Amsterdam: John Benjamins, 1986.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; OLIVEIRA, Mariangela Rios de; VOTRE, Sebastião. *A interação sincronia/diacronia no estudo da sintaxe*. Delta, 15: 85-111, 1999.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; COSTA, Marcos Antonio; CEZARIO, Maria Maura. *Pressupostos teóricos fundamentais*. IN: Linguística funcional: teoria e prática. Rio de Janeiro: DP&A, p. 29-55, 2003.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; TAVARES, Maria Alice. *Linguística funcional e ensino de gramática*. IN: Funcionalismo e ensino de gramática. Natal, Ed. da UFRN, p. 13-51, 2007.

GIVÓN, Talmy. *Historical Syntax and Synchronic Morphology: an Archaeologist's Field Trip*. Papers from the 7th Regional Meeting. Chicago: Chicago Linguistic Society, 1971.

_____. *On Understanding Grammar*. New York: Academic Press, 1979.

_____. *Verb Serialization in Tok Pisin and Kalam: a Comparative Study of Temporal Packaging*. IN: VERHAAR, J.W.M.S.J. (org.) *Malanesian Pidgin and Tok Pisin*. Amsterdam: John Benjamins, p. 19-56, 1990.

_____. *Functionalism and Grammar*. Amsterdam: John Benjamins, 1995.

_____. *Syntax: an introduction*. Vol. I. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2001.

GOLDBERG, A. E. *Constructions: a Construction Grammar Approach to Argument Structure*. London: The University of Chicago Press, 1995.

_____. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

GONÇALVES, S. *et alii* (org). *Introdução à gramaticalização*. São Paulo: Parábola, 2007.

HAIMAN, J. (1983). *Iconic and economic motivation*. *Language* (59), Baltimore: Waverly Press.

_____. *Ritualization and the development of language*. In William Pagliuca, ed., *Perspectives on grammaticalization*, Amsterdam: John Benjamins, p. 3-28, 1994.

HALLIDAY, M. A. K. & HASAN, R. *Cohesion in English*. Londres: Longman, 1976.

HEINE, B.; CLAUDI, U.; HÜNNEMEYER, F. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: University of Chicago Press, 1991a.

HEINE, B. *Grammaticalization as an explanatory parameter*. In: PAGLIUCA, W. (Ed.) *Perspectives on grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins, p. 255-287, 1994.

HOPPER, P. *On Some Principles of Grammaticalization*. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (orgs.). *Approaches to Grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins, p. 17-36, 1991.

_____. *Some recent trends in grammaticalization*. *Annual Review of Anthropology*, v. 24, p. 217-236, 1996.

HOPPER, P. & TRAUGOTT, E. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

JUNGBLUTH, Konstanze. *Os pronomes demonstrativos do português na fala e na escrita*.

Cadernos de Linguagem 7, 2005.

KAY, P.; FILLMORE, C.J. *Grammatical Constructions and Linguistics Generalizations: the What's X Doing Y? Construction*. *Language*, v. 75, n. 1, p. 1-33, 1999.

LABOV, William. *Principles of linguistic change*. Cambridge: Blackwell, 1994, vol. 1.

LAKOFF, George. *Women, fire, and dangerous things: What categories reveal about the mind*. Chicago: University of Chicago, 1987.

LANGACKER, R. W. *Foundations of cognitive grammar: Theoretical Prerequisites*. Stanford, CA: Stanford University Press, 1987.

LEHMANN, Christian. *Grammaticalization and Related Changes in Contemporary German*. In: E. TRAUGOTT & B.HEINE (eds.). *Approaches to Grammaticalization*, v. 2, Amsterdam / Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, p. 493-535, 1991.

_____. *Thought on Grammaticalization*. Munich: Lincom Europa (originalmente publicado como *Thought on Grammaticalization: a Programatic Sketch* Köln: *Arbeiten des Kölner Universalien 49 – Projects*, v. 1), 1995 [1982].

_____. *New reflections on grammaticalization and lexicalization*. Wischer, Ilse & Diewald, Gabriele (eds.), *New reflections on grammaticalization*. Amsterdam & Philadelphia: J. Benjamins (TSL, 49); p. 1-18, 2002.

LIMA, Carmen Rita Guimarães Marques de. *Os dêiticos espaciais como instrumento de orientação da atenção*. In: *Construções do português do Brasil: da gramática ao discurso*. Belo Horizonte: Editoraufmg, p. 331-351, 2009.

LIMA, Rocha. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1992.

LOGHIN-THOMAZI, S. *Gramaticalização de conjunções coordenativas: a história de uma conclusiva*. In: *Revista Gragoatá*, vol. 21 – Usos lingüísticos. Niterói: Edurfn, p. 59-72, 2006.

LOPES, O. , 1958. *As mãos e o Espírito*. In: *Uma Arte da Música e outros Ensaio*, Porto, Oficina Musical, 1986, p. 155; *apud*, F.I. Fonseca, 1989/1992, 68, nota 11 e 1995, 84, nota 32.

MCMAHON A. *Understanding Language Change*. Cambridge University Press, 1994.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. *Os circunstanciadores temporais e sua ordenação: uma visão funcional*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994.

_____. *A mudança lingüística*. In: *Lingüística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A, p. 57-71, 2003.

_____. *Funcionalismo e metodologia quantitativa*. In: OLIVEIRA, Mariangela Rios de; ROSÁRIO, Ivo da Costa do. (Org.). *Pesquisa em lingüística funcional: convergências e divergências*. Rio de Janeiro: Leo Christiano Editorial, p. 1-20, 2009.

MARTELOTTA, Mário Eduardo; AREAS, Eduardo Kenedy. *A visão funcionalista da linguagem no século XX*. In: *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A, p. 17-28, 2003.

NEVES, Maria Helena de Moura. *A Gramática Funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. *Gramática de Usos do Português*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

OLIVEIRA, Mariangela Rios de. *Ordenação de advérbios locativos no português escrito: uma abordagem histórica* – Relatório final de pesquisa – CNPq.

PAIVA, Maria da Conceição de. *Proformas adverbiais e encadeamento dêitico*. In: RONCARATI, C. e ABRAÇADO, J. (org). *Português brasileiro – contato lingüístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: 7Letras, p. 132-143, 2003.

PEIRCE, C. S. *The Philosophy of Peirce: Selected Writings*. Ed. by Justus Buchler, London: Routledge & Kegan Paul, 1940.

RIBEIRO, Manoel Pinto. *Nova Gramática Aplicada da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Metáfora Editora, 2004.

ROSCH, E.H. *Cognitive representation of semantic categories*. *Journal of Experimental Psychology* 104(3): 192-233, 1975.

ROSS, John R. *The category squish: Endstation Hauptwort*. In Paul M. Peranteau, Judith N. Levi, Gloria C. Phares, *et al.* (Eds.), *Proceedings of the Eighth Regional Meeting of the Chicago Linguistic Society*. Chicago Linguistic Society, University of Chicago, Chicago, Illinois, p. 316-338, 1972.

SALOMÃO, Maria Margarida Martins. *Tudo certo como dois e dois são cinco*. In: *Construções do português do Brasil: da gramática ao discurso*. Belo Horizonte: Editoraufmg, p.33-73, 2009.

SILVA, José Romerito. *Mecanismos alternativos de superlativização*. In: CUNHA, M. A. (org). *Procedimentos discursivos na fala de Natal*. Natal: Edufrn, p.213-253, 2000.

SILVA JÚNIOR, Manuel Pacheco da e ANDRADE, Boaventura Plácido Lameira de. *Grammatica da lingua portugueza para uso nos gymnasios, lyceus e escolas normaes*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1907.

SWEETSER, E. *Grammaticalization and Semantic Bleaching*. *Berkeley Linguistic Society*, Berkeley, n. 14, p. 389-405, 1988.

_____. *From etymology to pragmatics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

TALMY, Leonard. *Toward a cognitive semantics*. Cambridge, MA: Massachusetts Institute of Technology. Hardcover volumes, 2000.

TAVARES, Maria Alice. *Abordagem Pancrônica à Gramaticalização de Daí como Conector*. In: *SIGNUM*, n.º 9/2. Londrina: Ed. UEL, p. 245-271, 2006.

_____. *Metáfora e metonímia em processos de gramaticalização: o caso do “aí” marcador de especificidade*. In: Revista Gragoatá, vol. 26, Niterói : EdUFF, p. 103-120, 2009.

TAYLOR, John R. *Linguistic categorization: prototypes in linguistic theory*. United States: Oxford University Press, 1995.

TOMASELLO, Michael. *First verbs: A case study of early grammatical development*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.

TRAUGOTT, E. C. *Constructions in Grammaticalization*. In: JOSEPH, B.; JANDA, R. D. (orgs.). *The Handbook of Historical Linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003.

_____. *The concepts of constructional mismatch and type-shifting from the perspective of grammaticalization*. In: DABROWSKA, E. (org.) *Cognitive Linguistics*. v. 18-4. New York: Mouton de Gruyter, 2007.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs e HEINE, Bernd. *Approaches to grammaticalization*, Vol. 1: focus on theoretical and methodological issues. Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins Publishing Company, 1991.

TRAUGOTT, E.; KÖNIG, E. *The Semantics-pragmatics of Grammaticalization Revisited*. In: TRAUGOTT, E.; HEINE, B. (orgs.). *Approaches to Grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins, 1991.

TRAUGOTT, Elizabeth e DASHER, Richard. *Regularity in semantic change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

VOTRE, Sebastião J. *Cognitive verbs in Portuguese and Latin – unidirectionality revisited*. Santa Barbara, California, USCB, 1999.

_____. *A integração das objetivas diretas*. In: Silva, José Pereira da. *Cadernos do CNFL, série IV, n.2 – A perspectiva panorâmica da integração função-forma na sintaxe do português*. Rio de Janeiro: Uerj. p. 71-87, 2000.

WISCHER, Ilse. *Grammaticalization vs. Lexicalization. ‘Methinks’ there is some confusion. Pathways of change*. Grammaticalization in English, ed. by Olga Fischer, Anette Rosenbach, and Dieter Stein. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, p. 355-370, 2000.

WITTGENSTEIN, L. *Philosophical investigations*. (Anscombe, G.E.M., trans.). Oxford: Basil Blackwell, 1953.

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Instituto de Letras. Grupo de Estudos Discurso & Gramática, coordenado por Sebastião Votre e Mariangela Rios de Oliveira. Apresenta a língua falada e escrita nas cidades do Rio de Janeiro e Niterói. Disponível em: www.discursoeagramatica.letas.ufrj.br/ Acesso em 24 de junho de 2008.

ANEXO I – Fragmentos do *Corpus* Discurso & Gramática

Anexo I – A: Usos do locativo aí

- Como dêitico:

Niterói

1) a professora que corrigiu... aqui... sorte que não era... sorte que não era... no vestibular de verdade... corrigiu... não aceitou nada do que eu escrevi... falou “apaga tudo... faz de novo... que **isso aí** está tudo errado... não tem... não é assim...” (Pablo – 17 anos – RO oral – na sala de aula)

Rio de Janeiro

- 1) tem **muitos livros aí** que eu gosto muito de ler... (Flávia – 19 anos – DL oral – em casa)
- 2) mas... do jeito que ela estava... ninguém nunca mais/ “não... deixa **ela aí** do jeito que ela está mes::mo...” ((riso)) (Yuri – 18 anos – NEP oral – em casa)
- 3) “você não mexe com a memória não... você... dá algum jeito... tem **algum macete aí...**”(Yuri – 18 anos – NR oral – em casa)

- Como advérbio catafórico:

Rio de Janeiro

- 1) os ladrões estão **tudo armado aí dentro do ônibus...** eu vou me arriscar? (Márcio – 16 anos – NR oral – no quarto)
- 2) quando ela chegou no meio da viagem... ela chegou no meio da viagem... foi... um... **um monte de malandro aí do morro...** aqui no morro de Parada de Lucas... (Francisco – 20 anos – NR oral – no refeitório)

- Como advérbio anafórico:

Niterói

1) eu acho que a vida sexual das pessoas pertence a elas... entendeu? acho que os Estados Unidos é um país muito hipócrita... sabe? e:: eu acho que::... acho que se ele está governando o país bem... entendeu? não interessa o que faz com o Terceiro Mundo... mas se ele está governando bem os Estados Unidos... o povo americano... eu acho que não é porque ele é

homossexual... ou ele:: ou ele... trai a mulher... **isso aí** é uma coisa irrelevante pra mim... entendeu? (Eliane – 35 anos – RO oral)

2-3) essa coisa sexual não é... não é um fato relevante... a não ser se ele rouba::sse... cometesse atrocidade... **isso aí** realmente é uma coisa pra cair governo... entendeu? invasão... quer dizer... ele.. ele invadindo agora o... o/ a... a... a/ Bagdá...né? o Saddam... essa confusão toda... **isso aí** que é uma coisa feia... né? (Eliane – 35 anos – RO oral)

4) E: agora eu vou pedir pra você::... me relatar... uma experiência que tenha acontecido com você... que tenha sido ale::gre... triste... uma história que tenha acontecido com você... interessante... é **isso aí**... fica a seu critério... (Entrevistador: Angelo – NEP oral – na sala de aula)

Rio de Janeiro

1) esse governo é uma porcaria... eu acho que devia ter sido eleito um outro governo... porque **esse daí** não/ esse Itamar é:: brincadeira... é muito ruim... (Daniel – 22 anos – RO oral – no quarto)

2) aí... eu descí do carro... né? para ver... se ele estava traindo a minha irmã... né? que é aquilo... né? todas as mulheres são safadinhas... né? me::nos as irmãs da gente... então **isso aí** serve para mostrar pra gente que isso não tem nada a ver... (Jorge Luís – 26 anos – NEP oral – no trabalho)

3-4-5) Você conhecendo a pessoa bem... no fundo mesmo... e... vendo que vo/ tudo/ todos os seus esforços foram inúteis... pra ver se o cara... saía daquilo... que aquilo... entendeu? a gente orientava ele... nós orientávamos... conversávamos muito... mas ele/ parece que foi em vão... né? aí então/**isso aí** ficou mais de... lembrança pra mim também... **isso aí** ficou mais como uma experiência...aí foi **isso aí**... (Jorge Luís – 26 anos – NR oral – no trabalho)

6) em março eles falam “ó... o salário mínimo vai ser cem dólares...” em março? tudo bem... está valendo cem dólares... entendeu? agora quando chegar... em maio... pô... já tem uma defasagem... **isso aí** já está valendo sessenta dólares... (Jorge Luís – 26 anos – RO oral – no trabalho)

7) tipo “vamos fazer um carnaval pro pessoal esquecer... o que está acontecendo? vamos fazer **isso aí** pra não... não acorbertar o que/ outras coisas que eles estão pensando...” é isso... eu não gosto... (Mônica – 23 anos – RO oral – na PUC)

8) mas hoje em dia a gente está vendo que... quem rouba mesmo... e::... quando rouba a gente sabe... e antigamente não acontecia isso... não podia se falar::... não podia/ tudo... tudo proibi::do... não podia ter uma opinião de na::da... ficava todo mundo mais alienado... hoje em dia eu acho que está melhorando... um dia a gente chega lá... eu tenho esperança ((riso)) eu tenho esperança... sei lá... pode ser uma ilusão mas::... uma utopia mas::... que se eu não acreditar... fica um pouco sem sentido... né? vamos tentar lutar para melhorar **isso aí**... (Valéria – 23 anos – RO oral – em casa)

9) o pobre em si... eh... no... no... no Brasil... ele tem que lutar... e ele... ele tem que passar por várias barreiras... pra chegar a uma/ um nível bom... né? educacional... né? e essa crise... realmente... eu tenho por mim que vem pelos governo... que vem passando... pelos líderes que estão lá no Congresso... sa... sabe? através dessas pessoas que têm autoridade... delas que teriam que vir a::/ o problema... né? a resolução do problema... né? através deles que deveriam vir **isso aí**... (Roney – 19 anos – RO oral – na casa de uma amiga)

10) foi coisa de... uns dois ou três anos atrás... que morreu aqui na Lobo Junior... uma... colega de uma amiga minha/ da minha irmã... colega da minha irmã... a menina morreu atropelada... entendeu? ela estava vindo parece que de Madureira e:: quando ela soltou do ônibus ela... nã/ foi atravessar na frente do ônibus e não viu o... caminhão que estava vindo do lado... e::... ela atravessou... o caminhão pegou ela... só que o motorista estava distraído na hora... e ela não/ bateu e ficou na frente do caminhão... tá entendendo? ela... foi por baixo do caminhão e ficou presa... agarrou... tá entendendo? os cabelos delas e::/ dela... e... começou a/ o caminhão foi andando uns duzentos metros... e ela está ali embaixo naquele desespero todo e sem poder... tá entendendo? fazer nada... porque... o motorista não estava vendo... só quando o pessoal começou a gritar mesmo... que:: ele só/ foi escutar e parou o caminhão... quando ele parou o caminhão... estava a rua toda cheia de sangue... e ela estava toda... sabe? já estava... sem a/ o rosto... sem a face todinha... está entendendo? e:: aqui... os... peito/ os peitos dela... arrancou tudo... tá entendendo? aparecia/ e () praticamente irreconhecível... a garota... e:: foi... **isso aí** mesmo... né? (Wagner – 18 anos – NR oral – na casa de uma amiga)

11) ele falou que foi num barco... que tinha um monte de gente importante... que ele/ acho que **isso aí** é mentira... que ele... comeu mui::to... que... que o pai dele... que o pai dele... eh... foi embo::ra... deixou eles lá sozi::nho... (Alexsandro – 10 anos – NR oral – na escola)

12-13) um:: jogo::... eh... herói... um herói... um boxista... um lutador romano... mas... ele se transforma num monte de coisa... olha... bicho... animal... um tigre... um monte de coisa... então... é uma coisa ligeira... passa uma bala... você... tem que dar um... um/ apertar os dois botões na mesma hora... se apertar um... apertar o outro... vai dar chute e soco ao mesmo tempo... tem que apertar os dois que ele pula e pega a bola... aí ele se transforma... em qualquer bicho... tigre... leão... qualquer coisa... mas **isso daí**... você tem que ter um macete... pra pegar ele... e se você... souber... **essa bola daí** se transforma ((pigarro)) num monstro... (Fernando – 9 anos – RP oral – na biblioteca)

14) tenho... oh... quando... meu... meu pai... trabalhava assim às vezes fora... aí... aí mi... minha mãe não podia ir... porque ela tinha que tomar conta dos meus irmãos... que meus irmãos têm problema de bronquite... aí ela não podia ir ficar (com ele) mais... como... mais como meu/ meu pai/... aí meu pai foi e marcou comigo... um encontro... aqui... aqui perto da São Luiz Gonzaga... aí ele marcou comigo... aí ele ficou me levando com ele... pra... pra conhecer um lugar assim... bom... **isso aí**... aí... ele... ele foi até me... me... eh... levando até... pra onde tem coisa boa... (Sidney – 11 anos – NEP oral – na biblioteca)

15-16) eu gosto desses pessoal da igreja de crente... pessoal que gosta de... de louvor muito a Deus... isso eu acho muito bonito... o importante é **isso aí**... eu não sei... **isso aí** é um negócio que é importante pra todo mundo... (Antônio José – 22 anos – RO oral – na escola)

17) E: bom... Francisco... você está falando em religião... você mudou a sua vida... não é isso? o que você pensa sobre a religião assim em geral... né? a umbanda... né? o catolicismo... o

protestantismo... né? como é que você vê essa coisa da religião hoje com o jovem... né?

I: com o jovem? **isso aí** é uma coisa muito do antigo... que muda a vida muito de muitas pessoas... (Francisco – 20 anos – RO oral – no refeitório)

18) as pessoas... gastam uma nota preta... sabe? pra ficar/ se vestem de noiva... que coisa linda... muito lindo... maravilhoso... eu me casei assim também... acho bonito o que as pessoas possam mesmo... tá? mas sendo que... poxa... o que adianta... um casamento tão lindo... gastam tanto... pra no final eh... viv/ fica dois... três dias juntos... () até dois... três dias... depois se separam... entendeu? eu acho **isso aí** um absurdo... (Maria Rosa – 42 anos – RO oral – no trabalho)

19) quando foi esse mês... agora de... outubro... né? ele voltou... aí me procurou e a gente... até hoje nós estamos namorando... eu gosto dele... ele gosta de mim ((riso)) pô... isso foi o melhor presente desse ano... é isso... **isso aí**... né? (Rosilda – 22 anos – NEP oral – na escola)

➤ Como clítico:

Niterói

1) I: tenho... tenho muito... até **essas menininha aí** que... que... que não gosta de falar com... com menino... fala... (Flávio – 10 anos – RO oral – em casa)

Rio de Janeiro

1) aí quando você for ver... acordar... você está que nem **o Brasil aí**... (Jorge Luís – 26 anos – RO oral – no trabalho)

2) “Mônica... ai desculpa... desculpa... eu achei que era a minha ex-mulher... assim... eu já ia te dar a maior bronca... que ela vive correndo atrás de mim atrás de dinheiro...” e tal ((risos)) “e eu... pra pagar **umas coisas aí**... cara... (Mônica – 23 anos – NEP oral – na PUC)

3) a pouca vergonha que acontece... agora... pouca vergonha tem em todo lugar... né? não é só no Brasil... em **todos esses países aí** os políticos... são sempre corruptos... né? (Regina – 23 anos – RO oral – na PUC)

4) acabou o financiamento... acabou tudo... tipo... dinheiro... né? Estava difícil... e ele passou uma... **uma crise danada aí**... (Regina – 23 anos – RP oral – na PUC)

5) a... a diretora falou pra gente pagar eh... a caixa escolar... pra ter sempre a merenda... e as vassouras pra limpar... o pátio... pra limpar... é pra limpar cozinha... e comprar os livros... porque a diretora disse que ela teve que comprar eu acho que **uns cinco livros aí**... (Ana Caroline – 11 anos – RO oral – na escola)

6) [tem que/] não sei tem **muitos jogos aí**... tem com macete... (Fernando – 9 anos – RP oral – na biblioteca)

7) I: teve um dia que a gente fomos pra uma festa de rua lá em::/ ah esqueci... esqueci o nome... ah... **um lugar aí**... aí... né? (Roselane – 15 anos – NEP oral – na biblioteca)

8) eu acho ruim... tanto faz pra mim quanto pros outros alunos... né? que a gente depende mais do estudo... mas com **essa greve aí** não dá pra gente estudar muito... né? (Rosilda-22anos – RO oral – na escola)

SN COMPLEXO

1) E: é? então me conta **uma dessas aventuras aí...** (Entrevistador – NEP oral – na biblioteca)

Anexo I – B: Usos do locativo lá

- Como dêitico:

Rio de Janeiro

1) Eu gosto muito dela porque minhas professoras são legais e também **o incino lá** nós não esquecemos quase nada. (Flávia V. – RO escrita)

- Como advérbio catafórico:

Niterói

1) eu olho **aquilo tudo lá embaixo**... (Eliane – 35 anos – DL oral)

2) eu acho que o problema é ele governar bem...ele ser um... um político que está:... dando conta **do recado lá no país dele**... (Eliane – 35 anos – RO oral)

3-4) eu senti **no ônibus alto lá atrás**...ou melhor... **no banco alto lá atrás do ônibus**... né? (Marcelo – 19 anos – NEP oral – no trabalho dele)

5) é um lugar assim mais arejado... mais fresco... tem **uma pracinha lá dentro** também boa à beça... (Mariana – 15 anos – DL oral – em casa)

6) só que aí bateu **uma amiga minha lá na porta de casa** me chamando pra ir... em seguida eu fui... (Mariana – 15 anos – NEP oral – em casa)

7) aí depois eu vou pra parte do cachorro... limpar lá as necessidades dele... aí dou um banho nele... e **na gatinha lá de casa**... (Mariana – 15 anos – RP oral – em casa)

8) **o trabalho lá de casa** (é) tudo bem dividido... (Mariana – 15 anos – RP oral – em casa)

9) **várias pessoas lá do colégio** que pode ser diretora... (Afonso – 15 anos – RO oral – em casa)

10) I: minha sala deve ter umas seis só... acho que tem **sala lá no colégio** que tem () duas (Afonso – 15 anos – RO oral – em casa)

11) vai nas árvores... faz **um lanchinho lá nas árvores**... (Afonso – 15 anos – DL oral – em casa)

12) e **o bar lá em cima**... (Afonso – 15 anos – DL oral – em casa)

13) a minha escola... a minha escola... ela é... bastante grande... ela tem... árvores... bastante árvores... tem a quadra... tem:: salas... tem refeitório... tem os banheiros... e tem **umas salas lá... lá atrás**... que... uma delas é a sala de *jiu-jitsu*... (Isabelle – 15 anos – DL oral)

14) eu me lembro um dia que eu estava... tava/ assim que eu entrei na escola... eu conheci::/ quando eu cheguei na escola... tinha um::/ só tinha **um lugarzinho lá na frente...** (Fábio – 27 anos – NEP oral)

15) aí o médico pediu um exame mais... detalhado... pra... pra saber o que que ele tinha... aí... fazendo (os) exames/ ele fez **exame lá... nas cordas vocais...** (Fábio – 27 anos – NR oral)

16) oh... o meu colégio... ele... é legal... tem uma quadra... de esporte... né? onde a gente praticava voleibol... futebol... tem **uma cantinazinha lá embaixo...** (Fábio – 27 anos – RO oral)

17) ... gosto na hora que a gente vai sair... que (a gente) encontra **um monte de colega lá fora...** (Flávio – 10 anos – RO oral – em casa)

18) é porque::... **a gente lá no colégio** aprende tudo... (Bruna – 10 anos – RO oral – em casa)

19-20) chamando um táxi aí ele fez assim:: o táxi parou... aí:: colocou **ele lá dentro...** aí levou **ele lá pro:: pro Antônio Pedro...** (Aline – 7 anos – NR oral – em casa)

SN COMPLEXO

1) E: como é que é **o relacionamento dos homens lá** com as meninas no seu colégio... Caso híbrido CAT / CL (Entrevistador: Eduardo Kenedy – RO oral – na casa do informante)

Rio de Janeiro

1) você se forma... você não tem esperança nenhuma... você enfia o canudo sabe **Deus lá onde...** - (André – 24 anos – RO oral – no CCBB)

2) o lugar que eu mais gosto de ficar é **no meu apartamento lá no Recreio...** (Daniel – 22 anos – DL oral – no quarto)

3) a decoração estão comprando **todos os móveis lá na Tok & Stok...** (Daniel – 22 anos – DL oral – no quarto)

4) só que ela... ela... ela::... tipo... estava nam/ começou a namo/ namorou não... ficou com **o cara lá no carnaval** ((riso)) que::... ela achou que... ele que era filho do deputado... (Mônica – 23 anos – NR oral – na PUC)

5) Como votar em Monarquia, República ou Parlamentarismo, e Presidencialismo quando a maioria da população não sabe nem o que cada um significa e às vezes nem sabe quem é o próprio prefeito ou governador de sua cidade ou estado respectivamente, como aconteceu com **a faxineira lá de casa.** (Mônica – 23 anos – RO escrita)

6) meu irmão estava me contando outro dia que::... ele conheceu um... **um cara lá em Friburgo...** que roubaram o carro dele... há pouco tempo aqui em Fri/ aqui no Rio... (Rafaela –

24 anos – NR oral – na PUC)

7) quando a onda vinha e::... dava... né? tipo... a espumara::da toda... e **eu lá no final**/ mas não ficava muita/ muito lugar raso assim... (Regina – 23 anos – NEP oral – na PUC)

8) aí chegou o Bocão “ah... são e/ são **elas lá no fundo?**” e tal... o Gigio “ah::... são...” “ah... ah... elas estão se afogando?” “ah... estão...” ((risos)) (Regina – 23 anos – NR oral – na PUC)

9) e **todo mundo lá no ônibus** xingando o motorista “seu motorista... vamos embora... vamos embora... vamos embora...” (Flávia – 19 anos – NR oral – em casa)

10) o motorista pegou e foi embora... deixou ela sozinha... e ela com a maior vergonha e todo mundo rindo **da cara dela lá no meio da rua** e ela sem graça ((riso)) aí foi isso... sabe? (Flávia – 19 anos – NR oral – em casa)

11) eu tinha saído com um menino... aí... quando dou conta ele estava dando **um maior show lá na frente**... fazendo um montão de coisa... (Flávia Regina – 18 anos – NEP oral – em casa)

12) como uma pessoa que ela tinha falado **numa boa lá atrás** chegou e assaltou ela na mesma hora? (Flávia Regina – 18 anos – NEP oral – em casa)

13) Uma amiga minha chamada Luana, que vivia c/ os meus pais e **seu irmão lá em Nova Iguaçu**. (Jean – 18 anos – NR escrita)

14) **o cara lá da... da supervisão do hotel**... veio também... perguntar o que que tinha acontecido... (Márcio – 16 anos – NEP oral – no quarto)

15) a gente ano passado fez uma comissão pra **grêmio lá na escola**... (Suzana – 18 anos – NEP oral – na casa dela)

16) a gente... descasca a batata... corta... depois lava... aí põe o óleo na frigideira... deixa ficar lá... um tempo... e depois põe **a batata frita lá dentro**... e espera... até ela ficar boa... (Valéria Cristina – 17 anos – RP oral – na casa da entrevistadora)

17) tinha uma roseira... ela levava **o cara lá pra roseira**... tá? (Yuri – 18 anos – NEP oral – em casa)

18) fiquei lá mesmo... eu perdi até a respiração na hora... fiquei... TUM... estatelado... e **ela lá no meio das rosas**... pra ninguém pegar... aquela desgraçada... (Yuri – 18 anos – NEP oral – em casa)

19) nenhum dos dois chegam a um acordo... aí foi quando ele comentou **isso lá embaixo**... estava eu... você... a Ana Paula... (Yuri – 18 anos – RO oral – em casa)

20) E quando eu quero esfriar a cabeça eu faço **natação lá** mesmo na piscina. (José Augusto – 15 anos – DL escrita)

21) daqui a pouco começou a correr **gente lá pra esquina**... (Queli – 15 anos – NR oral – na escola)

22-23) que ele foi com **os co/ camarada dele lá de... da área/ lá da Moricaba...** né? (Roberto – 15 anos – NR oral – na escola)

24) o que eu vou contar é... uma coisa... assim... meia triste... engraçada... eh... eh... teve um dia... que eu estava com **meus colegas tudo lá na rua...** (Ana Caroline – 11 anos – NEP oral – na escola)

25) um dia eu estava andando de **bicicleta lá em casa...** (Artur – 11 anos – NEP oral – na sala de aula)

26) logo na hora que sai do sol... ele pode... grudar na sua mão... e depois que você tirar do sol... e deixar **ele lá em cima...** você pode enfeitar de várias maneiras... (Flávia M. – 12 anos – RP oral – sala de aula)

27) Ela estava indo muito rápido com o carro , quando o ônibus bateu de frente com o carro dela, e o neném bateu no vidro e voltou, então ela saiu correndo com o neném no colo e deixou **o carro lá na rua.** (Flávia M. – 12 anos – NR escrita)

28) aí.. foram lá **todos eles lá pra praia...** aí teve uma hora que... veio uma onda muito alta... (Jéssica – 11 anos – NR oral – na escola)

29-30) eles dois ficaram **juntos lá... num/ numa ilha lá onde tinha pé de banana...** pé de maçã... tinha pé de tudo... lá... (Jéssica – 11 anos – NR oral – na escola)

31) furo o bolo... o bolo assim... pra deixar bem... furadinho... pra... pra mim quando passar o cho... o chocolate... cair **chocolate lá dentro do bolo...** (Mariana – RP oral – na sala de aula)

32) derepente ela sobe num baquinho e começa a brincar. aí a prima jogou **ela lá dentra,** ela ficou toda molhada a mãe dela vai numa loja e compra tudo roupa, calçinha e sapato (Patrícia – 13 anos – NR escrita)

33) depois puxa o papel... e bota na garrafa... aí onde que sai a Coca-Cola... bota o papel ali dentro... só botar... **o negócio preto lá debaixo...** (Rachel – 11 anos – RP oral – na escola)

34) aí eu fui jogar **bola lá de novo no chão...** na areia... né? (Rafael N. – NEP oral – na sala de aula)

35) isso eu... eu me... contaram nesse ano mesmo... eu achei muito triste... aí então... passou o:/: **um amigo meu lá da minha sala...** (Rafael S. – 11 anos – NR oral – na sala de aula)

36) o boato que eu/ está rolando lá no morro... é que a menina está:/: que **os meninos lá de cima** tão/ não tão gostando porque a menina está na... namorando uma polícia... (Roselane – 15 anos – NR oral – na biblioteca)

37) me contaram isso... também está **o maior boato lá no morro...** (Roselane – 15 anos – NR oral – na biblioteca)

38) limpa a galinha... aí vai... bota lá **o tempero lá nela...** bota... alho... bota... sal... (Roselane – 15 anos – RP oral – na biblioteca)

39) tem um jogo de sofá e um armariozinho que **a gente lá em casa** aproveita e passamos as nossas roupas. Etc... (Roselane – 15 anos – DL escrita)

40) as professoras () principalmente a:: tia Iná... ela... ela... dá duro... ensina a gente... passa dever... aí... né? tenho certeza assim que... ela vai fazer... **todo mundo lá na sala** passar... (Wellington – 11 anos – RO oral – na escola)

41-42) meu amigo... chegou lá na rua... aí/ ele estuda de manhã... né? aí... ele namorava **uma garota lá do Bancário**... né? eh... aí terminaram... aí ele ficava indo lá... aí ela... ela arrumou outro namorado... aí ele ficava indo lá pra... querer voltar com ela... aí ela não quis... aí... sempre ele ia lá... aí o namorado dela falou que ia pegar ele... que ia fazer () aí outro dia... né? ele foi pro colégio... aí o namorado de... dessa garota aparece/ ela... ela também estuda lá... aí a/ aí ele foi lá... com um bocado de moleque... foi pegar **ele lá no/ lá na escola**... pegou ele... machucou ele... (Adilson – 18 anos – NR oral – na escola)

43-44) meu quarto tem ventilador... tem som... tem no meu quarto... o armário... tem um armário... tem o... ventilador... tem **tudo lá dentro**... às vezes eu fico lendo **a Bíblia lá dentro do quarto**... (Francisco – 20 anos – DL oral – no refeitório)

45) bota o óleo no fogo... pra ferver... esquen... esquentar... põe **o bife ((riso)) lá dentro** (Rosilda – 22 anos – RP oral – na escola)

46) a baleia comeu o Pinóquio... o Pinóquio... acendeu **um fogo lá dentro da baleia**... soltar eles... ele e o amigo dele... (Camila – 6 anos – NR oral – na sala de aula)

47) ela subiu assim correndo... pra cima assim/ eu sei que minha rua/ **uma rua lá de casa** assim... (Suellen – 8 anos – NR oral – na sala dos professores)

48) depois... aí a gente/ depois chegou ali... na ladeira... depois a gente saímos corren/ eu rolando assim... e::... e aí fomos lá... depois **no chuveiro lá... lá na piscina**... (Thiago – 9 anos – NR oral – na sala de aula)

SN COMPLEXO

1) I: teve um dia que a gente fomos pra **uma festa de rua lá em::/** ah esqueci... esqueci o nome... (Roselane – 15 anos – NEP oral – na biblioteca)

➤ Como advérbio anafórico:

Niterói

1) eu não gosto assim... de ir a **um restaurante** e me esconder...então eles escolheram assim... **um cantinho lá::...** e eu estava querendo sentar já numa mesa... (Eliane – 35 anos – Niterói – NEP oral)

2) aí fiquei mais calmo... porque eu vi que tinha uma... **estradinha de terra**... que meu irmão podia encostar **o carro lá**... (Alex – 29 anos – NEP oral – na UFF)

3) eu saí... fui pro quarto... abri o **be rreiro lá** sozinha... (Mariana – 15 anos – NEP oral – em casa)

4) o colégio precisa de uma pintura geral... os alunos reclamam... mas... o mesmo ano é a mesm/todo ano é a mesma coisa... o ventilador... ele fica/ é um ventilador de teto... né? comum... só que ele não é ((riso)) como os outros... ele fica pendurado e conforme ele roda... ele balança... então ele fica... parecendo aqueles aviãozinhos de brinquedo? então... aí não pode ligar o ventilador... os alunos... os alunos são legais... esse ano... entrou **gente nova lá**... né? (Mariana – 15 anos – RO oral – em casa)

5) dizendo que o colégio não está em condições físicas... pra... continuar aberto... que precisam de... ter menos regras... né? porque tem **coisas lá** que são... tão bobi/ pouca/ são bobeyras... e o pessoal... ficam ali batendo na mesma tecla... (Mariana – 15 anos – RO oral – em casa)

6) E: de uma maneira geral então seu colégio é bom... você daria que nota pro seu colégio?

I: nove...

E: nove?

I: é...

E: tá faltando alguma coisa...

I:tá...

E: o quê?

I: diretora e meninas...

E: meninas?

I: é...

E: tem **poucas meninas lá**? (Entrevistador: Eduardo Kenedy – RO oral – na casa do informante)

7-8) I: o clube é bonito... tem várias árvores... paisagem bonita... lá é divertido... o mal que só abre quinta... sexta...sábado e domingo... não abre todos os dia da semana... lá eu pratico a natação... jogo bola... solto cafifa... e um montão de coisas...

E: é **grande lá**?

I: é... bastante... tem árvores... árvores grandes...o clube é grande... tem campo... quadra... tão construindo a sauna... a piscina é grande... eh... e... g/ bastante grande... tem... tem lá/ tem uma rua que corta no meio das árvores aqui assim... as árvores... árvore frutífera... aí... quando a gente está com fome a gente sai da piscina... vai nas árvores... faz um lanchinho lá nas árvores... aí desce volta a jogar bola... a quadra... a quadra é pequena... o campinho também é pequeno... (de vez em quando a) gente fica na piscina... que é grande... a piscina é rodeada de árvores... a piscina no meio e as árvores aqui assim... e o bar lá em cima...

E: **muito bonito lá**... então? (Entrevistador: Eduardo Kenedy – DL oral – na casa do informante)

9) fomo para o/ fomo para o clube que estava/ que estava havendo **um baile lá**... (Afonso – 15 anos – NEP oral – em casa)

10) I: é que eu fui pra Laranjais... e fiquei com meu primo... aí... a gente ia no rio... saía... be/ bebia Coca-Cola... comia... dormia... saía com meu pai... até sábado... aí quando deu sábado a gente foi... eh... tomar sorvete... e... quando chegamos... eh... eh... a gente:: arrumamo a mala pra ir embora... aí foi domingo... aí estava passan/ passando por... Campos... Laranjais... pra

falar com outros pessoas... aí... enquanto isso a gente ia pa/ parano... eh... a gente ia... assim... paramo... sentia sede... paramo... eh... no:: ponto... eh... onde para o ônibus... sabe? eh... aí a gente parava lá pra comer que/ dava muita fome... sabe? cansava o pé... de tanto botar o freio EEIINN... aí... aí... quando a gente chegamo aqui... todo mundo ficou alegre... aí abraçamo... aí (t)epois minha irmã... em julho... viajou... aí também () eu viajei com ela mas... mas eu:: eu fiquei pouco... aí voltei com minha... minha prima...

E: foi quando isso?

I: eh... em julho... na semana sarta...

E: é? na semana passada... esse an/ nesse ano? aliás...

I: aí tinh/ tem **rio lá**... é bom/ é bom... (Flávio – 10 anos – NEP oral – em casa)

11) E: Flávio... agora... pra encerrar a nossa entrevista... você vai me contar... o que que você acha... do seu colégio... qual e/ qual a opinião que você tem a respeito do seu colégio...

I: eh... eu gosto de tudo de lá... gosto do... eu gosto do:: gosto do recreio... das sala de aula... eh... sabe? do campo de futebol... eu gosto mais do campo de futebol porque ele () eh:: ele não é... ele não é grama... ele é melhor/ eh... campo de/ eh... esse campo tem.../ pode jogar vôlei... e:: vôlei e basquete... gosto do:: sabe? eh... das eh... de tudo de lá... eh... do... dos... eh... como assim? eh... quando a gente sai da/ quando a gente vai descer... tem uma parte lá... (uma que) tem um monte de:: eh... igual ao redondo... sabe? redondo... aí eu gosto de usar aquelas partes que você pode ficar lá...

aí () pode jogar bola... que a diretora deixa... deixa entrar... já fica aberto não tem nada de botar cadeado... e:: gosto da sala de aula... melhor coisa... que/ você/ quando você fica/ você entra tem nada pra/ eh... faz só dever dever dever nem pensa em... em recreio... aí também eh... também (quando)/ (quando) a professora... eh.../ quando tem... assim... eh... três horas... aí... a gente quer saber só de aula... não quer saber de ir embora não... que é tão bom ficar na aula... agora quando às vezes assim... não dá vontade de ir... aí tem que ir que tem que estudar... aí... gosto do quê? eh... gosto do... **da merenda lá** que é bom pra caramba... né? (Flávio – 10 anos – RO oral – em casa)

12) e gosto na/ da sala de aula... que a professora é legal... gosto de todo mundo de lá da minha sala... e... e... gosto de jogar futebol com meus colegas... gosto de conversar... gosto de brincar... gosto de...

E: você tem **muitos colegas lá**? (Entrevistador: Eduardo Kenedy – RO oral – na casa do informante)

13) E: e a pracinha? me conta como é que é a pracinha... tem **um montão de bancos lá**... não é? (Entrevistador: Eduardo Kenedy – DL oral – no Ciep)

14) E: e como é o Campo de São Bento? o que tem lá?

I: um monte de brinquedos... [ahn] ahn::... tem um lugar (é) que tem um patinho... peixinho... e (sei lá) tem::... eh... **uns campinhos lá**... e tem um monte de laguinho... e::... tem tudo... (Aline – 7 anos – DL oral – em casa)

Rio de Janeiro

1-2) é que eu cheguei em torno de::... nove horas no::... no meu antigo estágio... na Light... que é na Presidente Vargas... meia quatro dbis... décimo quarto andar... e:: chegando lá... como... entrou um novo estagiário por... eu ter saído... entrou esse novo estagiário... e ele era::

ele era crente... e eu não sabia o cara era crente... e o sobrenome do cara era Arruda... e::quando vieram **sacanagem lá**... porque:: na sala... uma vírgula é um pala/ é porra... porra é **uma vírgula lá**... (André – 24 anos – NEP oral – no CCBB)

3) e depois ia(m) retornar à França com o rapaz pra cirurgia... aí esse rapaz foi ao consultório do médico... assim que:: o médico chegou no Brasil... e o médico falou que não... que ia tentar fazer a cirurgia aqui... e já não deixou ele sair... ir pra casa... mas ele falo/ e o rapaz falou “não... mas... não era pra gente fazer **a cirurgia lá**:: com a equipe?” (Érica – 24 anos – NR oral – em casa)

4) quando ele abriu o carro estava **tudo lá**... neguinho deve ter usado o carro pra alguma coisa... (Rafaela – 24 anos – NR oral – na PUC)

5) O Pico da Caledônia é um lugar onde me sinto bem e gostaria de estar sempre. No entanto ele fica distante e não de fácil acesso. Ele fica na minha cidade origem, Nova Friburgo, a 2083m de altitude. Para chegar lá tem que se passar por uma estrada, depois subir um morro íngreme que leva mais ou menos uma hora e por último mais 600 degraus. Em compensação, **a chegada lá** é indescritível: lindíssimo, paisagem perfeita, maior astral são palavras pequenas para aquele lugar tão sublime. (Rafaela – 24 anos – DL escrita)

6) eu dei um pulão pro ((riso)) alto... e queimei a parte todinha de trás... fiquei com uma... **uma bolha lá**... durante uma semana mais ou menos... (Fábio – 18 anos – NEP oral – no quarto)

7) uma vez... minha irmã foi pra Paquetá com os amigos... aí eles alugaram **bicicleta lá** e resolveram... conhecer a ilha... (Isabel – 18 anos – NR oral – em casa)

8) Num desses verões minha irmã e um grupo de amigos resolveram ir à Paquetá, passar **um dia lá**. (Isabel – 18 anos – NR escrita)

9) ah... onde eu gosto de ficar? na sala da minha casa... por quê? tem um som... que agora eu adoro... ((riso)) agora não... eu sempre gostei... tem o som... tem a televisão também que eu adoro assistir... tem... um aquário... que eu mesmo cuido... lavo... ponho... ponho comida pros peixes... adoro mexer com aquário... e... tem **o sofá lá**... que eu fico deitado... (Jean – 18 anos – DL oral – na sala da entrevistadora)

10) primeiro de tudo... eu gosto muito de estudar... e de fazer... instalação... eu trabalho na Light... né? faço **instalação lá**... a... a que eu gosta/ até hoje a que eu aprendi. (Márcio – 16 anos – RP oral – no quarto)

11) começamos a subir a Cidade Alta... né? e lá é... totalmente escuro... ta entendendo? e::... tem **uma subida muito estranha lá** que parece... cheio de favela... ta entendendo? (Wagner – 18 anos – NEP oral – na casa de uma amiga)

12) eu gosto muito/ tem... tem esse barzinho... né? o... Segóvia... a gente agora/ inclusive agora a gente vai/ tem **um programa lá** no sábado... (Yuri – 18 anos – DL oral – em casa)

13) eu... na outra escola... eu queria terminar **o primeiro grau lá**... (Carla – 16 anos – NEP oral – na sala de aula)

14-15) na minha casa eu não gosto muito de ficar não... eu prefiro ficar na casa da Aline... que... lá... eh... **o pessoal lá** é gente/ eles são meio/ muito brincalhona... aí fica com **o pessoal lá**... (Carla – 16 anos – DL oral – na sala de aula)

16) Isso me deixou muito triste por que eu estudava nessa escola desde criança e infelizmente não pude concluir **o 1o grau lá**. (Carla – 16 anos – NEP escrita)

17-18) eu gosto de ir pro Rio da Prata... que lá é um lugar calmo... é cheio de árvores... é/ tem um pouco de mata fechada... tem cachoeira... pra gente tomar banho... tem **umas frutas lá**... mas tem bastante sítio também... e eles/ eu não/ é **bom lá** à beça... (Cristiane – 16 anos – DL oral – na escola)

19-20) bom... atualmente... nos finais de semana... eu vou pra casa da minha avó... que lá... é muito tranqüilo... lá é um... é um lugar bom de se ficar... tem muita... muita/ tem **a praia lá**... ah... no salão de jogos... lá... ah... lá tem sinu::ca... tem totó... tem **uma quadra lá** de... basquete... mas pequenininha... (José Augusto – 15 anos – DL oral – na escola)

21-22-23) no meu quarto? tem carpete... tem... as roupas que fica dentro do guarda-vestido... eh... eh... várias coisas enfeitando **a estante lá**... eh... pato de louça... várias coisas...

E: me conta... pode contar tudo...

I: eh::... ah... tem **um sofá lá** que minha mãe tirou... da sala... colocou no quarto... tem::/ fica **minha bola lá**... meu jogo de... frescobol... (Nilson – 14 anos – DL oral – na sala de aula)

24) gosto de ficar na casa da minha ti/ minha avó... lá na Barra de Guaratiba... que **a casa lá** é bonita... (Olivaldo – 18 anos – DL oral – na sala de aula)

25-26) também eu posso ficar na praia... que tem árvores em volta... pra/ que refresca um pouco... tem **umas pedra grande lá** que dá pra mim mergulhar... dá pra mim brincar com os colega dentro... dentro d'água... **a areia lá** é boa... (Olivaldo – 18 anos – DL oral – na sala de aula)

27) o lugar que eu mais gosto de ficar é no quarto... lá tem a minha cama... a cama da minha irmã... o guarda-roupa em frente à cama... a televisão fica do lado... a bicicleta também fica lá dentro... as paredes são brancas... o quarto é bem alto... o teto é bem alto... o quarto não é tão grande... é médio... eh... o chão... o chão eh... tem tapete... é **todo atapetado lá**... (Patrícia – 15 anos – DL oral – na sala de aula)

28) ontem... ontem eu/ meu colega... o Olivaldo da minha sala me chamou pra ir... no... no rodeio... aí eu/ ontem eu falei pra ele que não podia ir não... porque eu já tinha ido sábado... aí ontem eu não estava a fim de ir não... aí ele foi... né? aí chegou hoje de manhã aqui... ele falou que teve **briga lá**... (Roberto – 15 anos – NR oral – na escola)

29) meu quarto tem um armário... uma cama... tem televisão... som... tem ou... outra cama do/ eh... no outro lado... que é uma pra mim...

() uma cama pra mim... uma pro meu irmão... aí tem um armário pra nós dois... **ele lá**/ tem tapete... tem uma/ um frigo... frigar... (Roberto – 15 anos – DL oral – na escola)

30) tem a minha bicicleta... que também fica no meu quarto... tem meus pôsteres... fica na parede... (tem mais o que/) eh::... as coisas que eu penduro lá... né? **minhas coisas lá**... (Sônia – 14 anos – DL oral – na sala de aula)

31) aí eu cheguei em casa... tá... aí eu passei assim pela janela... estava **todo mundo lá** chorando e a casa cheia... (Viviane – 15 anos – NEP oral – na escola)

32) no quarto... é... o lugar que eu mais gosto de ficar () no quarto... eh... da casa da minha tia... que... pô... **o quarto lá** é... mu/ é ótimo... (Viviane – 15 anos – DL oral – na escola)

33) aí minha avó... minha avó Severina foi pra lá... pro Norte... ficou lá... passou **alguns tempos lá**... foi no... no enterro dela... e... eu fiquei em casa... chorando... (Alaine – 9 anos – NEP oral – na biblioteca)

34) ele falou que foi num barco... que tinha um monte de gente importante... que ele/ acho que isso aí é mentira... que ele... comeu mui::to... que... que o pai dele... que o pai dele... eh... foi embo::ra... deixou **eles lá** sozi::nho... (Alexsandro – 10 anos – NR oral – na escola)

35-36-37-38) E: Caroline... me conta aí... qual é a/ o lu/ a casa... que você mais gosta de ir... na casa de quem que você mais gosta de ir?

I: uhn... eh... dos patrões da minha avó...eh... a sala é enor::me... eh... e... eh... eh... também tem um corredor... compri::do à beça...aí chega no final do corredor é o quarto da... eh... da filha deles... aí... aí eh... lá tem uma porção de coisa... sabe? é... é... é tudo que uma menina gosta... maquiagem... ih::... fiz **a festa lá**... eh... também tem o quarto da/ eh... do patrão e da patroa dela... a cozinha é enorme... eh... aí... eh... tem... sabe? **aqueles banheiros bonitinho lá**... todo cheio de... banheira assim... ih... adorei... aí tem... eh/ e também tem o quarto de empregada... lá... eh... lá é legal de ficar... dá pra/ dá até pra dormir que é tudo escurinho assim... é bem/ é legal... já brinquei de **pata-cega lá** com a minha prima aí...

E: brincou de quê?

I: pata-cega... aquele negócio que tampa o olho aí fica lá na escuridão... aí/ é? e **uma varan::da lá**... que dá de frente ao mar... porque... ela mora em frente à praia... (Ana Caroline – 11 anos – DL oral – na escola)

39) mas como é que é a casa? dos teus tios... tem **algum lugar lá**... na... na casa dele... que você gosta assim mais... de ficar? (Ana Maria – 12 anos – DL oral – na biblioteca)

40-41-42) o local onde que eu gosto mais de passear... é na Fazenda Alegria... lá tem piscina... tem... eh... ponte do Indiana Jones... cordinha do Indiana Jones... tem **muita coisa lá**... tem... um... um... um elefante que solta água pela **tromba lá**... chuveirinho... tem cogume::lo... lá... que solta água... também... tem... tem **muitas coisas lá** que eu adoro... (Carlos Vinícius – DL oral – sala de aula)

43) eu estou lá dentro de sala... mas não conseguia me acostumar... porque entrou **uns grandes lá** agora... (Fernando – 9 anos – RO oral – na biblioteca)

44) o lugar onde eu mais gosto de ficar... é em Miguel Pereira... lá é muito bom... tem duas piscinas... uma bem funda... e bem grande... e a outra pequenininha... pra crian... pra crianças menores... lá é muito grande... tem charrete... tem... eh... cavalo... e é muito grande... lá também tem... uma moça... lá na cozinha... que ela tem uma... uma... lata cheia de bombom... e estava bem cheia... no dia que eu fui pra lá... eu as minhas irmãs... acabamos com **tudo lá**... (Flavia M. – 12 anos – DL oral – na sala de aula)

45-46) dentro do... do... do clube... a gente abre uma porta sai numa floresta... lá dentro dessa

floresta... tem um mon/ tem uma árvore cheia de... amora... maçã... um monte de frutas... eu gosto de ficar lá... porque tem muita criança também... e... toda vez que eu vou pra lá... chega uma excursão... nessa excursão vai muita pessoa que eu conheço... e... uma vez eu fui andar de **cavalo lá**... eu e a minha mãe... o cavalo/ a minha mãe bateu com a/ com o sapato no cavalo... o cavalo saiu correndo... aí a gente/ aí nós se perdemos... fomos parar lá perto do/ de um rio... aí nós ficamos lá um tempão... umas três horas... lá naquele rio... tinha cobra... tinha um montão de bicho... depois veio **um carro lá**... pegou a gente levou a gente de volta lá pro clube... (Flavia M. – 12 anos – DL oral – na sala de aula)

47-48) I: ela falou que terminou com um::/ aí ela e esse garoto novo... o colega da prima dela... eh::... ficaram... só/ eles tinham se separado... pra procurar os pais... aí... eh::... eles dois ficaram juntos lá... num/ numa ilha lá onde tinha pé de banana... pé de maçã... tinha pé de tudo... lá...aí ((riso)) ela fez uma fogueira lá... pegou **peixe lá**... fri/ eh... botou lá no fogo... ficou só os dois lá... aí... eh... disse que... toda hora que ela ia/ ela comia uma fruta... toda hora... aí tinha uma porção de comida lá... ela estava um... um tempão lá... ela dormi/ ela ficou **um dia lá**...(Jéssica – 11 anos – NR oral – na escola)

49) Eu adoro Brasília porque la é diferente, eu nasci lá, não sei como explicar. Eu adoro Brasília.

Lá os Shopping, as lojas, os restaurantes, lanchonetes, são todos juntos.

Lá é muito legal (minha opinião porque tem gente que não gosta dela).

La as ruas, os nomes delas são todos diferentes.

La é o lugar ideal para mim.

Só que eu não posso morar lá.

Porque eu ja tive **7 pneumonias lá**. (Juliana – 11 anos – DL escrita)

Eu tenho alergia do ar de lá

50-51) Onde eu gosto de ficar, passear ou brincar é na "Fazenda da Alegria". Quando eu fui lá eu estava muito ansiosa e animada. Só tinha muitas piscinas, **vária árvores lá** há ladeiras, cipó do tarzam e muitas outras brincadeiras. Eu passei **um dia lá** inteiro e foi muito divertido. (Letícia – DL oral – na sala de aula)

52) eu acho a minha escola muito legal... porque nela... tem inspetoras... professoras legais... tem... diretoras... cantina... que a gente pode comprar **muita coisa lá**... . (Mariana – RO oral – na sala de aula)

53) assim quando a gente... passeia... lá pelo... Campo de Santana assim... a gente vai pra lá... a gente fica/ quando eu vou pra lá eu fico mais ou menos umas... três horas... ou en/ às vezes até... a tarde inteira... assim num sábado... ou num domingo... porque... aí eu jogo **bola lá**... (Rafael S. – 11 anos – DL oral – na sala de aula)

54-55-56) lá também no... Campo de Santana... tem **um... laguinho lá** que eu adoro ficar lá perto... aí sempre que eu vou também eu trago um pouquinho de pão... porque tem **uns patinhos lá**... aí eu vou... aí fico ali na beiradinha... taco... taco o::... pão... mas tem **um peixe lá**... que ele é... safado... porque... quando os patinhos vêm... ele pula... (Rafael S. – 11 anos – DL oral – na sala de aula)

57) eu gosto de... de... passear... brincar... lá em Itaipava... porque lá... tem um campo de futebol enorme... dá pra gente pular... brincar... correr... dançar... fazer uma porção de coisa... também tem campo de basquete... de vôlei... que eu gosto de jogar com o meus colegas... tem

uma... mesa de pingue-pongue... a gente joga **as partidas lá**... (Thiago – DL oral – na sala de aula)

58) E: e o que mais tem lá em Salvador?

I: ah... tem... cachoeiras... é muito legal... eu vou pra lá... eu gosto... ah... eu go/ acho legal... lá a gente fica livre... mas tem muito roubo... essas coisas... lá o pessoal é muito descarado... fa... fala o que pensa... **o pessoal lá** é muito... sabe? mas é legal... (Viviane – DL oral – na sala de aula)

59) aí esse garoto... me levou pra casa da tia dele... do pai dele... aqui mesmo na () rua que () na casa do pai dele... então fiquei morando **um bom tempo lá**... (Jucineide – 19 anos – NEP oral – na escola)

60) aí... de repente eu cheguei do trabalho... eu passei na casa dele... dei **uma passadinha lá** pra ver se ele estava em casa... (Maria Rosa – 42 anos – NEP oral – no trabalho)

61) se fosse pra delegacia... que horas que ela ia chegar em casa? chegar no dia seguinte... que ia ficar **todo mundo preso lá** pra dar... entre... entrevista... (Maria Rosa – 42 anos – NR oral – no trabalho)

62) E: e o que que você acha da sua::... da sua escola?

I: eu acho legal...

E: por que que você acha legal?

I: porque::...é porque lá tem muito colega... bom... meu... né? a/ é a Eloísa... a Luana... e o Alex... a Vanessa... eh::... todo... **todo mundo lá**... a Leila... a Liliane... (Juliana – 7 anos – RO oral – na sala dos professores)

SN COMPLEXOS

1) eu ia tocar no GREIP no IAPI... e:: fui pra lá cedo pra arrumar o... equipamento... mas/ eu ia tocar com:: um/ com as caixas de som de uma equipe... e eu:: fui pra lá cedo armei as coisas... e desde o começo a equipe de som ficou pro/ me provocando... querendo que eu tocasse Brasileirinho na guitarra e essas coisas assim... querendo mos/ que eu mostrasse que eu sabia tocar guitarra... aí:: eu passei o som... testei a aparelhagem toda... e um pouco antes de começar o show a gente passou o som mais uma vez... o som estava perfeito... aí:: um pouco antes de... de eu me apresentar... a Transamérica fez **uma distribuição de brindes lá**... (Carlos – 18 anos – NEP oral – em casa)

2) aí começamos a subir... subimos... coisa de meia hora... subindo a Cidade Alta... chegamos lá em cima... tinha **um baile de funk lá** da... Cash Box... (Wagner – 18 anos – NEP oral – na casa de uma amiga)

3) o lugar que eu mais gosto de ficar... é no Ola/ no baile do Olaria... porque lá eles usam/ é um baile que eles usam o clube todo... tá entendendo? pra... pra dar o baile... e:: você tem **várias opções de diversão lá**... tá entendendo? (Wagner – 18 anos – DL oral – na casa de uma amiga)

4) A sala de jogos é um lugar espetacular, lá eu passo horas do fim de semana praticando

jogos como: totó, futebol de salão, vôlei, sinuca, e outros. O jogo de totó é oficial e bom de jogar, A quadra de basquete é bastante reduzida por causa do meu primo de sete anos de idade, **o futebol de salão lá** é bom com muita gente, (José Augusto – 15 anos – DL escrita)

➤ Como clítico:

Niterói

1) quando ele está invadindo lá... o país... que ele quer dominar **aquela área lá** petrolífera... (Eliane – 35 anos – RO oral)

2) I: aí tinha que mostrar pro... pro... **pro diretor lá** que estava organizando a... a... peça... né? (Pablo – 17 anos – NEP oral – na sala de aula)

3) fiquei lá... ninguém vendo... só o pessoal mesmo que ia fazer... aí me pediu pra fa/ pra apresentar... o... o... **o diretor lá**... ele deixou... e fomos... subimos... fomos apresentar... (Pablo – 17 anos – NEP oral – na sala de aula)

4) E: você me disse que é **uma vila lá**... que tem uma entrada... uma saída... como é que é? Me descreve... (Entrevistador: Eduardo Kenedy – DL oral – na casa da informante)

5) aí me apresentaram um garoto chamado Rogério... aí rolou **o clima lá**... né? (Mariana – 15 anos – NEP oral – em casa)

6) que estava querendo que pegue um bicho... aí apareceu lá nim casa eu falando que eu tenho **um gafanhoto lá**... falando que eu vou pegar... (Luiz Eduardo – 7 anos – RP oral – em casa)

7) tinha também um:: **um troço lá**... que a gente subia... (Luiz Eduardo – 7 anos – DL oral – em casa)

SN COMPLEXOS

1) e que depois fo/ na hora de:: tirar o corpo... né? tinha **muito caco de vidro lá**... (Priscila – 17 anos – NR oral – na casa de uma amiga)

2) E: como é que é **o relacionamento dos homens lá** com as meninas no seu colégio... Caso híbrido CAT / CL (Entrevistador – Eduardo Kenedy – RO oral – na casa do informante)

Rio de Janeiro

1) pô... daqui a pouco **um negão lá** gritou ...pô “pega os mauricinhos... pega os mau” (Daniel – 22 anos – NEP oral – no quarto)

2) e o motorista do táxi tranqüilíssimo... ligando já pra::/ pegou **o rádio lá** que tem no táxi e

ligando lá pra Central... (Daniel – 22 anos – NR oral – no quarto)

3) apareceu um::... um... negócio nas costas dele que ele não sabia o que que era... aí ele foi ao médico... aí o médico olhou e falou que era **uma doença lá**... alguma coisa que ele ia ter que o/ eh... fazer uma cirurgia... (Érica – 24 anos – NR oral – em casa)

4) e:: eles estudaram **o caso lá** desse rapaz... (Érica – 24 anos – NR oral – em casa)

5) aí me contaram... tipo... estava/ quem é que estava lá? foi... Carla... Ainá... Patrícia... e:: **um outro pessoal lá**... e foi/ aconteceu exatamente a mesma coisa... (Regina – 23 anos – NR oral – na PUC)

6) acabou que um... **um surfista lá** ajudou a Patrícia a sair da água... (Regina – 23 anos – NR oral – na PUC)

7) sabe? ela teve que/ ela depois teve que pegar **o ônibus lá**::/ teve que andar pra caramba pra pegar outro ônibus porque dali todo mundo já ia encarnar nela... (Flávia – 19 anos – NR oral – em casa)

8) aí tu vai... bota um pouquinho de óleo... aí depois tu põe **o macarrão lá**... aí deixa ficar dez minutos... (Jean – 18 anos – RP oral – na sala da entrevistadora)

9) aí começamos a subir... subimos... coisa de meia hora... subindo a Cidade Alta... chegamos lá em cima... tinha um baile de funk lá da... Cash Box... e:: **uma outra equipe lá** estava maior barulheira... (Wagner – 18 anos – NEP oral – na casa de uma amiga)

10) aí a... a minha colega contou que essa moça... nem estava com muito dinheiro... porque era **a mãe dela lá**... e nem estava com muito dinheiro... (Cristiane – 16 anos – NR oral – na escola)

11) acabou que os caras levaram o relógio dela...e deixaram ela... assim jogada **no chão lá**... né? - (José Augusto – 15 anos – NR oral – na escola)

12) eu vou pro quarto... quando eu estou triste também eu ligo... boto música **no último volume lá** de rock... fico cantando lá sozinho... (Nilson – 14 anos – DL oral – na sala de aula)

13-14) tá... eh... eu estava vindo da casa da madrinha da minha irmã... aí ao passar em frente de **um beco lá... tudo escuro lá**... (Patrícia – 15 anos – NEP oral – na sala de aula)

15) eu não tinha vindo na escola... e quando eu cheguei no outro dia me disseram que a minha melhor amiga... a Jussara... levou uma suspensão por ter... respondido à diretora... aí... né? fiquei triste... também minha melhor amiga... né? aí::... ela foi suspensa... só vai voltar em agosto... na aula de português... né? aí a professora... estava dando aula para quinhentos e... quinhentos e três... e pra gente... que é oitocentos e um... aí **na aula lá**... a::... a gente estava fazendo muita bagunça... e a professora chamou a diretora... (Patrícia – 15 anos – NR oral – na sala de aula)

16) aí... o::... irmão dele era meio nervoso assim... aí pegou... deu um chute na... na perna de um **cara lá**... (Roberto – 15 anos – NR oral – na escola)

17) aí ele falou que saiu correndo lá pro... lá **pro morro lá**... ali perto do rodeio que tem... sabe? que era perto de um morro... (Roberto – 15 anos – NR oral – na escola)

18) até ficaram de aparecer hoje aqui no colégio... **os cara lá** que ele brigou... (Roberto – 15 anos – NR oral – na escola)

19) os moleque vão... vão chegar aí pra falar com ele... porque foi eles que provocaram... mas foi/ não foi ele que provocou não... foi **os moleques lá** que provocaram... (Roberto – 15 anos – NR oral – na escola)

20-21-22) aí a mãe dela disse “oh... então gente... eu acho que... tem que levar... num centro... pra... ver... fazer qualquer coisa... porque se... está... atrapalhando mesmo... tem que fazer alguma coisa...” aí elas foram **num centro lá**... e... fizeram **um negócio lá** que eu acho que era o tio dela... era uma pessoa... não sei quem é que estava... que morreu... que estava perseguindo ela... assim... né? aí... ela... fez... **uma... reza lá**... e... sumiu... mas ela ainda ficou assustada... (Angela – 12 anos – NR oral – na sala de aula)

23) eu só me lembro... que foi ontem... até... a minha colega falou pra mim... que:: tinha uma:: moça... irmã de um::... de **um homem lá**... que trabalha lá numa vendinha... (Jéssica – 11 anos – NR oral – na escola)

24) não... primeiro eles saíram num *jet-ski*... que a minha colega falou... foram pra **uma ilha lá**... não sei aonde... deserta... (Jéssica – 11 anos – NR oral – na escola)

25) e a garota estava toda arrumadinha... subiu em cima do... **do coisa lá**... do... do banquinho do chafariz... (Patrícia – 13 anos – NR oral – na sala de aula)

26) a história que eu vou contar... é triste... foi minha mãe que contou... né? teve um dia... que ela estava vindo buscar a gente... eu... né? no colégio... aí ela estava no dois... quatro... nove... aí ela estava vindo... passou assim perto do/ da faculdade... né? ali na Praça da Bandeira... aí... um... um ônibus estava cortando o dois... quatro... nove... na mesma hora... bateu... num garoto... na cabeça de um garoto... aí o garoto atropelou... sorte que tinha um... cara... assim na calçada... viu e... puxou... senão... o ônibus ia passar por... por cima do garoto... a minha mãe/ quando o ônibus deu a freiada... a minha mãe foi na frente... quase que bate a cabeça no... ferro... né? aí minha mãe “aí... meu Deus... o que aconteceu?” quando ela foi... tinha **um garoto lá**... com a cabeça toda sangrando... (Rafael N. – NR oral – na sala de aula)

27) ela estava conversando... estava distraída... aí ela... deu/ quando o ônibus deu a freiada... né? eu te contei... quase que bate... a cabeça no ferro... e ela/ a colega dela... caiu no chão... quando caiu... ralou o dedo dela... ralou o dedo... ela “aí... aí... meu dedo... meu dedo...” aí... minha mãe... enrolou com **um negócio lá**... (Rafael N. – NR oral – na sala de aula)

28) I: teve um dia que a gente fomos pra uma festa de rua lá em:// ah esqueci... esqueci o nome... ah... um lugar aí... aí... né?
aí os garotos tudo mexendo com a gente... falando que os viados ia matar a gente... a... a::... a perua que estava lá esperando lá o homem... **outro homem lá**... (Roselane – 15 anos – NEP oral – na biblioteca)

29) bota... alho... bota... sal... bota vinagre... bota aquela/ bota louro... louro não... eh... ah... bota lá () dentro... pra dar mais sabor... aí... na hora de fazer... pega... a panela... bota um

pouquinho de açúcar... aí bo/ aí deixa... o açúcar ficar bem pre... pretinho não... deixa o açúcar ficar moreno... aí bota o óleo... aí vai... bota a galinha... aí deixa **a galinha lá**... aí quando ela tiver bem... (Roselane – 15 anos – RP oral – na biblioteca)

30) pego uma madeira... duas madeiras... a... aí... coloca uma deitada... e outra... e/ eh... na barriga dela... pega um arame... amarra... depois pinta cor de ouro... aí desenha **um santo lá** e che/ e pronto... (João – 6 anos – RP oral – na sala de aula)

31) **uma mulher lá**... eh... que a filha dela... né? pegou... uma catapora lá... na escola... né? aí depois passou essa capa/ essa catapora... pra irmã dela... (Juliana – 7 anos – NR oral – na sala dos professores)

32) eu estava lá dentro... lá... lá... lá no quintal assim de casa e... aí fingindo que minhas filhas foram... foram no portão... mas só que meu portão de verdade... mas só... que aconteceu lá... **uma menina lá**... um/ ela estava correndo... ela subiu assim correndo... (Suellen – 8 anos – NR oral – na sala dos professores)

Anexo I – C: Usos do locativo *aqui*

➤ Como dêitico:

Niterói

1) a vista mais bonita assim da Baía... que tem é essa... é **essa daqui**... que você vê a boca da Baía... a ilha... a:... a igreja... que fica bem de frente à entrada da Baía... o Cristo... o Pão-de-Açúcar... tudo junto... (Aydano – 30 anos – Niterói – DL oral)

2) eu vou descrever o:: Fórum Cultural... foi onde eu estudei... em noventa e oito... inteiro... ele é um lugar muito bonito... vou te explicar **a divisão aqui**... você::... ao chegar... você entra... tem u... uma... portariuzinha ali... na frente... bonita... (Pablo – 17 anos – DL oral – na sala de aula)

3) ... eu passei na roleta do ônibus... botei **o dinheiro aqui**... ele puxou o dinheiro... e viu a minha carteira... (Marcelo – 19 anos – NEP oral – no trabalho dele)

4) aí a gente tinha **uma vendedora aqui** que ele era muito amigo... uma menina chamada Adriana... Marcelo – 19 anos – NR oral – no trabalho dele)

5) porque **o pessoal daqui**... sei lá... eles são muito estranhos... fofos... então:: não é boa influência... (Mariana – 15 anos – DL oral – em casa)

6) aí todo dia a gente marca no mesmo horário com o pessoal (pra) ficar lá... **diferente daqui**... (Mariana – 15 anos – DL oral – em casa)

7) **esse bairro aqui** eu acho que tinha que mudar... (Isabelle – 15 anos – RO oral)

8) eu olhei pra cara dela... e falei ‘aqui... você gostou? **isso aqui** é pra você...’ tirando o relógio do braço e dando pra ela... (Isabelle – 15 anos – NR oral)

9) I: eu não sou de sair muito... mas tem **um lugarzinho aqui** que é especial... é a quadra... (Isabelle – 15 anos – DL oral)

10) I: eu acho o CIEP muito... bom... tem muitas professoras boas... ensinam muito bem... é muito bom... **as professoras daqui** são muito inteligente e as professoras sendo inteligente... ensinam mais às crianças... (Elizângela – 10 anos – RO oral – no Ciep)

11) ensinam mais às crianças... do que as professoras que não sabem pra/ não dá pra ensinar... por isso é muito bom... é **um CIEP aqui**/ tem muita gente legal... muita gente bonita... (Elizângela – 10 anos – RO oral – no Ciep)

12) uma coisa triste... mas que quando eu tinha três anos... eu caí... aí tá até **a cicatriz aqui**... (Aline – 7 anos – NEP oral – em casa)

SN COMPLEXO

- 1) semana passada ou retrasada no **horário de aula aqui**...morreu um cara aqui na frente... (Isabelle – 15 anos – RO oral)
- 2) mas tem **um cursinho de vestibular aqui** que está vendendo... Caso híbrido D / CL (Priscila – 17 anos – NEP oral – na casa da amiga)

Rio de Janeiro

- 1) (fico) entre a rede e **essa cadeira aqui**... eh::... a cadeira é o melhor lugar pra estudar... (Érica – 24 anos – DL oral – em casa)
- 2) depois veio esse Collor agora... o último... detonou... **essa empresa aqui** que é onde é que eu... faço o estágio... (Jorge Luís – 26 anos – RO oral – no trabalho)
- 3) por exemplo... você se forma... aí você arruma **um empreguinho aqui**... (Jorge Luís – 26 anos – RO oral – no trabalho)
- 4) enquanto tem **pessoas aqui**... já funcionários... que ganham quatro... um mil a mais que a gente e trabalham aqui há dez... onze anos... (Jorge Luís – 26 anos – RO oral – no trabalho)
- 5-6) depois você chega pra/ mais pra longe... empurra a cadeira e olha... aí::... sabe? dá uma (definidade) “**esse aqui?** não... **esse aqui** eu não gostei muito... aquele ali é melhor::... (Mônica – 23 anos – RP oral – na PUC)
- 7) na escola/ na minha escola... tá:: caidinha... né? tá precisando de uma reforma... mas o estado... não colabora em nada... os professores se queixam e tudo... tem **professores muito bons aqui**... (Maria de Fátima – 22 anos – RO oral – na sala de aula)
- 8) porque um não respeita o lugar do outro... quer entra na frente... aí... **maior desorganização aqui**... quase que a inspetora a dona Maria... sabe? (Nilson – 14 anos – RO oral – na sala de aula)
- 9) eu gosto muito da Mafalda... eu já estudo aqui desde do... desde do CA... porque eu entrei aqui... eu faço aniversário em outubro... então... as matrículas eram em junho... julho... e eu não tinha idade ainda pra entrar... porque antigamente era com sete anos... então eu ainda tinha seis anos... eu ia fazer em outubro... então eu entrei atrasada... e eu só po... podia entrar... só podia entrar na/ no CA... não podia entrar direto na primeira série... aí eu entrei pro CA... estudei quinze dias... no CA porque eu já era muito adiantada... elas me passaram pra primeira série... aí de lá... eu estudei **oito anos aqui**... conheço...a maioria dos professores daqui... (Queli – 15 anos – RO oral – na escola)
- 10) a:: professora que eu mais gosto... é a dona Solange... de matemática... ela é super divertida... estudo aqui há muito tempo e... pelo menos que... eu saiba... ela é a melhor professora... não só na minha opinião... tem alunos também que acham... eu gosto de **todos os professores daqui**... mas... ela... acho que é a melhor... (Queli – 15 anos – RO oral – na escola)

11) **os professores daqui** são ótimos... eles fazem de tudo pra ajudar as pessoas... (Viviane – 15 anos – RO oral – na escola)

12) há **turmas aqui**... que têm alunos... que... que têm problemas com professores... (Viviane – 15 anos – RO oral – na escola)

13) que eu mais gosto? é dona Solange... de matemática... adoro aquela professora... é ela e também:... a dona Maria Aparecida... gosto dela... gosto dela mesmo... também tinha **uma professora aqui** que eu/ aquela professora pra mim era ótima... (Viviane – 15 anos – RO oral – na escola)

14) o que aconteceu comigo foi... quando eu... eu fui viajar... e fiquei lá muitos dias... fiquei sentindo **falta daqui**... (Alexsandro – 10 anos – NEP oral – na escola)

15) aqui a escola fica sempre bem limpi::nha... nunca vejo nada su::jo... eu vejo sempre elas varrendo o pá::tio... limpando o banhei::ro... ninguém/ **todo mundo aqui**/ ninguém joga... troço no li::xo... (Alexsandro – 10 anos – RO oral – na escola)

16) até que... ultimamente ela está sendo... está tendo refor::ma... botou muro... aí aquilo ali não era muro... né? era diferente... trocou telha::do... as salas foram pintandas... só que **os alunos daqui** são muito mal educados... picham tudo... dá chute... de pé... (Ana Maria – 12 anos – RO oral – na biblioteca)

17) Eu achei legal toda limpa linda amigos chatos e legais professoras também sabe que eu ja enjoei da minha outra escola e **dos feriados daqui** (Fernando – 9 anos – RO escrita)

18-19) **os banheiros daqui** são... super limpos... a cantina... eh... é bem grande... assim... e tem muita coisa... que nas outras cantinas não têm... aqui também tem... tem um/ **as rampas daqui** também são super limpas.. (Flávia M. – 12 anos – RO oral – na sala de aula)

20) que ela podia ser uma escola melhor... se... tivesse eh... um banheiro mais limpo... banheiro mais limpo... eh... sala... sala... sala... que não tivesse pichada... toda suja... cadeira quebrada... mesa... eh... tinha que ser melhor... né? tinha/ acho que não tinha que acontecer nada disso... eh... vidro quebrado... professora ignorante... professora ignorante... tudo ignorante... só uma profe/ **uma professora daqui** que eu gostei... (Ivan Cláudio – 11 anos – RO oral – na biblioteca)

21) ninguém deixa... eles não deixam pegar... só deixa quem é do jardim... deixa pegar **as coisas aqui**... que da quarta série... terceira... não deixa pegar... (Ivan Cláudio – 11 anos – RO oral – na biblioteca)

22) é... eu acho ela importante porque... ela tem () ela traz uma porção de coisa pra gente... ela ensina bastante coisa pra gente... tem... ah... tem **várias coisas boas aqui**... (Jéssica – 11 anos – RO oral – na escola)

23) lugar onde eu mais gosto de brincar... de passear... de fic ar... é Brasília... porque é lá onde eu nasci... eu não moro mais lá... porque minha mãe... resolveu se mudar pra cá... porque a nossa família está **toda aqui**... (Juliana – 11 anos – DL oral – na sala de aula)

24) é dentro **da minha casa aqui**... ou pode ser em volta dela também? (Luanne – 10 anos –

DL oral – em casa)

25) e a nossa/ eh... a professora da/ **as professoras daqui**... são muito legais... (Mariana – RO oral – na sala de aula)

26) quando eu estava... na casa do meu tio... e fui brincar de pique-esconde com a minha irmã e com a minha prima... de repente... eu fui se esconder... atrás da cortina... e... e quando eu fui me bater... eu me bati na porta da/ do quarto... e pisei no meu pé... e caí... e abriu a mi/ abriu a **cabeça aqui**... a testa... fui pro hospital... (Patrícia – 13 anos – NEP oral – na sala de aula)

27) e... **a única coisa aqui** que eu não gosto... é quando:: a professora manda::... a gente::... fazer assim... tabuada... (Patrícia – 13 anos – RO oral – na sala de aula)

28) aí quando eu fui me pendurar em cima da mesa... a mesa caiu toda em cima de mim... **isso aqui** (de mim) ficou tudo preto... (Rachel – 11 anos – NEP oral – na escola)

29) eu acho que **essa escola aqui** é legal... é muito bem cuidada... (Roselane – 15 anos – RO oral – na biblioteca)

30) e **os professores aqui** são tudo competentes... (Roselane – 15 anos – RO oral – na biblioteca)

31) Eu adora a escola Floriano Peixoto porque **as professoras daqui** ensinam muito bem (Roselane – 15 anos – RO escrita)

32) minha escola é muito legal... minha mãe quer me tirar... é porque a situação está difícil... mas... é muito legal... eu gosto daqui... **os deveres daqui**... são legais... (Viviane – RO oral – na sala de aula)

33) E: tem alguma coisa... assim... que tenha acontecido... eh... aqui... alg/ eh... eh... que tenha marcado na sua cabeça... alguma coisa que tenha acontecido com **você aqui**? (Entrevistador – NEP oral – na escola)

34) a porta é gelo... pintada de gelo... gelo... **essa cor aqui**... gelo... gelo... (Rosilda – 22 anos – DL oral – na escola)

35) mas um dia eles pegaram... ele viu a diretora... um aluno da sala falou pra diretora que viu **o menino daqui**... não sei qual foi a sala... carregando a concha... né? (Rosilda – 22 anos – RO oral – na escola)

36) a minha escola é a mais limpa do mundo... minha mãe falou que... a minha escola... quando eu estudava na outra escola era suja pra caramba... agora **essa daqui** é muito limpinha... (Felipe – 8 anos – RO oral – na sala dos professores)

37) E: é por isso que você gosta da sua escola? você faz **muita coisa aqui**... (Entrevistador – RO oral – na sala de aula)

SN COMPLEXO

1) estudei quinze dias... no CA porque eu já era muito adiantada... elas me passaram pa primeira série... aí de lá... eu estudei oito anos aqui... conheço... **a maioria dos professores daqui**... (Queli – 15 anos – RO oral – na escola)

➤ Como advérbio catafórico:

Niterói

1) eu... mais... juntamente com... uma e... **uma equipezinha daqui da escola** mesmo... dos estudantes... se reúne... eh::... pega as fofocas... (Margarete – 20 anos – Niterói – RP oral)

2) ele era **boy aqui na empresa**... (Marcelo – 19 anos – NR oral – no trabalho dele)

3) bom... **a violência aqui no bairro**... que é mui::ta... (Isabelle – 15 anos – RO oral)

4) um peda/ nesse pedaço assim... é... é perigoso... **um pedaço aqui do/ da frente do colé::gio**... (Isabelle – 15 anos – RO oral)

5-6-7) morreu **um cara aqui na frente**... tomou **tiro aqui na frente**... tomou **tiro aqui na frente**... (Isabelle – 15 anos – RO oral)

8) E: tô aqui com a Elizângela... que é:: moradora do bairro Gragoatá... aqui em Niterói... estuda **no CIEP aqui do Gragoatá**... (Entrevistador: Eduardo Kenedy – RP oral – no Ciep)

9) E: tá legal... você faz **isso aqui na/ na/ no colégio** com a tia? (Entrevistador: Eduardo Kenedy – RP oral – no Ciep)

10) botou **um guardanapo aqui na minha testa** porque estava muito sangue... (Elizângela – 10 anos – NEP oral – no Ciep)

SN COMPLEXO

1) E: tô aqui com o Flávio... meu amigo Flávio... ele tem dez anos... é morador do bairro São Domingos... em Niterói... é estudante da quarta série do IEPIC... um dos colégios/ **um dos colégios mais renomados aqui de Niterói**... (Entrevistador: Eduardo Kenedy – NR oral – na casa do informante)

Rio de Janeiro

1) E: e::... agora eu queria que você me dissesse a sua opinião... ou sobre a situação política... ou a situação econômica... ou **da educação aqui no Brasil** ... (Entrevistador – RO oral – no trabalho do informante)

2) são pessoas... assim... que não transmitem confiança nenhuma... ou seja... estão sempre envolvidas em roubo... falcaturas... botam **alguém aqui pela janela**... (Jorge Luís – 26 anos – RO oral – no trabalho)

3) se você for fazer **uma entrevista aqui na empresa**... pô... se três não forem conhecidos de alguém... o pai trabalhou... a mãe trabalha no sindicato ou trabalha no portuário... entendeu? (Jorge Luís – 26 anos – RO oral – no trabalho)

4) não deu pra eu estagiar... mas faz parte disso porque:... eu estou fazendo **milhares de coisas aqui na PUC** também... (Rafaela – 24 anos – NEP oral – na PUC)

5) meu irmão estava me contando outro dia que:... ele conheceu um... um cara lá em Friburgo... que roubaram o carro dele... há **pouco tempo aqui em Fri/ aqui no Rio**... (Rafaela – 24 anos – NR oral – na PUC)

6) Obs.: **O pessoal aqui em casa** prefere que vá ao congelador em vez de ir à geladeira. (Valéria – 23 anos – RP escrita)

7) Esse fato ocorreu há três anos atrás, eu tinha apenas quatorze anos e era ainda inexperiente em relação à **vida aqui fora**. (Claire – 17 anos – NEP escrita)

8) Essa história... até ouvi há **pouco tempo aqui no colégio** mesmo... (Fábio – 18 anos – NR oral – no quarto)

9) “ah... assim qual era o macete pra... pra... mexer o palito... que a gente coloca **o palito aqui nessa unha**... (Yuri – 18 anos – NR oral – em casa)

10) eu acho que teve **uma garota daqui da escola** que foi lá desfilar... a Clarice... (José Augusto – 15 anos – NEP oral – na escola)

11) quando eu fui/ quando eu estava na:... **na sexta série aqui na escola**... um... colega meu... né? ele... deu uma espetada no... no outro... né? (Olivaldo – 18 anos – NEP oral – na sala de aula)

12) ele chegou... ele me contando... né? falou que:: chegou uns... **uns garoto daqui do... Arnaldo Eugênio**... (Olivaldo – 18 anos – NR oral – na sala de aula)

13) eu gosto lá também... porque... na minha sala... tem muitos coleguinhas... e eu gostaria de ficar até:: **a universidade aqui nesse colégio**... (Daniel – RO oral – na sala de aula)

14) acho ela uma:... uma das melhores escolas que eu já estudei... e... quando... minha professora fez o ensino... ela também ensina bem... ela é uma professora... das melhores professoras que eu já peguei na/ **nesse ano aqui no Liceu**... (Patrícia – 13 anos – RO oral – na sala de aula)

15-16) acho que devia ter/ a escola ser muit/ eh... mais limpa... fazer **obra aqui na escola**... consertar a escola... direito... podia fazer **uma quadra aqui atrás**... (Wellington – 11 anos – RO oral – na escola)

17) uma vez eu saí pra jogar bola com uns amigos meus... ali... num campo ali atrás... aí

estamos jogando... estamos jogando... aí... tem uns colegas meu de briga... que briga no bairro... aí... aí **o moleque *daqui* de trás** bobou... foi... pegou ele... (Adilson – 18 anos – NEP oral – na escola)

18) eu não podia fazer uma cara feia pra ninguém que... minha mãe me batia... aí aconteceu de repente... eh... **um pessoal *daqui* mesmo do Rio**... me chamar pra mim/ me cham/ me convidou pra mim... vir trabalhar com eles... (Jucineide – 19 anos – NEP oral – na escola)

19) não sei qual foi da turma... que tem **muito aluno *aqui* dentro do colégio**... (Rosilda – 22 anos – RO oral – na escola)

20-21) ele:: diz que vê você passando **todos os dias *aqui* na rua**... e::... estava a fim de te conhecer...” eu falei assim “mas quem disse que eu passo **todos os dias *aqui* na rua**?” mas eu passava mesmo... sabe? (Queli – 15 anos – NEP oral – na escola)

➤ Como advérbio anafórico:

Niterói

1) eu gosto muito dessa orla... *daqui*... da::: da Boa Viagem... que vai até o Gragoatá... eu gosto muito **dessa orla *daqui***... (Aydano – 30 anos – Niterói – DL oral)

Rio de Janeiro

1) e depois ia(m) retornar à França com o rapaz pra cirurgia... aí esse rapaz foi ao consultório do médico... assim que:: o médico chegou no Brasil... e o médico falou que não... que ia tentar fazer **a cirurgia *aqui***... e já não deixou ele sair... ir pra casa... mas ele falou/ e o rapaz falou “não... mas... não era pra gente fazer a cirurgia lá:: com a equipe?” (Érica – 24 anos – NR oral – em casa)

2) mas eu acho muito difícil do Brasil sair (assim)... dessa situação... primeiro que nós somos ministrados assim... da pior forma possível... não que às vezes as pessoas podem pensar assim “porra... um rapaz novo já está assim desiludido...” não é não... é porque::... a situação agora... é essa... entendeu? pode até ser que melhore mesmo... não que nunca vá melhorar... mas... eu acho difícil... e mesmo porque... pô... **ministro *aqui*** é uma coisa que você muda de semana em semana... (Jorge Luís- 26 anos – RO oral – no trabalho)

3) Gostaria também que pintassem a escola, consertassem as carteiras e que o salário dos professores fosse aumentado para que eles trabalhassem com mais vontade. **Os professores *daqui*** são muito bons, muito dedicados, merecem um salário melhor. (Paula Fernanda – 15 anos – RO escrita)

➤ Como clítico:

Niterói

SN COMPLEXO

1) mas tem **um cursinho de vestibular *aqui*** que está vendendo... Caso híbrido D / CL
(Priscila – 17 anos – NEP oral – na casa da amiga)

Rio de Janeiro

1) olha... eu sei... eu sei fazer um ((riso)) **uma comida *aqui***... que... quando eu faço até que...
(Fábio – 18 anos – RP oral – no quarto)

Anexo I – D: Usos do locativo *ali*

➤ Como dêitico:

Niterói

1-2) “pô...**aquilo ali** não é perfume não...**aquilo ali** são uns sucos assim::...de pó... que eu boto... só pra ficar colorido... pra usar de enfeite...ou então que eu pego pra dar pra minha filha brincar...” (Alex – 29 anos – NR oral – na UFF)

Rio de Janeiro

1) depois você chega pra/ mais pra longe... empurra a cadeira e olha... aí::... sabe? dá uma (definidade) “esse aqui? não... esse aqui eu não gostei muito... **aquele ali** é melhor::...” (Mônica – 23 anos – RP oral – na PUC)

2) o Bocão chega pro Gigio e pergunta preocupado onde estão as “mulheres”, “são **aquelas ali** se afogando?” (Regina – 23 anos – NR escrita)

3) até que... ultimamente ela está sendo... está tendo refor::ma... botou muro... aí **aquilo ali** não era muro... né? era diferente... trocou telha::do... as salas foram pintandas... só que os alunos daqui são muito mal educados... picham tudo... dá chute... de pé... (Ana Maria – 12 anos – RO oral – na biblioteca)

➤ Como advérbio catafórico:

Niterói

1) eu não fico... restrita só **àquele pedacinho ali do calçadão**... (Eliane – 35 anos – Niterói – DL oral)

2) vou contar uma história que é triste... mas ao mesmo tempo é engraçada... eu tinha sempre o costume de ir na casa de um colega meu que morava **num... determinado lugar ali... na Engenhoca**... ali no João Brasil... perto de uma favela... (Marcelo – 19 anos – NEP oral – no trabalho dele)

3) fui na casa de **um** outro colega meu... pra gente ver se... se ele conhecia **alguém ali de dentro**... (Marcelo – 19 anos – NEP oral – no trabalho dele)

4) a minha tia tem **uma casa ali em Araruama**... (Marcelo – 19 anos – DL oral – no trabalho dele)

5) o quarto e tem **o banheiro ali pra trás** também que fica... próximo... (Marcelo – 19 anos –

DL oral – no trabalho dele)

6) depois eu e minha irmã passamos a freqüentar a igreja... **a igreja católica ali na:: Vila Pereira Carneiro...** (Mariana – 15 anos – NEP oral – em casa)

7) estava eu e o meu amigo... indo **pro museu ali na/ no Ingá...** (Afonso – 15 anos – NR oral – em casa)

8) e **a varanda ali da minha/ a varanda da:: perto/ da minha casa...** também é bom pra caramba... (Flávio – 10 anos – DL oral – em casa)

SN COMPLEXO

1) Acontece que nenhuma banca tinha e quando já estava certa de que só saberia o resultado no dia seguinte um jornaleiro comentou que estavam vendendo o jornal **num cursinho de pré-vestibular ali por perto.** (Priscila – 17 anos – NEP escrita)

Rio de Janeiro

1) ele vai vender... três televisões... vai pagar o imposto... e o cara vendendo **a televisão ali na frente...** o camelô::... vai... vai deitar na sopa... (Jorge Luís – 26 anos – RO oral – no trabalho)

2) “ah:: de repente hoje... sei lá... tenho que fazer um layout...” e:: primeiro um estudo... antes de fazer o... o layout... o trabalho... né? pra apresentar... então “o que é que eu vou fazer? ah::... tenho/ preciso de cor...” aí eu vou... pego os lápis de cor que eu quero... tudo que... tem colorido... lápis de cor... canetinha... hidrocor... marcador... papel colorido... o que for... aí coloco tudo **do meu lado ali... no lugar... assim... que tem/ a prancheta tem... o lugar que a régua corre...** (Mônica – 23 anos – RP oral – na PUC)

3) eu falei “não... mas ali no Arnaldo Eugênio já... já... tem muito conhecidos... se você vier até **o Arnaldo Eugênio ali no campo Mundial..** eu já conheço muita gente...” (Queli – 15 anos – NEP oral – na escola)

4) aí outro dia eu estava com o meu namorado... **na padaria ali... da rua do Brizolão...** eu vi ele parado assim conversando com os colegas... (Queli – 15 anos – NEP oral – na escola)

5) que eu gosto de ficar? ali perto do... jardim... ali **da escola ali atrás...** porque... tem muito/ tem árvores ali... né? (Queli – 15 anos – DL oral – na escola)

6) eh... pega uma garrafa... eh... tira aquela parte... tira aquela parte de baixo... e joga o resto fora... eh... e só deixa a parte da... eh... da boca da garrafa... aí vai... bota ali dentro... bota **o papel-higiênico ali dentro...** (Ana Caroline – 11 anos – RP oral – na escola)

7) uma vez eu saí pra jogar bola com uns amigos meus... ali... **num campo ali atrás...** aí

estamos jogando... estamos jogando... aí... tem uns colegas meu de briga... que briga no bairro... aí... aí o moleque daqui de trás bobou... foi... pegou ele... (Adilson – 18 anos – NEP oral – na escola)

8) eu acho que a seleção brasileira precisa... mais de atacante... Parreira está no lugar errado... ele não sabe nada de futebol... ele devia estar no/ onde ele sempre era... no Bragantino... o lugar dele é lá... devia ter **o Telê Santana ali... no comando...** (Adilson – 18 anos – RO oral – na escola)

SN COMPLEXOS

1) aí coloca **a massa do bolo ali dentro** e coloca no forno... (Roberto – 15 anos – RP oral – na escola)

➤ Como advérbio anafórico:

Niterói

1) só que::...o elevador... estava com defeito... então tive que ir até o outro elevador... do outro lado do prédio... que ficava mais de **cinquenta metros dali**... me arrastando (Alex – 29 anos – NEP oral – na UFF)

2) aí... pra chegar lá... e ver... que o elevador também estava com defeito... aí a enfermeira falou “ah... você pode sair pela lavanderia...” aí eu “tudo bem...” a gente começou a se encaminhar pra... lavanderia... que agora ficava a **uns cem metros dali**... (Alex – 29 anos – NEP oral – na UFF)

3) Tudo ia muito bem até chegar ao elevador e ver que ele não estava funcionando. Tive que ir até o outro que ficava no final do corredor a aproximadamente **50 metros dali**. (Alex – 29 anos – NEP escrita)

4) ali no João Brasil... perto de uma favela... ali é um lugar meio perigoso... e a gente escuta muito o pessoal falar que dava muito assalto em **ônibus ali**... (Marcelo – 19 anos – NEP oral – no trabalho dele)

5-6-7) a minha tia tem uma casa ali em Araruama...então a casa fica na beirada da lagoa ali é muito gostoso... essa casa é uma casinha... não muito grande... mas ela tem... tem dois quartos... tem a sala... mas **o lugar ali** que eu mais gosto é a : : exatamente a varanda dela que dá de frente pro mar... **no caso ali** você não chega a pegar o sol... da tarde... mas você vê o nascente do sol ali... nascendo lá embaixo no horizonte do... da lagoa né no mar... () muito bonito muito gostoso você ficar ali à tarde... ali: : bate uma brisa gostosa à tardinha... à noite também... **o céu ali** é uma parte escura tem pouca iluminação né... (Marcelo – 19 anos – DL oral – no trabalho dele)

8) o banheiro... por exemplo... ah... **aquilo dali** acho que nem pode ser chamado de banheiro... (Mariana – 15 anos – RO oral – em casa)

9) I: minha escola é legal... eu gosto de alguns professores... tem professores ruim... eh... tem merenda... refeitórios... as merendeiras são boas... merendas legais... os meus amigos brincam... as sala de aula tão/ tem ventilador... são limpas... são boas de estudar... a quadra de esporte é boa... as aulas algumas são boas... diretora não é muito boa mas (é) legalzinha ((longo silêncio))

E: você acha que deve mudar o diretor de lá?

I: sim...

E: por quê?

I: porque **a diretora dali** é muito rígida... (Afonso – 15 anos – RO oral – em casa)

SN COMPLEXOS

1) a minha tia tem uma casa ali em Araruama...então a casa fica **na beirada da lagoa ali** é muito gostoso... (Marcelo – 19 anos – DL oral – no trabalho dele)

2) exatamente a varanda dela que dá de frente pro mar... no caso ali você não chega a pegar o sol... da tarde... mas você vê **o nascente do sol ali**... nascendo lá embaixo no horizonte do... da lagoa né no mar... (Marcelo – 19 anos – DL oral – no trabalho dele)

Rio de Janeiro

1) tem uma passagem assim maneira da cozinha pra sala... com um balcãozinho... que a gente vai fazer **um bar ali**... (Daniel – 22 anos – DL oral – no quarto)

2) Depois da batida eu perdi a direção do carro e ele foi se arrastando uns cem metros pelo paredão do túnel. A Andréia que estava do meu lado e com o vidro aberto, ficou desesperada, porque além do nervosismo da batida, a fuligem e a sujeira do paredão voou toda na cara dela e ela estava toda preta. Ela começou a gritar para eu tirar **o carro dali** e ir embora, só que o carro não andava de jeito nenhum. (Daniel – 22 anos – NEP escrita)

3) aí coloco tudo do meu lado ali... no lugar... assim... que tem/ a prancheta tem... o lugar que a régua corre... e do lado tem sempre um espaço... né? pelo menos na/ do trabalho... que ela é grande... eu deixo **tudo ali**... (Mônica – 23 anos – RP oral – na PUC)

4) você tem:: um lugar pra brincar com **as crianças ali**... um parquinho... (Wagner – 18 anos – DL oral – na casa de uma amiga)

5) que eu gosto de ficar? ali perto do... jardim... ali da escola ali atrás... porque... tem muito/ tem árvores ali... né? (Queli – 15 anos – DL oral – na escola)

6) mas a... a escola não termina aí... porque ainda tem a cantina que é muito legal... tem

bastante coisas ali que a gente pode escolher ainda... né? (Angela – 12 anos – RO oral – na sala de aula)

7) eu estava ali na rua... com a bicicleta da minha irmã... né? aí eu estava descendo o morro... que era o morro assim da... da São Félix... tem **um morro ali**... (Fábio Luiz – 13 anos – NEP oral – na escola)

8) quem me contou... foi o... Fábio Miguel... lá na minha sala de aula... ele::... noutro dia estava contando **a história ali**... que... tinha um dinheiro pra botar lá na/ no banco do pai dele... (Fábio Luiz – 13 anos – NR oral – na escola)

9) achei um... aí... quando achei esse um... não era bem marisco... sabe o que era? um caramujo... só que... só estava a casca... casca... aí... o que que eu fiz? pensei que tinha alguma coisa dentro... catuquei... catuquei... **aquilo dali** serviu de enfeite pra mim... (Fernando – 9 anos – NEP oral – na biblioteca)

10) aí daí pouco... passa um/ você passou de fase... aí passa uns bichos soltando umas bolhas... também **aquelas bolhas dali** se encostar em você... você... perde as três vidas... (Fernando – 9 anos – RP oral – na biblioteca)

➤ Como clítico:

Niterói

1) eu olho aquilo tudo lá embaixo... e vejo a/ o horizonte que tem... além **daquele pedaço ali** que a gente convive... que é a praia de Icaraí... (Eliane – 35 anos – Niterói – DL oral)

2) quando é noite de lua cheia então fica uma lua cheia crescendo bonita e : também por ser beirada de praia gostoso.. entendeu? então ess/ **essa varanda ali**... (Marcelo – 19 anos – DL oral – no trabalho dele)

Rio de Janeiro

1) aí dá pra fazer... a receita de panqueca é mais ou menos parecida... só não leva fermento e você vai **na frigideira ali**... aí você pode rechear também de mil maneiras... (Regina – 23 anos – RP oral – na PUC)

2) naquele... momento... juntou todos os problemas de muito tempo atrás... naquele momento se resolveu... **todos aqueles problemas ali**... (Flávia Regina – 18 anos – NEP oral – em casa)

3) aí ele falou que a multidão que estava ali no rodeio... sabe? pra ver... eh... juntou assim em cima dele... aí todo mundo começou a brigar... cara... maior/ ficou/ acho que demorou meia hora... todo mundo brigando ali **no rodeio ali**... sabe? todo mundo brigando... (Roberto – 15

anos – NR oral – na escola)

4) aí nunca mais seguiu a gente... aí os garotos teve que levar a gente em casa... porque a gente não morava **naquela rua ali**... (Ana Caroline – 11 anos – NEP oral – na escola)

5) **noutro dia ali**... né? eu estava ali na rua... com a bicicleta da minha irmã... né? (Fábio Luiz – 13 anos – NEP oral – na escola)

Niterói

1) um amigo meu... há pouco tempo... ele... viajou pra Cabo Frio ((falha na gravação)) diz ele que quando ele foi pra praia... estava muito bem jogando... frescobol com o irmão... estava lá... jogando... de repente ele viu... uma garota... que ta/ que ele desconfiou que estivesse com o biquíni... do lado (do) avesso... aí... ele:: ficou meio desconfiado... né? foi/ continuou jogando o frescobol dele... depois de um tempo... a garota estava deitada... foi conferir... isso é o que ele me diz... né? para ver como é que era... e tudo... aí... viu que estava trocado mesmo... a parte da frente... era... era normal... e era aquele de lacinho... aquele biquíni de lacinho... e a parte de trás estava virada... estava aquele... forro... aquele negócio branco atrás ((riso))... entendeu? aí ele... percebeu aquilo e ficou... eh:: ele ficou olhando... e tudo... até disse que... juntou a família toda dele olhando... a irmã... a prima... não sei quem... todo mundo... olhando... e a irmã dele disse que ((riso)) ficou lá... e tudo... aí... ele:: falou “pô... vamos/” falou pro irmão dele... pra... ajudar a dar um toque na garota mas não... direto... né? aí ficou um do lado do outro... perto da garota conversando... né? conversando sobre várias coisas... isso:: a irmã dele que me contou... essa parte... né? aí começou “eh... mas é um troço muito di/ muito chato... esse negócio de biquíni trocado... né? tem gente que usa o biquíni trocado... será que é moda... nova?” não sei o quê... (disse) que tudo quanto era mulher que estava perto ficava olhando assim pra frente... não sei o quê... aí todo mundo... todo mundo... até ela olhando pra frente assim... olhando... nada de ver atrás... e ele continuou falando “eh::... deve ser moda... deve ser moda...” não sei o quê... aí... todo mundo olhando pra frente... nada de ver nada... de repente ela percebeu que... que estava trocado/ que era com ela... ela ficou toda envergonhada... foi pra::.../ foi **prum quiosque lá**... e destruiu tudo... (colocou) direito... mas poxa... essa história... acho que ele fez isso... CL / ANA (Pablo – 17 anos – NR oral – na sala de aula)

2) eu senti no ônibus alto lá atrás...ou melhor... no banco alto lá atrás do ônibus... né? perto do **trocador ali**... CL / ANA (Marcelo – 19 anos – NEP oral – no trabalho dele)

3) isso é um assalto... você me dá o seu dinheiro que você tem aí: : e **esse relógio aí**”... D / CL (Marcelo – 19 anos – NEP oral – no trabalho dele)

4) isso me lembra de **um amigo aqui** que... trabalhava aqui com a gente... D / CL (Marcelo – 19 anos – NR oral – no trabalho dele)

5) mas tem **um cursinho de vestibular aqui** que está vendendo... D / CL (Priscila – 17 aos – NEP oral – na casa de uma amiga)

6) E: como é que é **o relacionamento dos homens lá** com as meninas no seu colégio... CAT/ CL (Entrevistador – Eduardo Kenedy – RO oral – na casa do informante)

7) I: é... bastante... tem árvores... árvores grandes...o clube é grande... tem campo... quadra... tão construindo a sauna... a piscina é grande... eh... e... g/ bastante grande... tem... tem lá/ tem uma rua que corta **no meio das árvores aqui** assim... as árvores... D / CL (Afonso – 15 anos – DL oral – em casa)

8) (de vez em quando a) gente fica na piscina... que é grande... a piscina é rodeada de

árvores... a piscina no meio e **as árvores aqui** assim... D / CL (Afonso – 15 anos – DL oral – em casa)

9) a história que aconteceu comigo... aconteceu no... no clube Pioneiros... eh... foi no/ foi ano passado... ali no clube Pioneiros... fica **na Santa Rosa ali...** perto da Garganta... ANA / CAT (Afonso – 15 anos – NEP oral – em casa)

10) aí quase no final do baile... devia ser umas onze e pouca... todo mundo brincando... pulando... dançando... aí saiu outra briga... aí os seguranças separam... aí ficou briga/ ficou **a briga lá...** ANA / CL (Afonso – 15 anos – NEP oral – em casa)

11) E: Flávio... agora... pra encerrar a nossa entrevista... você vai me contar... o que que você acha... do seu colégio... qual e/ qual a opinião que você tem a respeito do seu colégio...

I: eh... eu gosto de tudo de lá... gosto do... eu gosto do:: gosto do recreio... das sala de aula... eh... sabe? do campo de futebol... eu gosto mais do campo de futebol porque ele () eh:: ele não é... ele não é grama... ele é melhor/ eh... campo de/ eh... esse campo tem.../ pode jogar vôlei... e:: vôlei e basquete... gosto do:: sabe? eh... das eh... de tudo de lá... eh... do... dos... eh... como assim? eh... quando a gente sai da/ quando a gente vai descer... tem **uma parte lá...** (uma que) tem um monte de:: eh... igual ao redondo... sabe? redondo... aí eu gosto de usar aquelas partes que você pode ficar lá... CL / ANA (Flávio – 10 anos – RO oral – em casa)

12) I: o lugar onde que eu mais gosto de ficar é na Igreja... lá tem:: micro... micro... ((riso)) microfone... banco... o banco de lá é de madeira... tem ventilador tem banheiro tem bebedouro... no palco onde o... o pastor fica... tem:: eh:: tem **um negócio lá onde que:: os outros são batizados...** CAT / ANA (Bruna – 10 anos – DL oral – em casa)

Rio de Janeiro

1) meu antigo supervisor começou a sacaniar o estagiário falando assim: “olha **o arruda aí André**” D / CL (André – 24 anos – NEP escrita)

2) aí eu cheguei pros caras e perguntei “pô... cara... tu bateu com **o carro aqui** também? que coincidência...” D / CL (Daniel – 22 anos – NEP oral – no quarto)

3) o lugar que eu mais gosto de ficar é no meu apartamento lá no Recreio... tem uma passagem assim maneira da cozinha pra sala... com um balcãozinho... que a gente vai fazer um bar ali... e pô... a decoração estão comprando todos os móveis lá na Tok & Stok... estou gastando a maior grana ((riso)) mas tá ficando legal... mas tá ficando legal... minha mãe me ajuda também... dá **uns toques lá...** que ela... gosta desses negócios de decoração... ANA / CL (Daniel – 22 anos – DL oral – no quarto)

4) porque ele... morava perto de morro assim::... aí foi isso... ele foi se envolvendo... se envolvendo... foi se envolvendo... aí quando ele quis sair... já era tarde de demais... aí o Nei... veio me falar isso... **essa notícia aí...** que era meio/ pode não ser... ser tão triste... entendeu? ANA / CL (Jorge Luís – 26 anos – NR oral – no trabalho)

5) mas eu acho muito difícil do Brasil sair (assim)... dessa situação... primeiro que nós somos ministrados assim... da pior forma possível... não que às vezes as pessoas podem pensar assim “porra... um rapaz novo já está assim desiludido...” não é não... é porque::... a situação agora...

é essa... entendeu? pode até ser que melhore mesmo... não que nunca vá melhorar... mas... eu acho difícil... e mesmo porque... pô... ministro aqui é uma coisa que você muda de semana em semana... quer dizer... o cara... não bota nem o plano em:// nem elaborou o plano já está saindo... e agora o cara vem agora com essa mania/ com esse... com esse negócio agora de cortar os três zeros da moeda... entendeu? primeiro que o povo... brasileiro... não tem noção nenhuma de quanto vale o dinheiro... entendeu? você vê aí... pô... um litro de leite... dezessete mil... um ônibus... dez mil... de repente a gente nem tem/ nem você... nem eu tenhamos/ assim estejamos tão ligados assim a isso... porque nós não somos pai de família... pô... mas é praticamente impossível uma pessoa viver... pô... com salário mínimo... ganhar um... aí... um e setecentos... isso não existe... entendeu? então quer dizer... a pessoa perde... a noção do dinheiro... por isso que a gente fala... né? que... pô “compra dólar... compra dólar...” porque eu acho/ no meu modo de ver... a única maneira/ não é nem especulação... não... a única maneira de você ter noção do dinheiro que você tem é você comprando dólar mesmo... entendeu? porque nem você aplicando o teu dinheiro... você tem aquela correção... certa... entendeu? porque às vezes você vai lá na poupança... você bota o teu dinheiro... aí nego dá trinta por cento... () trinta por cento... já dá o prazo fixado... trinta por cento vai dar a poupança esse mês... só que... pô... aqueles trinta por cento... pô não é a realidade... entendeu? de repente uma coisa que você está querendo comprar hoje... **uma caneta aqui**... que custa trinta cruzeiros... pô... vai botar a inflação trinta por cento... CL / ANA (Jorge Luís – 26 anos – RO oral – no trabalho)

6) ... aí depois... todo mundo olhou... ele viu que o bife/ **o bife ali**... a família toda sem graça ((risos)) aí (é) o fim da história... D / CL (Valéria – 23 anos – NR oral – em casa)

7) eu tinha saído com um menino... aí... quando dou conta ele estava dando um maior show lá na frente... fazendo um montão de coisa... fiquei super/ morrendo de raiva... né? aí eu fui e falei pra minha colega... aí ela falou assim “você vai sair com ele? de novo... se ele chegar aqui perto de você?” eu falei assim “não... não vou sair com ele...” e antes disso eu tinha recriminado a minha colega **que** ela estava saindo com um menino que ela falou que não ia sair... está eu recriminando ela... aí eu falei assim “não... não vou sair com ele não... dando **o maior show lá**... dando o maior show... não vou sair com ele não...” CL / ANA (Flávia Regina – 18 anos – NEP oral – em casa)

8) foi no meu aniversário eu acho que de sete anos... que eu levei uma surra no meio da festa... e o pessoal tudo ficou rindo... mas pra mim foi triste... pra eles foi... engraçado...

E: e por que que você levou essa surra?

I: ah... foi porque/ eu nem me lembro direito... acho que eu fiz **alguma coisa errada lá na hora** e... minha mãe ficou com raiva... ANA / CAT (Valéria Cristina – 17 anos – NEP oral – na casa da entrevistadora)

9) mas... chegou esse ano... o DEC queria uma oitava série com vinte e cinco alunos... só tinham vinte e dois... eles não deixaram eu terminar... a/ até a oitava série (lá esse ano) aí/ saíram/ cada um foi pra uma escola... aí:... isso me deixou um pouquinho triste... **o pessoal lá**... já era acostumada desde peque/ pequenininha na escola... ANA / CL (Carla – 16 anos – NEP oral – na sala de aula)

10) I: [lá no shopping] de Campo Grande...

E: ah... aí era música... eh... fundo... pras gatas desfilarem...

I: é... isso... o cara anunciava as garotas... né? aí eu botava a música... pra elas desfilarem...

E: e estava uma música tipo lenta [e você botou?]

I: [não... estava forte...] sim... ele tinha me explicado... certo? como é que era... mas só que na hora me deu um branco... aí eu fui virar assim... como se fosse falar com ela... assim do lado... aí eu fui virar assim pra falar com ele... cadê? os garotos tinham sumido... me deixaram lá sozinho...

E: mas você botou alguma música [né?]

I: [botei...] botei **uma música lá**... ANA / CL (José Augusto – 15 anos – NEP oral – na escola)

11-12) eles vieram mais rápido... alcançaram a gente... pegaram... falaram assim “menina... posso falar com vocês?” eu falei assim “nós estamos com pressa...” aí ele pegou e falou assim eh... “não... mas é rapidinho... sabe o que que é? é que a gente queria conhecer vocês...” aí eu peguei... falei assim “não colega... nós estamos com pressa... eu tenho que ir na casa de uma colega minha...” aí ele falou “mas é rapidinho... sabe o que que é? é porque **esse meu colega aqui**...” era o garoto que estava com ele... **esse meu colega aqui**... ele:: diz que vê você passando todos os dias aqui na rua... D / CL (Queli – 15 anos – NEP oral – na escola)

13) ele pegou falou assim “não... mas sabe o que é que é? é rapidinho... vamos ali tomar uma Coca-cola num bar...” mas o bar estava cheio de homem... eu falei assim “esse cara deve ser louco... chamando a gente pra tomar **uma Coca-cola aqui**... nessa hora... da... da noite... aqui nesse bar...” D / CL (Queli – 15 anos – NEP oral – na escola)

14-15-16) aí ele falou assim “mentira... eu sei que **essa caixa aí** é da Redley...” não sei quê... aí ele viu a sacola... sabe? da Redley... aí ele falou assim “agora tu vai deixar **essa sacola aqui**... ali **raquele banco ali**... D / CL (Roberto – 15 anos – NEP oral – na escola)

17-18) aí ele falou assim pra mim “agora tu vai ter que deixar **esse tênis aí**...” eu falei “pô... eu ganhei esse tênis agora... no meu aniversário e vou trocar... tu já vai levar cara... nem usei...” aí ele falou “é isso mesmo... tem... tem que ser esperto... tu deu mole... agora tu vai ter que deixar **esse tênis aí**... D / CL (Roberto – 15 anos – NEP oral – na escola)

19) a casa dele também tem um trailer... que às vezes a gente sobe em cima **do trailer lá** pra ficar... soltando pipa... um monte de coisa... ANA / CL (Fábio Luiz – 13 anos – DL oral – na escola)

20-21) pega... umas quatro varetas... uma tem que ser... uma tem que ser grande... que é a do meio... que é... que é assim... e duas que é... média... que tem que botar uma/ a média assim... as duas média assim... aí pega uma linha... e amarra... **nessa ponta daqui**... e vai avolteando assim... aí depois você pega um papel fino... aí recorta... deixa no modelo da pipa... mas deixa um... **um espaço aqui**... D / CL (Ivan Cláudio – 11 anos – R P oral – na biblioteca)

22) eu só me lembro... que foi ontem... até... a minha colega falou pra mim... que:: tinha uma:: moça... irmã de um::... de um homem lá... que trabalha lá numa vendinha... aí... foram lá todos eles lá pra praia... aí teve uma hora que... veio uma onda muito alta...muito alta mesmo... aí... eh... essa onda... estava puxando ela... fez tipo um rodaminho... ela ficou lá rodando lá no rodaminho... aí depois... eh... um home/ **um menino lá**... salvou ela... o salva-vidas... CL / ANA (Jéssica – 11 anos – NR oral – na escola)

23) que lá pela praia tinha um monte...aí ficou tudo bem... ela ficou lá... os pais dela... e os avós dela... estavam em casa... só eles que tinham ido pra praia... depois... eles fizeram **um barquinho lá**... CL / ANA (Jéssica – 11 anos – NR oral – na escola)

24-25-26-27) I: ela falou que terminou com um::/ aí ela e esse garoto novo... o colega da prima dela... eh::... ficaram... só/ eles tinham se separado... pra procurar os pais... aí... eh::... eles dois ficaram juntos lá... num/ numa ilha lá onde tinha pé de banana... pé de maçã... tinha pé de tudo... lá...aí ((riso)) ela fez **uma fogueira lá**... pegou peixe lá... fri/ eh... botou lá no fogo... ficou só **os dois lá**... aí... eh... disse que... toda hora que ela ia/ ela comia uma fruta... toda hora... aí tinha **uma porção de comida lá**... ela estava um... **um tempão lá**... ela dormi/ ela ficou um dia lá... CL / ANA – CL / ANA – CL / ANA – CL / ANA (Jéssica – 11 anos – NR oral – na escola)

28) eu acho que ela é... bem cuidada... bem limpa... grande... agora a gente... só devemos ter/ valo... valoriar ela... né? dar valor a ela... né? que ela é uma escola grande e bonita... né? né? porque tem **muita gente aí**... que rabisca o banheiro... D / CL (Marcela – 12 anos – RO oral – na biblioteca)

29) eu fui... pra casa da minha tia... aí meu... primo... ele tinha caído... aí gente teve que/ foi maior correri::a... aí tinha que ir no mé::dico... aí o ti/ aí eu ri pra caramba... aí depois chorei::... aí foi muito legal ((riso)) eu ri pra caramba... aí depois chorei... fiquei triste... depois fiquei com... saudade dele... que ele teve que ficar no médico... vi...

[ele estava jogando bola...] aí tinha um paralelepípedo... aí ele não viu.. aí caiu... tropeçou... e caiu...

[aí ele ti/]

machucou... abriu aqui o joe::lho... aqui no pé... sei lá... aí saiu sangue pra caram::ba... aí não tinha **meus tios lá**::... só tinha minhas tias... minha mãe estava fazendo unha... aí te... aí teve que arranjar um jeito... lá... pra levar no médico... CL / ANA (Maria Carolina – 10 anos – NEP oral – na sala de aula)

30) a mi... a minha tia... ela trabalha no Freeway... então um dia ela foi pro... trabalho... e quando ela voltou... ela contou uma história para mim... para minha mãe... pra minha avó... pra todo mundo que estava lá... é que ela estava/ ela é segurança... ela estava tomando conta dos carros de lá... e o amigo dela... daqui a pouco veio um/ dois... **dois caras lá**... que... e... e começou a dar tiro... e um tiro... pegou na perna do amigo dela ... e ela achou isso muito triste... CL / ANA (Mariana – NR oral – na sala de aula)

31) depois puxa o papel... e bota na garrafa... aí onde que sai a Coca-Cola... bota **o papel ali dentro**... só botar... o negócio preto lá debaixo... CAT / ANA (Rachel – 11 anos – RP oral – na escola)

32) aí veio/ foi um maior corre-corre... aí minha mãe “aqui... **esse garoto daqui** está machucado...” D / CL (Rafael N. – NR oral – na sala de aula)

33) eu deito... né? no/ lá na casa... no quintal... né? tem um galinheiro... eu fico vendo... teve um dia que eu vi... a... a galinha botar ovo... aí eu “oba... botou um ovo...” aí eu saí correndo... entrei lá no galinheiro... peguei o ovo... aí quando... peguei o ovo... o ovo estava quenti::nho... né? porque saiu agora... aí eu dei pra minha avó... lá tem os cachorros... eu gosto de lá... e teve **um dia lá** que eu peguei um passarinho... CL / ANA (Rafael N. – DL oral – na sala de aula)

34) eu nunca tive alguma reclamação da minha escola... por causa que eu acho a minha escola

muito boa... e... e... po... por causa... só um pouco... por causa do policiamento... que aqui fica muito/ de noite fica muito difícil... de tarde... antigamente eu estudava de tarde... é o meu primeiro ano na turma da manhã... e eu voltava assim muito tarde... aí um dia eu quase que eu fui assaltado... mas... aí esse ano teve **um negócio lá**... um abaixo-assinado... pra poder ver polícia/ poli/ maior policiamento... CL / ANA (Rafael S. – 11 anos – RO oral – na sala de aula)

35) também a maior aventura também que eu tive já muito boa mesmo também quando eu fui lá pro/ pra:/: ai... ai... eu esqueci o nome do lugar...

E: não tem importância...

lá pra... lá pra perto da Mangueira... lá pra:/:... Candelária... aí a gente andamos... andamos... pra caramba... daqui a pouco a gente vimos... a gente vimos um homem morto... ficamos cheias de medo... nós passamos pra ir... **pro baile lá**... mas muito longe mesmo... muito longe... CL / ANA (Roselane – 15 anos – NEP oral – na biblioteca)

36) E: bom... então... qual **a sua opinião aqui?** o que que você acha da escola? D / CL (Entrevistador – RO oral – na sala de aula)

37) tem um palhaço lá na parede... tem um pa... papel escrito umas frases que eu ganhei **na igreja aqui**... né? que eu estudava na igreja antes de vir pro colégio... - D / CL (Rosilda – 22 anos – DL oral – na escola)

38) o local... é no sítio... é porque a gente pode brincar... pode fazer o que quiser... pode fazer piquenique... a gente pode... eh:/:... botar **alguma piscina lá** encher... pra gente tomar ba:/:nho... CL / ANA (Bruna – 6 anos – DL oral – na sala de aula)

39) uma mulher lá... eh... que a filha dela... né? pegou... **uma catapora lá**... na escola... né? aí depois passou essa capa/ essa catapora... pra irmã dela... CL / CAT (Juliana – 7 anos – NR oral – na sala dos professores)

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)